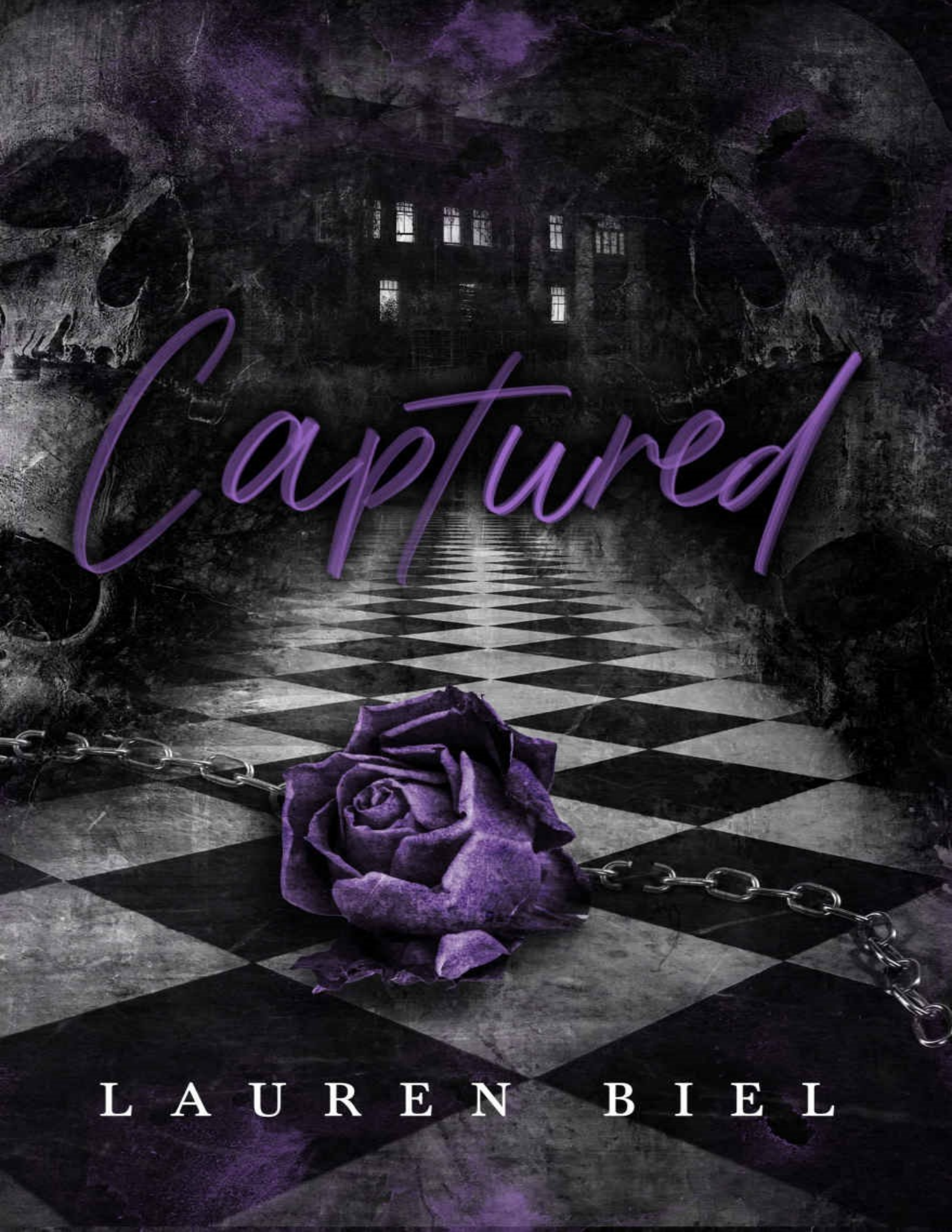

Captured
LAUREN BIEL

Capturado

Lauren Biel

Copyright © 2023 por Lauren Biel

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, eventos e incidentes são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Dados de catalogação na publicação da Biblioteca do Congresso

Capturado/Lauren Biel 1ª ed.

Design da capa: Pretty in Ink Creations

Edição de conteúdo: edição sem açúcar

Design de interiores: edição sem açúcar

Para obter mais informações sobre este livro e o autor, visite: www.LaurenBiel.com

Visite LaurenBiel.com para obter uma lista completa de avisos de conteúdo.

*Esta é a minha história mais sombria e é dedicada aos leitores que são corajosos o suficiente para lê-la **e** se divertir!*

Conteúdo

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Epílogo g ue

Conecte-se com Lauren

Agradecimentos

Também por Lauren Biel

Sobre o autor

Prólogo

PARA LEXZANDER

Agarrei a caixa contendo um jogo de damas contra meu peito de dez anos e rastejei em direção ao quarto de minha mãe. Era o jogo que minha mãe e eu jogávamos todas as noites, embora muitas vezes fosse difícil pensar no meu próximo movimento com todo o barulho vindo da sala mais adiante no corredor. Quando a gritaria diminuía naquelas noites e o Homem gritava por mim, minha mãe tentava me proteger com suas asas quebradas.

"Ele pode terminar nosso jogo primeiro?" ela perguntaria.

Às vezes funcionava, mas geralmente ele queria que eu fosse e ficasse com as mulheres depois que ele e meu irmão as tivessem quebrado. Quando as mulheres não tinham mais luta. Meu irmão tinha quinze anos e ele e meu pai poderiam lidar com um novo. Eu era muito jovem.

"Lou", dizia o Homem para minha mãe, "você vai deixar aquele garoto ainda mais fodido. Ele não vai saber como foder uma mulher direito se não o ensinarmos.

Ela não discutiu com ele quando ele disse não. Ela não podia, embora quisesse. Se ela pressionasse demais com a voz, ele a empurraria de volta com os punhos. E tudo o mais que estivesse por perto.

Minha mãe me amava de uma forma que ela não amava mais ninguém, nem mesmo meu irmão. Ela odiava o que ele se tornou. Ele seguiu os passos do Homem, molhando o pau sempre que podia. O Homem queria que meu irmão crescesse como ele, e ele estava fazendo exatamente isso.

Não houve gritos naquela noite, no entanto. Era rara a noite em que a casa estava silenciosa e eu queria aproveitar ao máximo. Se não chamarmos atenção para nós mesmos, minha mãe e eu poderíamos jogar duas ou três partidas de damas antes que o Homem me expulsasse do quarto dela.

Quando abri a porta, a caixa caiu das minhas mãos. O papelão esfarrapado se abriu e se espalhou em preto e vermelho pelo chão sujo.

O Homem ficou de pé sobre minha mãe enquanto ela estava deitada na cama. “Maldição”, ele gritou na cara dela. Ele retirou a mão e deu um tapa na bochecha dela.

Ela estava deitada debaixo dele, imóvel e silenciosa e muito morta. Eu não deveria saber como era a morte naquela idade, mas já a vi muitas vezes para reconhecê-la . Seus olhos verdes estavam voltados para trás das pálpebras. Suas bochechas geralmente rosadas ficaram brancas e seus lábios adquiriram um lindo tom de azul. A corrente que a conectava à parede circulava seu pescoço fino. Ela tinha feito isso. Ela acabou com a vida lamentável que vivia desde antes do meu irmão nascer. Depois de quase duas décadas acorrentada, ela se libertou.

Quando minha mãe morreu naquele dia, parte de mim foi com ela. A parte que ainda brilhava com algum lampejo de felicidade escondida naquela escuridão terrível. Quando ela ria, alto e cheio, isso me fazia rir também.

Agora houve silêncio. Chega de risadas da minha mãe e nada que me salve do Homem.

Capítulo um

20 anos depois

PARA LEXZANDER

Saí da lanchonete com as sobras debaixo do braço e entrei na caminhonete. Observei a garota de cabelos longos e escuros enquanto ela batia na mesa onde eu estava sentado. Meus dedos procuraram o recibo enfiado dentro da sacola de comida. Gostei do jeito que ela sempre assinava o pedaço de papel com um coração pontilhando o *i* do nome dela.

Ofélia.

Ela colocou rancho extra na sacola de comida para mim também, como sempre fazia. Ela já sabia meu pedido: ovos mexidos e rancho. Como tudo na minha vida, meus gostos eram uma merda.

Voltei para casa com a barriga cheia e minha mente pensando na normalidade daquele maldito restaurante. Hoje havia um homem sentado com sua família. Uma esposa que não estava acorrentada sentou-se ao lado dele. Ela parecia *feliz* por estar perto dele. Atrás deles estava sentado um caminhoneiro que encontrou a felicidade no fundo de um prato de torta. Pessoas normais fazendo coisas normais. Então, novamente, eu poderia ter parecido bastante normal para eles também.

Balancei a cabeça e entrei na entrada que levava a uma casa de fazenda em ruínas no meio do nada, o lugar que eu chamava de lar. A grama cresceu alta e livre. Flores silvestres pontilhavam a vegetação com toques de cor. Um celeiro de madeira ficava atrás da casa, mas estava a um chute de cair. A madeira foi cortada e martelada muito antes de eu nascer e não recebeu nenhuma manutenção ao longo dos anos. E dentro daquele celeiro havia um alçapão que levava a um poço de ossos.

Carreguei a comida debaixo do braço e caminhei em direção ao celeiro. Lutei para puxar a porta pesada ao longo de seu caminho desgastado na terra. Cheirava a morte no momento em que entrei, como deveria. O equivalente a duas gerações de decomposição coletada vivia

naquele celeiro. Do meu pai e do nosso. Se algum dia eu tivesse filhos, esperava que a cova nunca visse um osso novo, mas não tinha tanta certeza de quão realista isso era. Felizmente, nenhum de nós jamais engravidou nenhuma das mulheres que pegamos. Eu não teria pensado que a linhagem Bruggar terminaria conosco.

Sentei-me na cadeira de madeira empoeirada ao lado do poço. “Tem que haver mais por aí do que isso, mamãe,” eu sussurrei, deixando cair a cabeça para trás. O fantasma dela não respondeu, então respondi ao silêncio. “Eu sei, eu sei, claro que não há. Não há lugar para alguém como eu ir.”

O Homem costumava nos lembrar disso. *Este* era o nosso mundo. A extensão disso. Nossas vidas começaram e terminaram nesta propriedade esquecida por Deus. Claro, meu irmão e eu saíamos da fazenda de vez em quando para roubar e vender sucata para colocar comida na mesa, mas sempre voltávamos para casa. Não seríamos aceitos em nenhum outro lugar. Os Bruggars foram cortados de um tecido diferente, disse-nos o Homem. O mundo não era forte o suficiente para entender nossos caminhos, então o Homem fez de nós um mundo próprio.

Levantei-me e limpei a sujeira da minha calça jeans. Garras arranharam minha espinha enquanto eu olhava para os velhos chiqueiros, há muito abandonados. Manchas de sangue envelhecidas coloriam o concreto rachado. O Homem adorava alimentar os porquinhos com as mulheres. Ele disse que não fazia sentido desperdiçar comida de porco quando os animais eram tão bons em limpar a carne dos ossos. Nós os mantivemos alimentados e eles mantiveram o fedor baixo. Uma relação simbiótica. Aprendi esse termo em um livro de ciências que encontrei enquanto estávamos procurando sucata em um aterro sanitário. Meu irmão queria que eu queimasse o livro, então o fiz porque me senti mal por ele. Eu aprendi sozinho a ler um pouco, mas ele aprendeu tudo com O Homem. Suas aulas eram centradas em como abrir as pernas em vez de livros.

Olhei para o poço, onde o tecido mofado e a pele manchada me encaravam. Teria sido sensato conseguir mais porcos depois que o último deles morresse, mas seria eu quem cuidaria deles, e nunca gostei dos

animais barulhentos. Eu ainda podia ouvir seus gritos na minha cabeça à noite. Eles ficaram tão sedentos de sangue ao ver uma nova refeição.

Mas não foi apenas cuidar dos porcos que me aborreceu em conseguir mais. Também não gostei do que tivemos que fazer para alimentá-los. Sem os porcos, meu irmão pareceu deixar as mulheres ficarem mais um pouco. Ele não era um homem inteligente, mas sabia o suficiente para reconhecer que muitos corpos em decomposição naquele poço chamariam a atenção. Nenhum de nossos vizinhos morava perto o suficiente para fazer perguntas, mas ocasionalmente apareciam para deixar ovos de presente ou uma torta extra que a patroa fazia. Normalmente queimávamos os corpos, mas o cheiro ainda permanecia.

E se esse cheiro ficasse muito forte, eles iriam querer saber por quê.

Uma vez, perguntei ao Homem por que tivemos que matá-los. Perguntei por que não podíamos mantê-los por perto como fizemos com mamãe. Ele queimou a parte inferior das minhas costas por isso, e nunca mais o questionei. Se mamãe ainda estivesse viva, ela teria me dito que eu já tinha idade suficiente para parar de perguntar e apenas fazer o que me mandassem. Aprender a gostar porque o Homem estava a um passo de me matar. Claro, agora eu sabia o que estava acontecendo naquela época. Agora que eu era mais velho e vivi isso. O Homem não esteve a um passo de me matar. Ele já tinha feito isso. Eu estava morta por dentro desde o dia em que respirei sob sua sombra. Desde o dia em que nasci com o nome Bruggar.



OU FÉLIA

O cheiro do álcool era uma divindade que espreitava em nossa antiga casa de fazenda. Seu aroma pungente me cercou no momento em que entrei em casa depois do trabalho. Prendi a respiração e pendurei minha bolsa no gancho ao lado da porta. Tirei os sapatos com um silêncio que dominei. Com os dentes cerrados, estendi a mão para fechar a porta da frente. Eu a

abri com sucesso e entrei sem fazer barulho, mas as dobradiças enferrujadas me denunciaram quando a fechei.

"Ei! Menina, venha aqui! meu pai gritou da sala de estar. Suas palavras pingavam com a calúnia de uma bebida forte. Eles entraram em meus ouvidos e viajaram até meu estômago, onde se enrolaram em meu estômago como uma cobra, apertando-se e contorcendo-se. “Onde está sua mãe?” ele gritou.

Minha mãe estava morta há anos. A causa da morte dela foi natural e nada estava fora do lugar quando a encontrei no quarto deles. Bem, exceto pela falta de ar nos pulmões. Ela parecia tão abatida como sempre, mas mais pacífica do que o normal. Foi uma paz que provavelmente veio da fuga do meu pai. Quer o céu, o inferno ou o nada a esperassem após a morte, era melhor do que viver com ele.

Agora ele estava suficientemente embriagado para esquecer a ausência da mulher que havia cozinhado, limpo e cuidado dele durante tantos anos. Se ele apenas olhasse ao redor, para a quantidade de garrafas vazias e pratos sujos que atraíam moscas na mesa de centro, ele poderia ter se lembrado. Talvez ele estivesse tão bêbado que não conseguia enxergar direito.

Eu congelei no corredor enquanto sua cabeça careca espiava por cima da poltrona reclinável. Encostei as costas na parede amarelada pela nicotina e me encolhi o máximo que pude. Ele se virou e examinou a entrada, onde eu estava segundos antes.

“Onde está a garota, Mary Ann?” ele gritou.

Estremeci e caminhei para o outro lado até chegar às escadas que ele havia me seguido tantas vezes antes. Quando ele estava bêbado demais para subir, quando pareciam monumentais demais para um homem tão exausto, aquelas escadas me protegiam. Entrei no meu quarto, a porta rangendo me dando as boas-vindas em “casa”. Tirei meu uniforme de jantar e pendurei-o na porta do armário para o dia seguinte. Eu odiava meu trabalho, mas ele servia ao seu propósito. Isso me manteve longe de casa por um tempo e me deu a chance de economizar dinheiro. Eu ansiava pelo dia em que poderia fugir para a cidade. Não havia nada naquela cidade rural para uma garota como eu. Apenas um monte de terras agrícolas e fábricas.

Passei a mão no edredom da cama e ansiava pelos dias em que tinha que me preocupar em limpar o pelo de gato das roupas antes de sair para o trabalho. Eu trouxe para casa um pequeno gato malhado laranja para me fazer companhia alguns anos atrás. Era algo para amar, algo para cuidar e que poderia retribuir. Nos dias bons, meu pai coçava o queixo do gato e esfregava as orelhas até ele ronronar. Às vezes ele até o deixava dar a última mordida em seu sanduíche de carne enlatada. Mas os dias bons não aconteciam com muita frequência. No resto do tempo, tentei manter o gato escondido no meu quarto. Fora da vista, longe da mente. Durante um ano, pareceu funcionar, mas quando voltei para casa e encontrei o gato enrolado debaixo da minha cama com as costelas machucadas, sabia que não poderia mais ficar com ele. Meu pai acabaria por matá-lo – ele já se divertiu muito me matando lentamente – então eu o levei até a casa de um vizinho e implorei à esposa do fazendeiro que cuidasse dele. Eu esperava que ele estivesse bem. Qualquer coisa era melhor do que viver aqui, no entanto.

Coloquei meu pijama, sentei na cama que rangia e olhei para a televisão coberta de poeira. Fazia anos que não tínhamos TV a cabo e, embora o aparelho antigo tivesse orelhas de coelho, não era forte o suficiente para captar muito bem qualquer estação local, especialmente porque nada poderia ser considerado local para nós. Então fiz o que fiz durante todos os vinte e três anos da minha vida. Eu existi.

Fechei os olhos e pensei no meu dia. Eu ganhei algumas gorjetas decentes, a maior parte das quais guardei em uma caixa de lata atrás de uma grande pedra no início da nossa garagem. Meu pai esperava que eu entregasse algum dinheiro amanhã, mas eu guardei o que pude. Isso fez sentido e me deu esperança. Os freqüentadores locais não davam gorjetas fenomenais, mas tínhamos um bom fluxo de caminhoneiros que paravam na lanchonete e davam boas gorjetas. Alguns provavelmente esperavam que o empurrão monetário me convencesse a entrar em seus caminhões, mas eu não estava tão desesperado. Ainda.

Apenas uma pessoa não tinha deixado gorjeta, mas ele nunca pagava mais do que a conta pedia, então eu me acostumei. Além disso, ele me deu algo legal para olhar. Ele geralmente vinha com o irmão, que *não era* bonito de se olhar. Seu olhar faminto me deu arrepios.

O baque sinistro de botas pesadas soou na escada e atrapalhou meus pensamentos. Prendi a respiração e torci para ter apenas imaginado. Ao liberar o ar dos pulmões, ouvi novamente, instável e desleixado, mas claramente presente. Puxei o cobertor áspero sobre a cabeça e fechei os olhos, como uma criança pequena se escondendo do bicho-papão.

Não adiantaria nada. Cobertores protegiam as crianças de monstros imaginários, mas nada poderia me proteger do que se aproximava do meu quarto.

Minha porta se abriu com um som familiar e assustador. "Quando você chegou em casa, anjo?" meu pai balbuciou.

Seus passos pesados se aproximaram da cama. Ele tropeçou perto do estribo e quase caiu no colchão, mas se recompôs o suficiente para sentar-se pesadamente aos meus pés. O cheiro de álcool azedo flutuou sobre mim como um mau presságio. Uma mão grande e suja caiu no cobertor e pousou na minha coxa. Mesmo através do tecido, seu toque me queimou. Minha garganta apertou enquanto eu sufocava as lágrimas. Eu não podia deixá-lo ver que eu estava chorando. As coisas ficaram muito piores quando eu chorei.

"Saia e deixe seu pai deitar com você." Sua voz era suave e paternal, do jeito mais grosseiro. Uma maneira não natural.

Ele se arrastou para a cama comigo e eu lutei contra o calor das minhas lágrimas. Um deles passou pela dobra da minha pálpebra e bateu no travesseiro. O som trovejou em meus ouvidos, mas ele estava bêbado demais para ouvi-lo. Ele passou o braço em volta de mim e eu fiquei imóvel como uma pedra por vários minutos, antecipando o pior. Quando roncos de bêbado passaram por seus lábios, finalmente respirei fundo sob seu braço pesado.

O álcool pode ser uma bênção e uma maldição.

Capítulo dois

PARA LEXZANDER

No dia seguinte, encontrei-me novamente na lanchonete. Sentei-me em minha mesa de costume e girei os ovos secos e escamosos em meu prato. Nem mesmo o rancho poderia consertá-los. Eles provavelmente ficaram na frigideira quente por muito tempo.

A garçonete de cabelos escuros se aproximou, com a mão no quadril enquanto olhava para o meu prato. “Isso não serve”, ela disse enquanto pegava o prato na mão e o equilibrava no braço. “Deixe-me pedir ao cozinheiro que mexa um pouco mais para você.”

Ela pegou os ovos secos e desapareceu nos fundos, as portas de vaivém batendo umas nas outras depois que ela desapareceu. Ela não me deu uma segunda olhada quando voltou para a sala de jantar e bateu na bancada do bar. Ela pode não ter olhado para mim, mas tive dificuldade em desviar os olhos dela. Sua saia branca subia pelas coxas enquanto ela se inclinava sobre o balcão para chegar até a parte de trás dela. Meus olhos encontraram um hematoma arroxeado, logo acima do joelho. Isso não pareceu incomodá-la quando ela se inclinou na banqueta para dar uma última limpeza no balcão.

Um sino tocou agressivamente nas costas. Ela praguejou baixinho, abandonou o pano na bancada e correu até a cozinha. Ela voltou pelas portas de vaivém antes que elas tivessem a chance de fechar totalmente, como se a cozinheira tivesse jogado a bandeja em suas mãos e a virasse para empurrá-la de volta para o chão.

“Estes deveriam ser melhores”, ela disse enquanto deslizava o prato na minha frente. “Desculpe, não percebi como eles eram uma merda antes. Tenho muita coisa em mente hoje.” Os ovos estavam cremosos e macios, muito melhores que o último prato. Ela olhou ao redor da mesa e percebeu que havia esquecido o rancho. “Deixe-me entregar esta bandeja de comida e vou conseguir seu rancho para você.”

Uma pontada de ciúme tomou conta de meu peito enquanto ela corria para servir outra mesa. Nos dias em que ela trabalhava na lanchonete, eu pensava nela como minha garçonete. Minas. Eu não gostava quando ela oferecia seus doces sorrisos aos outros.

Depois de servir os outros clientes, ela olhou para mim se desculpando antes de voltar correndo para a cozinha para pegar meu rancho. Ela trouxe duas xícaras pequenas e as colocou na minha frente. “Sinto muito”, ela se desculpou.

“Pare de se desculpar por merdas que você não pode controlar, Ophelia.”

"Oh . . . você se lembra do meu nome”, disse ela, pega de surpresa.

Eu sabia muito sobre ela, na verdade. Como a maneira como ela prendeu o cabelo escuro em um rabo de cavalo antes de voltar para casa em seu carro surrado. Ela nem sempre dirigia, no entanto. Às vezes ela fazia o trajeto a pé e parava para coçar a cabeça de um dos pôneis da fazenda no caminho para sua casa. E eu sabia onde ela morava e que a velha caminhonete de seu pai estava na frente com os pneus quase vazios. Presumi que ele não saía muito de casa.

Quase o conheci uma vez, quando estava saindo do quarto dela enquanto ela estava no trabalho. Eu só queria saber como ela era fora daquele restaurante. Como ela viveu. Fiquei surpreso com todas as garrafas quebradas de álcool espalhadas como minas terrestres por toda parte. De jeito nenhum alguém poderia andar descalço por este lugar. Fiquei ainda mais surpreso com o vazio do quarto dela. Estava vazio de qualquer vida. Um conjunto de calças de pijama com estampa de flores estava dobrado em sua cama, e eu as peguei e as levei ao nariz, inalando seu perfume.

Tão limpo. Estou intocado.

Seu quarto parecia que ela nunca tinha crescido e feito seu, como se ainda estivesse presa em sua infância. Até o abajur de cabeceira, com seu abajur rosa pálido, parecia pertencer a um quarto de criança. Isso me deixou desconfortável.

Sim, a garota na minha frente não combinava com aquela que dormia naquele quarto. Eu me perguntei se a alma dela foi eletrocutada no momento em que ela entrou em sua casa, assim como a minha. A lanchonete era um sopro de vida longe das casas que nos sufocavam nesta

cidade pequena e de merda. *Quase* consegui esquecer que era um Bruggar no restaurante. Ela poderia esquecer o que a esperava em casa?

Ophelia me lançou um sorriso branco. Ela tinha um dente que era um pouquinho torto na frente, e era fofo pra caralho. Suas bochechas adquiriram um tom rosado enquanto ela preenchia meu cheque, e ela provavelmente podia sentir o calor do meu olhar enquanto eu esperava que ela me entregasse.

"Eu já ouvi seu nome?" ela perguntou, enfiando a caneta no avental. A campainha tocou com raiva, como se o cozinheiro estivesse batendo a mão repetidamente. "Sinto muito, preciso ir. Até a próxima", disse ela, deixando-me em silêncio.

Terminei, peguei uma caixa para viagem no balcão para não ter que incomodá-la novamente e coloquei o dinheiro na mesa antes de ir para minha caminhonete.

Fiquei sentado no veículo barulhento e parado por vários minutos, absorvendo um pouco mais dela. Ela lançou seus olhos azuis para mim pela janela e me lançou um aceno que me fez engasgar com a saliva que se acumulou sob minha língua. Eu poderia observá-la o dia todo, mas acabaria tão grande quanto meu irmão se continuasse indo ao restaurante só para conseguir uma dose dela. Com um suspiro e um último olhar para ela, voltei para casa.

Assim que entrei, tirei a caixa de comida da sacola e coloquei na geladeira. A coisa velha mal mantinha a comida fresca o suficiente para ser considerada segura, mas não tínhamos outra opção. A maçaneta quase saiu da porta quando a fechei. Nada que um pouco de fita adesiva não resolva.

"Alex!" meu irmão gritou do porão.

Eu odeio quando ele me chama assim.

Minha mãe me chamou de Alexander, mas ela nunca aprendeu a ler, então soletrou meu nome do jeito que soava. Foi aí que entrou o "z". Alexzander é de origem grega – *defensor do povo* – o que é irônico, considerando o que fazemos. O Homem odiava meu nome e disse que isso me fazia parecer um maricas, então ele se recusou a me chamar de Alex e escolheu Zander. Eu não me importei. De qualquer maneira, eu não gostei do jeito que meu nome soou em sua boca.

O nome do meu irmão era Gunnir, o que era horrível. Mesmo que houvesse duas maneiras corretas de escrever esse nome, ela ainda conseguiu estragar tudo. Eu preferiria um nome grego irônico a qualquer dia.

Estávamos fodidos muito além dos nossos nomes, no entanto. O Homem não nos permitiu frequentar a escola. Ele disse que qualquer coisa que precisássemos aprender sobre esta vida poderia ser ensinada por ele. Eu odiava ser burro, então aprendi sozinho o máximo que pude com os livros. Também aprendi uma quantidade surpreendente de coisas aleatórias com as mulheres. Um deles era um estudante de psicologia que adorava nos analisar. Ela disse que fomos condicionados, que fomos mantidos sem educação porque crianças estúpidas crescem e se tornam adultos estúpidos que guardam segredos de família seguindo os mesmos passos. Queria perguntar-lhe mais sobre isso, mas o Homem já se cansou dela antes que eu tivesse oportunidade. Ela estava certa, no entanto. Eu continuei seguindo os passos do Homem muito depois de ele ter partido, mesmo que não tenha seguido seu caminho tão de perto quanto Gunnir.

Um grito subiu pela escada do porão. Eu conhecia aquele som e, como a porra dos cachorros de Pavlov, comecei a salivar. Foi o som de um desespero doloroso e foi direto para o meu pau. Meu corpo respondeu no piloto automático, suando de excitação antes mesmo de eu saber o que estava acontecendo. As cicatrizes nas minhas costas formigavam – uma lembrança de todas as chicotadas que me treinaram para apreciar aquele som.

Como um cão de caça atrás de uma trilha de sangue, desci as escadas do porão de dois em dois. Quando virei a esquina, vi a origem da melodia. O macacão do meu irmão estava solto e preso em volta dos tornozelos. O cabelo escuro e oleoso pendia como uma cortina em volta do rosto e escondia os olhos minúsculos e quase negros. Uma mulher estava na frente dele, curvada sobre a mesa do carpinteiro, as correntes chacoalhando enquanto ele a fodia. Seu rosto estava coberto de lágrimas, ranho e cuspe enquanto ela lutava com ele até não poder mais. Seus olhos encontraram os meus, suplicantes e desesperados, mas ela estava latindo para a árvore errada. Eu não era muito melhor que Gunnir. A ereção dolorosa esfregando a frente da minha calça jeans provou isso. Assistir meu irmão transando

com aquela pobre garota sem sentido não deveria ter me deixado duro, mas lá estava eu. Difícil pra caralho.

“Eu ia deixar você começar”, disse Gunnir com um gemido, “mas ela parecia muito carente”.

Com sua constituição robusta e corpo imponente, Gunnir parecia nosso pai. Era como se ele tivesse sido copiado e colado neste mundo doentio que ele construiu. Até o formato do nariz, achatado e redondo, ele era a cara do Homem. Ele até fodeu como nosso pai.

“Tire seu pau para fora, Alex,” Gunnir disse enquanto rasgava a camisa da garota, expondo seus seios pesados.

“Não, por favor”, ela implorou.

As palavras me fizeram doer. Era impossível resistir àquela resposta condicionada às suas súplicas. Eu precisava dela como precisava de água em um dia quente. Aproximei-me e esfreguei seu queixo, e meus dedos deslizaram por pequenos rios de lágrimas e baba.

Seu cabelo loiro pendia em mechas emaranhadas em ambos os lados da cabeça. Seus lábios inchados estavam pintados de vermelho e pedaços de rímel grudavam nos cílios ao redor dos olhos azuis brilhantes. Gunnir adorava entregar-lhe a maquiagem e dizer-lhe para fazer como no dia em que a levamos. Nós a pegamos perto da faculdade da cidade, mas ela não era estudante. Pudemos perceber isso pela maneira como ela falava e se vestia. Uma prostituta, talvez. O Homem nos ensinou a escolher mulheres que não fariam falta, e ela se encaixou no perfil. Eu não gostava deles assim, cansados e esgotados, mas ela era bonita e tinha um baita par de seios.

“Não me morda,” eu disse a ela enquanto abria o zíper da minha calça jeans.

Ela balançou a cabeça enquanto eu puxava meu pau e o acariciava na frente de sua boca. Agarrei-lhe no queixo e levantei-lhe a cara até à minha pila até sentir o seu hálito quente a correr sobre a sua cabeça. Cada tremor de seu corpo contra a mesa me fez vazar pela ponta.

Agarrei seu cabelo e me esfreguei em seus lábios. “Abra, mas não me morda. Então me ajude, Deus, eu mesmo mato você se você tentar alguma coisa.

Eu não gostava de matar, então deixei essa parte para Gunnir. Ele tinha gosto por isso. Eu só queria usar as mulheres para cumprir o seu propósito: o meu prazer.

A garota abriu seus lábios inchados para mim, e eu passei por eles e empurrei o fundo de sua garganta. Seus dentes arranharam minha pele. Eu puxei e bati em sua bochecha pálida. “Sem dentes,” eu rosnei.

“Sinto muito,” ela sussurrou antes de abrir a boca para mim novamente.

“Ela é tão gostosa,” Gunnir gemeu enquanto parava o movimento de seus quadris e se deleitava com sua doce luta. "Você quase não saberia que ela é uma prostituta." Ele riu, e a garota fechou os olhos contra a palavra, como se isso a machucasse mais do que nossos paus juntos. "Você vai transar com ela quando eu terminar?" ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça. Eu não gostava de seguir os passos dele ou de qualquer outra pessoa. Passar por outra pessoa não foi o que me tirou do sério.

Olhei para a garota e apertei suas narinas, cortando seu ar. Suas bochechas incharam enquanto ela lutava para respirar, e suas mãos se agitaram em meus quadris, agarrando-me com unhas que cravaram em minha pélvis. Era disso que eu precisava. A luta.

Agarrei-a pela nuca com a mão livre e fodi-lhe a cara de uma forma que só um homem Bruggar conseguiria. Assim que seu aperto afrouxou e ela caiu inconsciente, enchi sua garganta e soltei seu nariz.

Ela respirou ofegante quando Gunnir saiu dela. Sua luta arrancou o prazer dele também. Ele odiava quando eles desistiam no meio do caminho. Muitas vezes eu o vi enfiar o pau na bunda de uma mulher para fazê-la se contorcer novamente. A dor arrancou-os dos lugares seguros para onde rastejavam em suas mentes. Mecanismos de enfrentamento. Essa foi outra coisa que o estudante de psicologia falou. Eles lidaram com a situação dissociando-se e indo para qualquer lugar feliz que residisse em suas cabeças. Em algum lugar fora do porão da casa de merda cercada por florestas no extremo leste de Nova York.

“Doce menino Jesus, venho com ela como nunca fiz com ninguém”, Gunnir gritou enquanto sacudia o macacão e o colocava de volta no lugar. “Mesmo quando ela não luta, ela ainda arranca meu pau. Tem certeza de que não quer uma vez?

Revirei os olhos e enfiei meu pau gasto nas calças. "Não quando ela está cheia de sua coragem."

“Mamãe fez de você uma vadia, exatamente como o Homem disse que ela faria.” Gunnir riu e abotoou a alça esquerda do macacão. Ele deixou o lado direito solto, expondo a camiseta suja por baixo. “Uma buceta é uma buceta, tenha entrado ou não.” Ele encolheu os ombros e passou por mim, deixando-me lidar com a garota.

Eu não estava sendo uma vadia sobre nada. Eu não gostava da sensação de gozo de outra pessoa ou da maneira como ele se acumulava na base do meu pau, e encontrar pedaços da porra seca do meu irmão no meu púbis não era exatamente a minha ideia de diversão.

"Por favor . . .” Sua imploração me tirou dos meus pensamentos.

"Não. Não faça isso comigo,” eu disse enquanto a arrastava para ficar de pé e olhava para ela. Alisei seu cabelo loiro rebelde. "Você está bem. Não há pior desgaste. É apenas um idiota. Nada que você não esteja acostumado.

O gozo de Gunnir escorreu por suas coxas pálidas e sujas e caiu no concreto. Curvei o lábio, apontando para o balde sob a torneira que se projetava da parede.

“Você sabe o que fazer”, eu disse. “Vá se limpar.”

Ela caminhou até a torneira e girou a maçaneta. Água cor de ferrugem escorria da torneira e circulava por um ralo no chão. O cheiro metálico era quase forte o suficiente para substituir o aroma picante do odor corporal, mas não exatamente. Ela juntou a água nas palmas das mãos e levou para o corpo. Arrepios surgiram em sua pele por causa do frio. Pela maneira como ela esfregou furiosamente entre as pernas, ficou claro que ela não sentia por Gunnir o mesmo carinho que ele tinha por ela. Se ela fosse esperta, começaria a fingir.

Enquanto subia as escadas para o primeiro andar, procurei no bolso e tirei o recibo da lanchonete. Enfiá-lo dentro da minha calça jeans amassou o papel, mas eu ainda conseguia ver a assinatura de Ophelia na parte inferior. Ver o nome dela puxou os cantos da minha boca. Ela era uma garota muito doce.

Quando entrei na cozinha, encontrei Gunnir em frente à geladeira aberta, procurando algo para comer no espaço quase vazio. — Ainda sobrou um pouco daquele ensopado?

Empurrei-o para fora do caminho e peguei o pote de metal da prateleira de baixo. Ele tinha visto a panela, mas estava com preguiça de aquecê-la sozinho. Perguntar sobre isso era sua maneira de insinuar.

Coloquei a panela no único fogão que ainda funcionava e aumentei o fogo. As tigelas que usaríamos para comer ainda estavam na pia da noite passada, então lavei-as e coloquei-as no balcão. Gunnir sentou-se em uma cadeira e foi até a mesa da cozinha, prestativo como sempre. Ele pegou uma colher com seu punho enorme e bateu ritmicamente contra a madeira.

Quando o ensopado começou a borbulhar, enchi as tigelas e deslizei a dele sobre a mesa. Ele chacoalhou ao longo da madeira rachada. Ele parou de bater a colher como uma criança crescida e começou a comer: ensopado de veado, como nossa mãe fazia. Olhei para Gunnir enquanto ele comia, enfiando colherada após colherada em sua boca, como se tivesse sido observado. O grande idiota não tinha perdido uma refeição em toda a sua maldita vida.

Revirando os olhos, sentei-me em frente a ele e comecei a comer. Gunnir continuou falando com a boca aberta, o molho escorrendo pelo canto da boca e caindo da colher enquanto gesticulava. Eu não deveria tê-lo julgado – eu também nasci Bruggar – mas, caramba.

“Eu não entendo por que você não quer transar com ela,” ele disse com a boca cheia.

Balancei a cabeça e engoli o que estava na minha boca. “Não é que eu não queira transar com ela. É que você claramente gostou dela e parece um cachorro transando com um brinquedo de pelúcia quando gosta deles.

Ele olhou para mim, mastigando alto. “O que isso tem a ver com alguma coisa?”

“Eu não preciso ficar explicando isso para você. Não gosto de seguir o pau de ninguém.”

“Por que você tem que fazer isso soar assim? Como eu *gosto de* seguir o pau? Eu não sou nenhum. . . alguns . . .”

Eu soltei um suspiro. Havia cinco células cerebrais em sua cabeça, e elas estavam lutando por ar lá dentro. “Jesus, apenas pare. Não estou te ligando de nada. Eu não gosto disso. É isso. Não há mais nada nisso. Você e o
O cara jogou assim, mas eu não.”

"Você está me chamando de incesto?"

Esfreguei minha têmpora. “Você é tão burro quanto o atropelamento de ontem.”

Gunnir olhou para mim e mastigou. “E se conseguirmos um para você?”

“Um de quê?”

Ele sorriu. “Uma garota. Arrume uma garota para você. Ele girou a colher. “E você diz que sou burro.”

Engoli. “Essa é uma ideia muito boa.”

“Veja, eu também os entendo! Não é só você, filhinho da mamãe.

Terminei minha comida. A carne estava dura, o que era diferente do modo como minha mãe a preparava. Ela fez tudo perfeito. Ela pode não ser capaz de ler um livro de receitas, mas sabia como preparar um jantar como ninguém.

"Eu sei?" Gunnir perguntou quando terminou de comer. “Você está pronto para fazer isso?” "Amanhã." Eu balancei a cabeça. “Vamos arranjar uma garota para mim.” Eu sabia exatamente quem eu queria.

Capítulo três

OU FÉLIA

“Eu disse pedidos!” uma voz rouca gritou da cozinha.

"Estou chegando!" Liguei de volta. Eu odiava quando ele gritava daquele jeito. Ele me lembrou meu pai, o homem que eu desejava que morresse e me deixasse sozinha para morar na pequena casa na colina.

Algumas pessoas odiavam a solidão, mas depois de uma vida inteira de explosões de raiva que não conheciam limites, eu teria gostado do silêncio.

“Obrigada,” eu respondi enquanto soprava uma mecha solta de cabelo escuro da minha testa.

Equilibrei a bandeja em uma das mãos, cheia até o limite de copos, tigelas e pratos sujos. Quando entrei na cozinha abafada, o cozinheiro quase me derrubou na pressa de colocar outra bandeja em minhas mãos. Coloquei a louça suja perto da pia e anotei os pedidos antes que a cozinheira tivesse um derrame. O cheiro de ovos e grãos chegou ao meu nariz. Foi celestial. O cozinheiro pode ter sido um idiota, mas ele poderia fazer alguns grãos.

Peguei um copo plástico de rancho e voltei para o chão. Tabela quatro. Eles sempre pediam a mesma coisa toda vez que entravam. Ovos mexidos com acompanhamento de rancho para o bonito e grãos com manteiga extra para o grande.

Coloquei os ovos na frente do homem de cabelo castanho claro. Ele usava uma camisa de flanela abotoada até o alto, mas eu ainda conseguia ver o corte de seus braços por baixo do tecido. Ele não era excessivamente musculoso, mas parecia forte. Ofereci-lhe um sorriso.

“Obrigado, senhorita,” ele disse com um sorriso caloroso.

Deslizei os grãos na frente do homem à sua frente. Ele era rude, com uma barba desgrenhada e cabelos longos e escuros amarrados com um raminho de barbante. Seu macacão imundo estava aberto de um lado e ele cheirava a cigarro e mofo. Ele nem sequer acenou com a cabeça antes de comer sua refeição como um animal faminto.

O outro homem ergueu o garfo e olhou ao redor da mesa. Eu tinha esquecido de dar a ele a necessária – e estranha – cartola. Peguei as duas xícaras da bandeja e coloquei-as na frente dele, lutando contra a curvatura do meu lábio enquanto derramava o rancho cremoso sobre seus ovos.

Ele olhou para mim com uma risada. "É bom. Não critique antes de tentar.

“Vou acreditar na sua palavra”, eu disse. "Você precisa de mais alguma coisa?" Ele balançou a cabeça e me agradeceu novamente.

Fui até o caixa para preencher o cheque, mas não consegui evitar que meu olhar voltasse para ele. Quando comia, ele mexia, com cuidado e quase refinado. Se não fosse pela calça jeans suja e pelas botas gastas nos pés, eu o teria confundido com um garoto da cidade. O homem à sua frente parecia — e cheirava — como se pertencesse a um chiqueiro. Eles eram noite e dia, aqueles dois.

Quando eles estavam quase terminando a comida, coloquei a conta na mesa e comecei a me afastar.

“Vejo você em breve”, disse o grande.

O outro homem lançou seu olhar estreitado para ele antes de encontrar o meu. Balancei a cabeça e continuei em direção à cozinha. O grande nunca tinha falado comigo antes, mas deixei a estranha interação sair da minha mente enquanto saía para limpar pratos e cafeteiras. Quando voltei, todos tinham ido embora, inclusive os dois homens locais. Fui limpar a mesa deles e, embora não esperasse uma gorjeta, esperava *pagamento* .

Eles não deixaram nenhum dos dois.

“Filho da puta,” murmurei baixinho.

Olhei para fora e vi as luzes de uma velha caminhonete iluminando o outro lado do estacionamento. Marchei pelo cascalho e bati na janela do motorista. O atraente abaixou-o e o som baixo da música country saiu da cabine.

"Qual é o problema?" ele perguntou.

“Vocês não pagaram. Se você não me der o que é devido, terei que descontá-lo do meu próprio dinheiro”, eu disse com a mão no quadril.

“Gunnir, está certo?” ele disse, virando-se para o homem grande no banco do passageiro. "Você não pagou a senhora?"

Gunnir encolheu os ombros. “Acho que esqueci.”

Olhei ao redor do estacionamento. Estava vazio, exceto pela caminhonete e pelo pequeno sedã do cozinheiro em frente à porta do restaurante. Eu tinha escolhido ir a pé para o trabalho naquela tarde e agora me arrependia. As árvores balançavam com a brisa e as taboas roçavam umas nas outras, criando um zumbido baixo. Parei um momento para olhar para o céu – nublado e pesado, sem nenhuma estrela à vista. As fracas luzes do estacionamento não ajudavam a atravessar a escuridão,

especialmente porque uma delas tremeluzia e outra havia apagado completamente.

O motorista estendeu a mão pela janela e colocou a mão no meu braço. Os pelos do meu pescoço começaram a arrepiar e meu estômago deu um nó, torcendo na minha barriga. Se algo acontecesse comigo aqui, ninguém me ouviria gritar. A cozinheira estava ocupada limpando a cozinha e éramos as únicas pessoas que restavam no estacionamento.

“Não torça sua linda calcinha”, disse o motorista. “Posso pagar agora.”

Ele soltou meu braço e eu soltei um suspiro silencioso de alívio. Eu estava apenas sendo um gato assustado. Ele folheou uma velha carteira de couro, examinando notas amassadas. Enquanto ele tirava as notas – todas, é claro – eu estendi minha mão em direção a ele. Ele os soltou antes que alcançassem minha palma, deixando a brisa noturna levá-los para longe de mim.

Idiotas.

“Sinto muito, senhorita. Deixe-me ajudá-lo”, disse ele enquanto eu começava a correr atrás das contas.

As portas do caminhão bateram e as botas caíram no chão quando eles se aproximaram. Agachei-me para pegar duas de solteiro perto do pneu traseiro, mas ele colocou o pé em uma delas antes que eu pudesse segurá-la. Quando meus olhos rolaram para os dele, minha respiração ficou presa na garganta.

“Só não queria que isso explodisse. Meu Deus, você está nervoso. Relaxe, Ofélia.

Ele se abaixou e tirou o dólar de debaixo da bota. Quando eu estava prestes a me levantar e pegar o dinheiro da mão dele, uma dor queimou minha nuca e desceu pelo pescoço – uma queimadura aguda antes de eu parar de sentir qualquer coisa.



UM COBERTO GROSSO de desorientação me cercou como neblina. Eu estava pendurado no ombro de um homem e a dor queimava minha cabeça a cada movimento. Lutei contra a vontade de esfregar o sangue seco que

coçava na minha têmpora. Os dedos do homem cravaram-se na minha coxa e tentei emitir algum som, mas até a minha voz parecia perdida. Ouvi uma mulher dizer algo próximo, mas tive muito medo de abrir os olhos. Isso tornaria esse pesadelo uma realidade.

"Venha aqui, puta", disse uma voz profunda.

A garota choramingou quando um farfalhar alto terminou com o barulho de metal no concreto. Quando levantei a cabeça, vi a sombra borrada de alguém fazendo sexo com uma garota. Uma corrente prendia seu tornozelo à parede.

Tudo em mim me dizia para lutar, mas não consegui. Mesmo que eu conseguisse fazer com que meu corpo fizesse o que precisava, eu estava preso pelos pulsos.

O concreto esfregou meus cotovelos enquanto o homem que me segurava me colocava no chão. Outra corrente sacudiu e algo se enrolou em meu tornozelo.

"Alex, se você não transar com ela, eu vou sair dessa e colocar direto nela", disse a voz rouca novamente. Ele parecia tão distante.

"Eu não gosto quando eles estão dormindo. Qual é o objetivo? o homem atrás de mim disse.

"A questão é estourar uma noz. Quem diabos se importa se eles estão acordados, dormindo, vivos ou mortos? Merda, buceta assim é boa, não importa o que aconteça.

Chorei e tentei me afastar das mãos curiosas em minhas coxas, mas era impossível me mover. Meus membros eram pesados demais para me arrastar para qualquer lugar. Minha saia subiu até a cintura e um rosnado baixo veio de trás de mim. Mãos duras agarraram meus quadris enquanto me colocavam de joelhos, e o concreto cavou em minha pele. Eu senti como se fosse cair de cara no chão, mas ele fez de tudo para manter minha bunda levantada para ele. O homem atrás de mim cuspiu na mão e esfregou a saliva quente entre minhas pernas.

"Não," eu sussurrei, mas não tinha certeza se estava em voz alta ou na minha cabeça.

Ele não respondeu de qualquer maneira. Ele empurrou dentro de mim, quase me derrubando de bruços. Virei minha cabeça para observar a sombra embaçada no canto fodendo uma garota através de gritos

horrorizados enquanto as estocadas rítmicas contra minha bunda continuavam. A sombra não parava de me encarar enquanto empurrava com mais força, derrubando a garota contra a mesa.

Tentei desaparecer da minha mente, mas doía muito lá dentro também. O golpe causou uma dor torturante que se recusou a diminuir, especialmente quando o homem atrás de mim colocou seu peso sobre mim e empurrou com mais força. Cada movimento vibrava contra meu crânio sensível. Movi meus braços em direção ao meu corpo, tentando encontrar uma maneira de cuidar da minha cabeça.

"Porra, como ela se sente?" a sombra embaçada disse através de um gemido.

“Ela é incrível,” o homem atrás de mim rosnou.

“Mal posso esperar para levá-la para um passeio,” a sombra gemeu.

O homem atrás de mim zombou. “Não, Gunnir, ela é minha.”

“Nós compartilhamos merda. Sempre fizemos isso. Isso é o que os irmãos fazem.”

Eu tentei me virar. Ele não estava sendo rude comigo, mesmo que estivesse tomando o que queria à força. Ele não me atravessou da mesma forma que a sombra do outro lado da sala atravessou a outra garota. “Por favor,” eu implorei, minha voz ainda cheia de dor.

“Estou quase terminando,” ele sussurrou enquanto enfiava os dedos em meus quadris. De algum lugar bem dentro de mim, encontrei minha voz. Eu gritei.

“Continue gritando,” ele gemeu acima de mim, seus quadris parando quando ele gozou. “Você pode gritar o quanto quiser. Na verdade, nós encorajamos isso.”

Ele me virou de costas e a corrente bateu no chão. Finalmente consegui vê-lo, e outro grito me percorreu quando o reconhecimento tomou conta de mim. Através da minha visão turva, ainda conseguia distinguir seu rosto. O “refinado” da lanchonete. O homem que espalhou o dinheiro pelo estacionamento. Senhor Ovos com Rancho.

Virei minha cabeça em direção aos gritos ao meu lado e percebi que era o maior forçando outra garota. Ele olhou para mim enquanto empurrava, ficando mais forte quando me viu observando-os.

O homem acima de mim deixou seu pau descansar contra o cabelo fino e escuro ao redor da minha boceta. Eu me debatia, e quanto mais eu lutava, mais seu pau se contorcia contra mim, como se ele estivesse se contendo para não empurrar dentro de mim novamente. Seu gozo escorria de mim em uma trilha branca e espessa. Minha garganta queimou de tanto gritar. Minha cabeça estava me matando. Uma dor aguda irradiava do lado esquerdo do meu crânio. Foi vertiginosamente doloroso, mas eu sabia que precisava lutar contra isso. Chutei o homem sentado sobre os calcanhares entre minhas pernas.

Eu não tinha ideia de onde estava, mas percebi que era um porão pelo cheiro de mofo que flutuava sobre mim como um cobertor grosso. O concreto retinha o cheiro insuportável de gozo, urina e suor. Isso me lembrou do quarto do meu pai, cheirando como o mal que dormia dentro daquelas paredes.

Estremeci ao pensar nos passos pesados de meu pai na escada depois de uma noite de bebedeira. Passei as noites em silêncio esperando que ele não me notasse. Eu já sabia como era o verdadeiro mal dentro de mim. Mal que deixou de me amar incondicionalmente, como qualquer pai deveria, para me tocar de uma forma que ele nunca deveria ter feito. Agora fui transplantado para um novo espaço com os mesmos cheiros e os mesmos males.

"Por que?" Perguntei ao homem entre minhas pernas.

Ele vestiu a boxer e fechou o zíper da calça. Com um suspiro, ele se inclinou sobre mim, esfregando entre minhas pernas com a braguilha de sua calça jeans. Ele pressionou os lábios perto do meu ouvido, e o cheiro de cigarro barato cantou em meu nariz. “Porque você é minha agora, O,” ele sussurrou. “Limpe-se.” Ele se moveu em direção a uma torneira contra a parede antes de cortar a fita dos meus pulsos e seguir para as escadas.

"Por favor!" Eu implorei. Eu não queria que ele me deixasse lá embaixo. Eu queria que ele me deixasse ir. Ele conseguiu o que queria.

Quando ele não fez nenhum movimento para voltar para mim, fiquei de joelhos, esfregando a cabeça com a mão trêmula. O movimento parecia mais sair de mim, e o calor contra minhas coxas me fez engasgar. Talvez me limpar não fosse uma má ideia. Rastejei em direção à torneira, mas o homem maior se virou para mim com um olhar severo.

"Ainda não!" ele gritou com um impulso poderoso que sacudiu a mulher à sua frente.

Recostei-me e tentei controlar minhas mãos trêmulas o suficiente para puxar minha calcinha.

Gunnir jogou a garota para frente, derrubando-a na mesa, e levantou o babador do macacão para poder caminhar em minha direção. “Pare de tentar puxar a calcinha para cima, linda,” ele disse enquanto se inclinava. O velho jeans absorveu seu pequeno pau enquanto ele se agachava sobre coxas que ameaçavam rasgar suas roupas. Ele estendeu a mão molhada em minha direção e tocou meu rosto, e eu me encolhi quando ele enfeitou minha têmpora. “Eu tive que bater em você. Eu sabia que você não viria conosco sozinho.”

Tentei apertar as pernas e puxar a saia para baixo o máximo que pude, mas foi inútil. Seus olhos se fixaram na sombra entre minhas pernas, onde o gozo de seu irmão ainda me cobria. Gunnir colocou as mãos grandes entre meus joelhos e rasgou minhas pernas. Eu choraminguei quando ele se inclinou até que seu cabelo oleoso roçou minhas coxas. Ele inalou e depois soltou seu hálito quente e nojento. “Ele não quer que eu te foda”, disse ele enquanto inspirava profundamente novamente.

Olhei para o teto, onde as vigas de madeira cruzavam acima da minha cabeça. Contei as faixas de podridão negra em cada haste grossa de madeira e esperei que ele fizesse o que ia fazer. Fechei os olhos quando ele empurrou um de seus grandes dedos dentro de mim com um gemido. Lágrimas escorriam do vinco das minhas pálpebras enquanto ele me invadia com outro dedo. Ele gemeu, sentou-se e deixou cair o rosto na curva do meu pescoço. O fedor de suor e tabaco velho pairava ao seu redor como uma nuvem pútrida.

“Gunnir, volte aqui. Eu quero mais”, disse a outra garota. A maneira tentadora como ela falou despertou seu interesse, e ele se endireitou e cuspiu pela boca. Ele respingou ao lado da minha mão.

Ele sorriu para mim. “Acho que teremos que esperar para jogar,” ele disse enquanto batia na minha bochecha com a mão que estava dentro de mim, espalhando o gozo de seu irmão no meu rosto. Ele voltou para a outra mulher, agarrou seu cabelo e forçou seu rosto contra a mesa novamente.

Dei um suspiro profundo de alívio temporário quando a outra vítima tirou o predador entre minhas pernas e o acolheu entre as dela.

Eu me arrastei em direção à torneira, tentando ficar pequena e quieta enquanto a virava para pouco mais que um fio e lavava o esperma do meu rosto e entre as minhas pernas. Inclinei-me e lavei o sangue da minha têmpora. Água tingida de vermelho pingava no concreto e respingava em meus pés. Provavelmente nunca mais me sentiria limpo, mas estava o mais limpo possível. Deslizei de volta para o meu lugar, puxei minha calcinha e sentei-me contra a parede. O chão áspero esfregou minha pele nua enquanto eu levava os joelhos até o peito e silenciosamente me agachava neles.

Gunnir terminou, deixando a outra garota chorando antes de subir as escadas e nos deixar no porão escuro e úmido. A garota rastejou até a torneira compartilhada, abrindo as pernas sob uma forte corrente de água e deixando que ela a banhasse.

“Obrigado,” eu sussurrei. Observei enquanto ela tentava aliviar a dor entre as pernas.

“Gunnir é nojento pra caralho”, ela sussurrou. “E tão áspero.”

Eu respirei fundo. “Qual é o nome do irmão dele?”

“Gunnir sempre o chama de Alex.”

Meu estômago apertou. "Qual o seu nome?"

Ela riu. “Apenas me chame de 'puta'. Esse é meu nome desde que cheguei aqui.”

Eu balancei minha cabeça. "À Quanto tempo você esteve aqui?"

"Que dia é hoje?"

“Oito de setembro”, eu disse.

A garota solta uma risada fraca. “Estou aqui desde abril.” Seus lábios se apertaram. “O tempo voa quando você está se divertindo, eu acho.”

Meu coração afundou. Cinco meses disso? Como? Como ela poderia aguentar mais um dia? Nós não falamos enquanto ela vestia uma calça de pijama suja sobre as pernas machucadas.

“Não vou te chamar assim”, eu finalmente disse. “Qual é o seu nome verdadeiro?”

Ela olhou para mim e sorriu. “É Sam.”

“Ophelia”, respondi, embora ela não tivesse perguntado.
“Bem-vindo ao inferno, Ophelia.”

Capítulo quatro

Ó PHELIA A corrente chacoalhou enquanto eu a passava pelas mãos. O metal áspero e enferrujado escorregou pelos meus dedos enquanto eu estendia seu comprimento. Embora os links fossem leves o suficiente para manobrar, eles também eram incrivelmente fortes. Depois que os homens deixaram o porão, passei algum tempo estudando a âncora e a algema em meu tornozelo, mas não consegui rompê-los. Isso me deixou com uma opção.

Sam levantou a cabeça do cobertor sujo no chão de concreto. "Que diabos está fazendo?" Sua voz estava pesada de sono.

“Tentando ver quanta corrente tenho para trabalhar”, eu disse, rastejando para longe da parede para testar o comprimento da corrente. Parecia tempo suficiente para o que eu precisava fazer.

"Para que?"

“Acho que posso colocar isso no pescoço dele.”

Seus olhos se arregalaram. “Não faça isso, Ofélia. Eles vão matar você. Até o legal vai te matar se você tentar isso.

Eu sentei na minha bunda. “Eu deveria simplesmente desistir? Deixar-me ser um de seus brinquedinhos doentios?

Sam encolheu os ombros. “Se você matar Alex, o que acontecerá? Não há como você colocar aquela corrente no pescoço do irmão dele. Você estará morto de qualquer maneira. E então estarei morto porque morreremos de fome aqui embaixo.”

“Um deles tem que manter uma chave com eles.”

Sam deixou cair os ombros. “Como você planeja fazer isso?”

Olhei para Sam. Meses vivendo neste porão a tinham esgotado. Ela não teria forças para fazer o que precisava ser feito, mesmo que
Pensei em tentar. “Você acha que pode ser uma distração?”

Ela balançou a cabeça. “Eu não quero me envolver. É o que é,
Ofélia. Quanto mais rápido você aceitar, melhor.”

Sentei-me de joelhos. “Por favor, Sam. Eu tenho que tentar."

Sam se enrolou no cobertor e virou de costas para mim. “Vou tossir. É isso. Isso é tudo que estou disposto a fazer. Gunnir vai me foder até a morte se achar que tive alguma coisa a ver com isso.

Eu respirei fundo. “Isso é tudo que vou precisar.”

“Seu funeral, Ophelia”, disse ela. “Mas é melhor que não seja meu também.”



PARA LEXZANDER

DEITO na cama e pensei naquela noite. Eu senti uma pontada de culpa quando a vi cair para frente depois que Gunnir a atingiu com o bastão. Ela provavelmente quase não sentiu nada naquele momento, mas estava sentindo agora. Ela se sentiria muito agora que estava naquela casa. Conosco.

O corpo de Ophelia era perfeito e ela também era uma coisinha tão doce. Sempre tão hospitaleiro no restaurante. Senti outra pontada de culpa por levar alguém como ela, mas ela era tudo que eu precisava. Ela me lembrou minha mãe, mas não de uma forma freudiana. Ela era saudável e gentil. Foi uma atração cega pela familiaridade. Ela parecia familiar.

No momento em que entramos no porão, Gunnir estava atrás de sua garota. Ele estava duro desde que bateu em Ophelia. Eu não estava duro até que minha mão subiu por sua coxa quente quando a joguei por cima do ombro. Depois disso, a antecipação tomou conta, me fazendo doer com uma fome que eu não tinha antes de colocar minhas mãos nela.

Minha mente foi para o momento em que a virei. Mesmo atordoada, ela me reconheceu. A maquiagem escura em torno de seus olhos azuis havia manchado suas bochechas pálidas, e batom escuro havia pintado seus lábios. Ela parecia fodidamente deliciosa. Ela era melhor do que um bife colocado na minha frente. Ela era como a carne de veado da minha mãe: macia e tenra. Eu queria lutar contra a tentação porque ela estava ferida, mas a ameaça de Gunnir pairava sobre mim. Ele teria empurrado

Ophelia se eu não a tivesse levado, e eu não conseguia suportar a ideia de ele chegar até ela primeiro.

Estremeci ao pensar no meu gozo pingando dela, algo que não via há muito tempo. Eu tinha visto o suficiente do meu irmão vindo para durar as próximas quatro vidas, mas fazia uma eternidade desde que eu afundava em uma de suas bocetas. Eu sempre acabava na boca deles, o mais longe possível do meu irmão.

Mas este? Ela era minha.

Uma vez dentro dela, foi como se ela tivesse sido feita para mim, e eu teria sangrado Gunnir antes de deixá-lo levá-la. A raiva cresceu dentro de mim ao pensar nisso, mesmo muito depois de ter saído do porão. Eu o queria o mais longe possível dela. Ele tinha sua prostituta para se afundar. Ele não precisava do meu.

Saí da cama e fui para a sala. Gunnir estava sentado no sofá, com os dedos debaixo do nariz. Meus olhos se estreitaram quando me sentei na cadeira ao lado dele, e um sorriso malicioso cruzou seu rosto.

"O que você está cheirando?" Perguntei.

“Sua garota em meus dedos,” Gunnir disse com um gemido. Ele estava se aquecendo com o cheiro dela *e* de mim.

“Eu disse para você não tocá-la”, eu disse enquanto me levantava. "E você está gostando do meu gozo em seus dedos, seu doente de merda."

“Ela não é só sua, Alex.”

Meus olhos permaneceram nele. Gunnir tirou tudo de mim. Cada garota que tivemos foi a primeira dele e a minha a segunda, assim como nosso pai tinha feito com ele. Eu tinha que pegar o que queria primeiro, aproveitar segundos desleixados ou ficar satisfeito com a boca deles. Eu queria a liberdade de descer e foder a boceta intocada da minha garota quando sentisse dor nas bolas.

“Deixe-me ter uma coisa. Uma merda, Gunnir,” eu disse enquanto ele se levantava para me encarar.

Ele se elevou sobre mim, mas eu não vacilei.

“Você tem tudo o que quiser. Nós temos aquela garota para *você* , mas ela não é apenas sua para usar. Talvez isso te ensine que seguir o pau não é tão ruim assim.”

“Foda-se,” eu rosnei. “Você é definitivamente filho do nosso pai.”

Gunnir riu. “Claro que sim. Talvez um dia você perceba que também é dele. Um homem Bruggar sai da luta, e você sai da luta”, disse ele lambendo lentamente os dedos.

“Fodidamente nojento. Por que você simplesmente não chupa meu gozo dela da próxima vez?

Os olhos de Gunnir brilharam. “Não me dê ideias, Alex.”

Gunnir não estava bem da cabeça. Ele com certeza faria isso, e eu tive um lapso de sanidade quando sugeri isso. Eu também não estava bem da cabeça, mas tive a chance de me importar com alguém além de mim: minha mãe. Ela não me transformou em um maricas, mas moldou uma criação estranha que tinha tanto o impulso de causar dano quanto o controle para causar menos danos. Mas eu nunca seria capaz de desligar a maneira como fui criado. A mão pesada do Homem lembrou ao meu corpo, em um nível subconsciente, que eu precisava pegar o que ele queria que eu pegasse. Afinal, eu era um maldito Bruggar.

Capítulo Cinco

PARA LEXZANDER

Fiquei acordado, frustrado e com raiva depois da conversa com meu irmão. Mantive minha porta aberta para poder ouvir os passos de Gunnir se ele descesse. A noite estava silenciosa, mas eu ainda estava frustrado. Eu não conseguia parar de pensar em como era entrar dentro dela, seguido pelos pensamentos intrusivos dos dedos sujos de Gunnir.

Eu era um Bruggar no sentido de que pegaria aquela garota sempre que pudesse, quer ela quisesse ou não, mas não gostava de forçar a coragem familiar para conseguir o que queria. Gostei do calor vazio de uma boceta. Não me importei se estava muito seco por causa do nojo que sentia por mim. A umidade quente e escorregadia da carga de outro homem não facilitou o deslizamento. Eu queria cuspir na buceta deles ou na minha mão antes de empurrar dentro deles para que a única coisa que os cobrisse fosse mais do que eu. Nosso pai me odiava por me recusar a segui-los, e meu irmão não entendia isso. O

simplesmente não era como eles nesse aspecto.

O Homem também odiava quanto tempo eu passava com minha mãe, que era sua prisioneira muito antes de nascermos. Ele estava cansado dela, mas não conseguia se livrar dela. Ele se livrou de tantas mulheres antes e depois dela, mas algo humano dentro dele lhe dizia que não poderia matar a mãe de seus filhos. Mas essa era a única coisa humana nele. O Homem era um monstro, temido por todos, exceto Gunnir, que o admirava como se fosse um deus. Ele não era uma divindade. Ele poderia ter feito o sinal da cruz sobre o peito, mas foi apenas para soltar as alças do macacão.

Eu estava sendo crítico. Afinal, eu era igualmente culpado quando se tratava de usar as meninas. Mas me recusei a ser um clone do Homem. Abri meu próprio caminho, mesmo que ainda fosse um caminho cheio de pecado. Não precisei quebrar o corpo de uma garota para conseguir o

prazer que queria. Não como Gunnir, que precisava transar com eles o máximo que pudesse para homenagear nosso pai.

Ophelia poderia me odiar o quanto quisesse, mas pelo menos ela não era *dele*. Eu tomaria o corpo dela quantas vezes quisesse, mas pelo menos não seria o pau de Gunnir pressionando entre suas pernas.

Ouvi o que pareciam ser passos na cozinha. Minhas orelhas se aguçaram e minhas costas se endireitaram.

É melhor que Gunnir não esteja tentando descer furtivamente.

Ofélia era minha. Ele *sabia que* ela era minha e ninguém colocaria a mão nela além de mim. A ideia de ele tocá-la novamente acendeu a raiva dentro de mim.

Coloquei uma calça de moletom e fui até o porão. Acendi a luz e as duas garotas se mexeram. A atenção da prostituta voltou-se para mim, mas ela jogou o cobertor sobre a cabeça para proteger os olhos da luz quando percebeu que eu não era Gunnir. Ophelia não levantou a cabeça da posição encolhida no chão. Manchas marrons pintavam seu uniforme branco de restaurante, mesmo depois de apenas algumas horas no porão.

Aproximei-me e me agachei ao lado dela, atrás da curva de suas costas. Seu cabelo escuro caiu sobre sua bochecha e eu queria movê-lo. Eu queria ver o rosto dela novamente. Seus cílios grossos e lábios carnudos me chamavam.

A prostituta tossiu e quando olhei para ela, Ophelia levantou-se de um salto.

Algo frio e duro pressionou meu pescoço. Meus dedos voaram até a fonte e percebi que era a corrente. Ela realmente não tinha pensado nisso. Enquanto uma extremidade estava presa à âncora, a outra estava presa à braçadeira em volta do tornozelo. Abaixei-me e agarrei a corrente, puxando até que ela perdeu o equilíbrio. Infelizmente, *eu* não tinha pensado nisso e agora todo o peso dela estava pendurado na corrente em volta do meu pescoço.

“Foda-se,” eu disse com os dentes cerrados.

Joguei meu peso para trás, derrubando-a contra a parede. O ar deixou seus pulmões e ela perdeu o controle da corrente. Eu me virei e prendi-o contra seu pescoço. Suas mãos agarraram o metal, lutando para liberar espaço suficiente para respirar.

Inclinei-me para mais perto do rosto dela. "Eu estava vindo aqui para ter certeza de que meu maldito irmão não tocaria em você, e você fez *essa* merda?"

Seu rosto ficou vermelho, suas bochechas incharam para tentar puxar o ar que ela não encontrava.

“Se você tentar algo tão idiota de novo, eu vou te matar. Você entende? Você é meu. Meu para possuir. Meu para usar. Meu para descartar se você não conseguir agir corretamente. Eu estava tentando cuidar de você, O.” Substituí a corrente por um aperto firme em sua garganta enquanto estendia a outra mão e puxava meu pau para fora. "Eu não ia te foder de novo esta noite, mas você precisa aprender com esse erro." Levantei sua saia e agarrei sua bunda. Meus olhos perfuraram os dela.

Por favor, ela murmurou, lágrimas escorrendo pelo meu pulso.

Cuspi na minha mão e, no momento em que toquei entre suas pernas, seus olhos se ergueram para o teto e suas mãos pararam de empurrar contra mim. Levantei sua coxa com uma mão quente e molhada e empurrei dentro dela. Um pequeno ruído saiu de sua boca, mas seus olhos permaneceram fixos acima de nós.

“Olhe para mim,” ordenei, mas nem mesmo um impulso furioso de meus quadris atraiu sua atenção para mim. Ela viajou para outro lugar em sua mente.

Enterrei meus dedos em sua coxa e ela gritou enquanto eu empurrava meus quadris ainda mais para dentro dela. Ela poderia viajar para outro lugar em sua mente, mas seu corpo ainda estava aqui.

Meu brinquedo.

Minas.

Cheguei ao fundo dela, faltando ainda um centímetro do meu pau. Empurrei meus quadris mais fundo, forçando aquela parte final de mim dentro dela até sentir seus cabelos macios contra os meus. Ela estufou as bochechas e franziu os lábios enquanto lutava contra a dor. Suas unhas cravaram em meu pulso, o menor sinal de luta que ela me deu. Eu odiei que ela não tenha lutado comigo e que suas lágrimas caíssem silenciosamente. Mesmo enquanto seus dedos cravavam em mim, ela se recusava a reconhecer o que estava acontecendo com ela. A prostituta

demorou muito para parar de brigar, mas Ophelia parecia quebrada antes que meu pau a tocasse.

Inclinei-me e mordi seu ombro com força suficiente para fazer seu corpo estremecer, mas mesmo assim seus olhos permaneceram no teto. Afastei minha mão e tirei o cabelo escuro de sua testa suada. “Você é meu, O. Você pode muito bem se acostumar com isso.”

“Não,” ela sussurrou. Ela deixou cair a cabeça para trás, o único sinal de que ela voltaria para esta sala comigo.

"Sim. E se você fizer uma merda dessas de novo” – eu apontei para a corrente – “em vez de te foder, eu vou te matar.” Quando ela não respondeu, eu bati nela. Sua bochecha redimiu-se sob o golpe. "Você entende?" Ela assentiu.

Eu puxei para fora dela e soltei sua coxa. Ela continuou evitando meu olhar, optando por observar enquanto minhas pernas deslizavam para baixo. Alcancei entre suas coxas e reuni o máximo que pude. Virei-me para a prostituta, arranquei o lençol dela e a levantei pelos cabelos antes de enfiar meus dedos revestidos em sua boca. Segurei seu nariz até que seu corpo balançasse de desespero. Quando ela ofegou por ar, cuspi em sua boca. “Não seja um idiota. Ela não teria sido fodida esta noite se você não tentasse ajudá-la,” eu rosnei enquanto cuspia novamente, encharcando seu queixo enquanto ela tentava recuar. Soltei seu cabelo e ela engasgou e ficou de quatro.

Ophelia apoiou-se silenciosamente contra a parede e senti um momento de culpa antes que a raiva a superasse. Eu realmente não iria transar com ela, mas ela tentou me matar.

Capítulo Seis

OU FÉLIA

Arrastei a corrente pelo chão, deixando-a prender em cada defeito que encontrasse. O chocalho ecoou nas paredes. Se eu me mantivesse ocupada com uma tarefa tão ociosa, não pensaria nos lugares em carne viva na minha bunda causados por Alex me pressionando contra as paredes ásperas. Eu tinha feito algo estúpido e a dor entre minhas pernas me lembrou disso. Eu deveria ter ouvido Sam. Eu estava tão cego pela perspectiva de liberdade que não tinha pensado bem nas coisas. Matar Alex significava ser deixado para o irmão, o que era pior. Muito pior. Mesmo com raiva, com o rosto contorcido de raiva, Alex não se esforçou para me machucar. Ele me fodeu com mais força, claro, mas poderia ter feito muito pior.

Passos sacudiram as escadas, espalhando nuvens de poeira para fora. Aquele andar pesado não pertencia a Alex e, em vez disso, eu me vi desejando instintivamente ele. Gunnir era nojento pra caralho – um homem horrível com uma mente primitiva.

“Ouvi dizer que você era uma garota má, puta,” Gunnir arrulhou enquanto se agachava ao lado de Sam. Ela revirou os olhos pelo corpo dele.

“Eu não—”

Gunnir deu um tapa no rosto dela, jogando-a para trás. “Não minta para mim. Eu sei o que você fez."

Sam se inclinou e acariciou sua bochecha.

“Vocês não são bons um para o outro,” Gunnir rosnou. "Ela está deixando você corajoso, e você pensa melhor sobre isso porque eu matei mulheres por menos do que vocês dois fizeram ontem à noite." Gunnir riu. "A melhor parte? Vocês atacaram o bom. O filhinho da mamãe. Pequeno homem boceta.

"Por que ele é um maricas?" Sam perguntou, erguendo o queixo em desafio. “Porque ele não gosta de segundos desleixados?”

“Estou na Looney House? Por que vocês acham que é uma questão de quem veio primeiro? Gunnir balançou a cabeça.

O que ela estava fazendo? Por que ela o estava empurrando? Eu não os conhecia tão bem quanto ela, mas sabia o suficiente para saber que havia camadas de confusão entre Gunnir e Alex. Eu não tinha ideia do que as camadas continham e, para ser sincero, tinha medo de descobrir.

Puxei os joelhos em minha direção, segurando a corrente contra o chão para mantê-la quieta, tentando ficar o mais pequeno e silencioso possível. Eu não queria que Gunnir me notasse. Eu nem queria que ele lembrasse que eu existia.

“Eu sei o que você está fazendo. Você está tentando entrar na minha cabeça e agitar tudo que está lá dentro.” Gunnir agarrou Sam pelos cabelos e a arrastou até a mesa. Minha respiração engatou. Eu não queria ver ou ouvi-lo forçá-la novamente, mas fiquei mais horrorizado com o que ele fez. Ele pegou um martelo e girou enquanto pegava a mão de Sam e a segurava sobre a mesa. “Meu irmão é uma vadia. Mas somos uma família.” Gunnir colocou seu peso sobre a mão dela enquanto ela se jogava para trás.

“Você pode me foder do jeito que quiser, Gunnir, só não faça isso”, ela implorou.

O olhar de Gunnir voltou-se para o rosto dela. “Eu posso te foder como eu quiser de qualquer maneira. Eu não preciso da sua permissão. Que merda de suborno é esse? Se você quiser oferecer algo, é melhor que seja algo que eu ainda não tenha conseguido.”

Sam olhou para mim e eu não consegui respirar. O ar ficou preso em meus pulmões. Eu estava com medo que ela oferecesse a Gunnir a única coisa que ele não tinha conseguido: eu.

Mas ela não o fez. Ela deixou cair os ombros e desviou o olhar de mim. “Acabe com isso”, disse ela.

Gunnir inclinou-se sobre ela, ergueu o martelo e desceu-o com um estalo nauseante. Tapei os ouvidos para abafar os gritos de Sam, mas os sons desesperados atravessaram a barreira e chegaram ao meu cérebro. Gunnir ergueu o martelo e baixou-o novamente.

Passos trovejaram pelo chão e meus olhos se abriram, com medo de encontrar Gunnir correndo em minha direção. Olhei para cima e vi Alex puxando o irmão para trás. Sam arrancou o braço dela, segurando dois dedos tortos e descoloridos com a outra mão. Abaixei minhas mãos enquanto Gunnir gesticulava em minha direção.

“Sua vez”, disse ele, virando seu corpo enorme em minha direção.

Alex se colocou entre nós. "Não."

"O que você quer dizer? Minha garota não é a única que será punida por essa façanha.” Gunnir apontou o dedo em minha direção. “Foi ela quem tentou matar você!”

Alex ficou mais alto. “Ela foi punida ontem à noite.”

"O quê, você transou com ela de maneira doce e gentil?" Gunnir caminhou em minha direção e me levantou pelo braço. Eu gritei quando ele passou a mão suja pela minha coxa. Ele me virou e empurrou meu peito contra a parede. “Preciso mostrar a ela o que é um castigo real? Talvez foder a bunda dela?

O concreto raspou minha bochecha e eu chorei quando suas mãos se moveram por baixo da minha saia e agarraram minha bunda. Seus dedos passaram pelos lugares doloridos de Alex na noite passada. Lágrimas escorreram pelo meu rosto em gotas pesadas que atingiram meu peito.

"Oh, doce filhinho da mamãe te fodeu muito bem ontem à noite, hein?" Gunnir gemeu em meu ouvido. Seu hálito estava quente e picante, como se ele estivesse comendo churrasco.

“Deixe-a em paz”, disse Alex com uma risada aguda em seu tom. Mas não foi por benevolência. Estava fora de posse, como se Gunnir tivesse pegado um brinquedo com o qual ainda não havia terminado de brincar.

“Como está sua boceta? Irmãs? ele perguntou enquanto tateava entre minhas pernas, e eu me encolhi quando ele empurrou os dedos dentro de mim. Meu corpo ficou rígido e a dor entre minhas pernas irradiou pela minha espinha.

“Eu disse para parar, Gunnir. Suficiente!" Alex agarrou os ombros de seu irmão e o puxou para longe de mim.

Gunnir ergueu os dedos molhados e os lambeu enquanto recuava. “Porra, Alex. Eu não como buceta, mas com ela, eu poderia. Sou doce e limpo.

Oh Deus não. Eu não conseguia lidar com a boca dele em nenhuma parte de mim. Nenhum deles. Ambos eram doentes.

“Foda-se!” Alex gritou. Ele enfrentou seu irmão.

Gunnir ergueu as mangas da camisa, pronto para lutar, e Alex não desistiu. Ele começou a desabotoar a camisa de flanela, expondo uma camiseta branca. Antes que alguém pudesse dar um soco, o som da campainha chamou sua atenção.

“Provavelmente os malditos vizinhos com mais ovos e leite”, disse Gunnir com um grunhido. “Mantenha essas vadias quietas.”

— Isso teria sido muito mais fácil se você não tivesse quebrado os malditos dedos da puta — Alex retrucou.

Gunnir parou e voltou-se para Alex com fogo nos olhos antes de subir as escadas. A porta do porão bateu e Alex se virou para nós. Sam colocou a mão no peito no canto. Fiquei encostado na parede, com as costas pressionadas contra o concreto.

“É melhor vocês dois ficarem quietos. Se você fizer barulho, vou pegar a espingarda e estourar seus miolos antes que a polícia chegue aqui.

“Alex. . .” Eu sussurrei. “Você poderia nos deixar ir. Você tem as chaves, não é?

Os olhos de Alex se estreitaram. “Acho que você entendeu errado. Posso ser menos ruim que Gunnir, mas não sou gentil.” Ele se aproximou e agarrou meu cabelo, enviando um gemido pela minha garganta. “Eu não quero salvar você. No momento em que te fodi, você se tornou meu. Eu possuo você. Seu corpo é meu para usar quando e como eu quiser. Por que diabos eu iria querer deixar você ir? Não estou nem perto de terminar com você.

Suas palavras foram como uma faca no meu estômago. Fechei os olhos quando sua mão caiu na minha garganta, esperando que ele me forçasse novamente.

A porta do porão se abriu. “Alexandre!” Gunnir gritou lá de cima.

Alex respirou fundo. "Sua boca e sua boceta estão seguras por enquanto, ó, mas eu voltarei para buscá-lo."



PARA LEXZANDER

FECHEI a porta do porão atrás de mim e vi Gunnir tentando equilibrar as caixas de ovos e as garrafas de leite. Corri e aliviei sua carga, colocando algumas caixas debaixo do braço e pegando uma das garrafas de meio galão. Nós os levamos para a geladeira e eu chutei a porta com o pé para que pudéssemos colocar todos dentro. Os vizinhos eram gentis, sempre parando para nos dar ovos frescos e leite cru, e nunca ficavam por perto ou esperavam ser convidados para entrar, o que era bom, já que não permitíamos visitas aqui.

"Você parece fraco quando faz isso, sabia?" Gunnir colocou a última garrafa e os copos tilintaram quando ele fechou a porta.

Inclinei minha cabeça para ele. "O que?"

“Você os deixou escapar tentando matar você.”

Eu zombei. “Ela não ia me matar. Foi apenas uma tentativa tímida de liberdade. Todos eles tentam fazer uma grande fuga pelo menos uma vez.”

Gunnir estreitou os olhos. "Eu não quebrei os dedos da minha garota por nenhuma tentativa tímida de sua garota apenas pegar um pau."

Levantei meu olhar para encontrá-lo. “Eu garanto que Ophelia preferiria ter os dedos quebrados do que ser fodida por mim.”

Gunnir riu. "Ponto justo. Eu acho que eles são ruins um para o outro, no entanto. Lá embaixo, tudo plantando.”

Planejar, não plantar . Mas agora não era hora de corrigi-lo. “O que diabos você sugeriria? Matar o seu ou o meu?

“Poderíamos nos livrar do meu”, disse Gunnir encolhendo os ombros.

“Faça o que quiser, mas não vou compartilhar Ophelia como compartilhamos a prostituta. A menos que você queira começar a se masturbar com uma meia velha, sugiro que a mantenha viva.

Gunnir soltou uma gargalhada que ecoou na pequena cozinha. "Começar? Eu nunca parei de me masturbar com uma meia.

Eu pensei por um momento. “Poderíamos acorrentar Ophelia no meu quarto. Aí eles não vão 'plantar' nada”, zombei.

Gunnir balançou a cabeça. "Não. Você só quer mantê-la trancada longe de mim. Gosto de observá-la quando fodo a minha. Ela é linda. Me faz gozar com mais força.

Por ser tão burro quanto era, ele descobriu meu motivo oculto. Isso era exatamente o que eu queria fazer. Era egoísta e não muito típico de Bruggar querer mantê-la para mim, mas não me importei. Passei minha vida inteira vendo Gunnir conseguir tudo e quem ele sempre quis. Era a minha vez de ter algo para possuir.

“Fim,” eu disse com os dentes cerrados. Eu tinha um plano e, se tivesse alguma chance de funcionar, Gunnir precisava pensar que foi ideia dele.

Fui para o meu quarto e olhei para o armário. A porta estava caindo das dobradiças e algumas ripas de madeira estavam faltando. Eu precisava consertá-lo logo. Eu mantive algumas coisas da minha mãe lá, e se Gunnir as encontrasse, ele iria queimá-las na minha frente. Toquei na caixa que continha papéis de quando ela e eu aprendemos a escrever com a ajuda de um livro da biblioteca. Gunnir ainda não sabia escrever *nem* ler, e por isso não sabia dirigir. Se estivesse sozinho, já estaria a meio caminho do México antes de perceber que estava indo na direção errada. Por mais que ele odiasse minha alfabetização, eu sabia que ele estava feliz por eu poder ler os sinais de trânsito. Tornou mais fácil encontrar mulheres fora de um raio de um quilômetro. Se caçássemos muito perto de casa, teríamos maior probabilidade de sermos pegos. O Homem sempre nos dizia isso, pelo menos.

A caixa também continha o prendedor que afastava o cabelo fino da minha mãe do rosto e uma pulseira de contas que fiz para ela. Eu tinha tirado ambas as coisas do corpo dela antes que o Homem a jogasse na cova de ossos com os outros. Gunnir destruiria todos eles porque eram coisas tangíveis que lhe diziam que o que nossa mãe e eu tínhamos era real. Que ele nunca teve nada disso com ela, mesmo que não quisesse.

O pai errado morreu naquele dia. Eu remediei essa injustiça mais tarde, mas gostaria de ter tido forças para fazê-lo antes. Teria salvado minha mãe e tantas outras mulheres. Mas era o que era, e éramos quem éramos.

Olhei para a mesinha de cabeceira apodrecendo contra a parede. Afastei-o até poder ver a placa de metal aparafusada firmemente na madeira, com uma corrente enferrujada em cima dela. Uma onda de memórias correu em minha direção. Quando eu era mais jovem, também

fui mantido acorrentado — meu castigo por me rebelar contra o sistema criado pelo Homem. Eu tentei tirar minha mãe da cadeia e ele não permitiu isso. Ele me amarrou ao meu quarto até que aprendi que liberdade para mim significava cativeiro para outros. Não havia maneira de contornar isso. Eu tive que aprender o sistema ou me tornaria lixo apodrecendo sob o chão do celeiro.

Agora eu queria anexar Ophelia a esta corrente. Faça-a dormir na cama comigo. Foda-se ela com o velho colchão embaixo dela para amortecer cada impulso. Talvez ela até encontrasse algum conforto na minha presença, assim como eu encontrei conforto na presença da minha mãe. Talvez ela se apaixonasse por mim. Mas mesmo que ela fizesse isso, não importaria. O amor nunca foi suficiente dentro destas paredes.

Capítulo Sete

OU FÉLIA

As notas rítmicas do metal tilintando – o som em que me concentrei quando
Alex me usou. Eu ignorei os gemidos e grunhidos de Gunnir enquanto ele fodia Sam, e de alguma forma bloqueei os gemidos de Sam e o balanço da mesa enquanto as rodas rangiam para frente e para trás nos buracos no chão. Em vez disso, concentrei-me na melodia de nossas correntes. Minhas correntes cantaram com um som suave enquanto Alex empurrava meu corpo para frente. A música de Sam era violenta e fora do ritmo, como uma música sem notas.

Mantive minha cabeça afastada de Alex enquanto seu hálito quente tomava conta de mim. Eu não conseguia olhar para o lado porque veria Gunnir me encarando, cravando os dedos na bunda de Sam enquanto lambia os lábios e me encarava com olhos vidrados. Se eu olhasse para cima, teria vislumbres do homem acima de mim. Não havia para onde

olhar que me permitisse desaparecer da cabeça, exceto o gancho enferrujado pendurado em um prego com um chicote empoeirado preso nele. As manchas escuras certamente eram de sangue antigo.

“Olhe para mim,” Alex rosnou acima de mim.

“Não”, eu disse balançando a cabeça. “Você fica com meu corpo, mas não com minha mente.” Mantive minha voz baixa para que Gunnir não me ouvisse.

Suas estocadas ficaram mais fortes, tirando-me do esconderijo em minha mente.

Minha realidade correu em minha direção em um tsunami nauseante de sons e cheiros. Pisquei pesadamente, tentando lutar contra a corrente e entrar no meu espaço seguro novamente, mas experimentei tudo isso. A fricção do concreto na minha bunda. A maneira como ele me esticou e abriu minhas coxas. Suas mãos no meu peito, sob os botões desabotoados do meu uniforme. O cheiro de urina e odor corporal de Gunnir, e o cheiro nocivo de seu gozo, que eu quase podia sentir o gosto. Foi o mais avassalador de todos, provavelmente porque eu o temia mais. O cheiro de sabonete em barra pairava sobre mim vindo de cima. Alex era um pedaço de merda, mas pelo menos não era Gunnir. Pelo menos ele estava limpo. Fiquei feliz por ter Alex se fosse forçado a escolher um, mas não queria nenhum dos dois.

Eu o odeio. Eu os odiei.

Concentre-se no barulho da corrente , lembrei-me quando a mão de Alex correu pela minha lateral e agarrou minha bunda. Ele se inclinou para mim e eu fechei os olhos.

“Você quer sair deste porão, ó?” ele sussurrou em meu ouvido. Eu não sabia o que ele queria dizer, mas choraminguei um sim antes que ele pudesse explicar. Eu sabia que ele não queria fugir. Ele poderia ter significado a morte, pelo que eu sabia, mas eu balancei a cabeça. “Seja uma boa garota para mim.”

Eu não fui nada além de bom para ele. Parei de lutar com ele, mesmo quando ele me pegou duas vezes no dia anterior. Eu não tentei matá-lo novamente. Eu estava sendo tão bom quanto poderia.

O cheiro do odor corporal se aproximou e meu estômago revirou quando passos pesados se aproximaram da minha cabeça. A mão de

Gunnir descansou em seu quadril, segurando suas calças, seu pau exposto, mas esgotado. Ele se agachou e tirou meu cabelo da bochecha. Seu pau estava muito perto do meu rosto, uma gota de esperma empoleirada na cabeça inchada. Seu olhar era de alguma forma mais invasivo do que o que Alex estava fazendo entre minhas pernas.

"Eu quero que ela chupe meu pau", disse Gunnir com um sorriso desdentado.

Ele passou a mão pela minha bochecha e meus olhos correram para Alex.

Alex balançou a cabeça e o ignorou.

"Oh, não seja assim, Alex", disse Gunnir.

Alex colocou sua boca em mim em uma demonstração de posse, capturando meus lábios com os dele e me beijando com força. Sua mão envolveu minha nuca e me puxou mais profundamente para ele. Um grunhido saiu da garganta de Gunnir. Eu queria me desvencilhar do beijo de Alex, mas sabia o que seria colocado na minha boca. Eu colocaria a língua dele no pau de Gunnir qualquer dia.

Quando Gunnir não saiu, Alex soltou minha boca, saiu de mim, me virou de bruços e me arrastou em sua direção. Ele agarrou meu cabelo e forçou meu rosto contra o concreto empoeirado. Quando exalei, explodiu a sujeira que se acumulou no chão. Ele se inclinou sobre mim e empurrou-se dentro de mim, cobrindo-me com seu corpo.

Eu sabia por que Alex fez o que fez. Não foi para me salvar do irmão dele. Era para me manter para si. De qualquer forma, eu aceitaria.

"Foda-se, ainda não terminei com ela", Alex rosnou.

"Eu não gosto que você não a compartilhe," Gunnir rosnou.

"E eu não gosto que você esteja fedendo. Vá se limpar.

Gunnir murmurou um batalhão de maldições antes que eu o sentisse se levantar e recuar. O cabelo da minha nuca relaxou.

Alex se inclinou em direção ao meu ouvido. "Eu preciso que você faça algo incrivelmente estúpido," ele sussurrou.

Eu não respondi. Eu não consegui.

"Tente me matar de novo."

Eu choraminguei, mas não era por causa do peso dele caindo sobre mim. Foi chocante.

“Alex!” Gunnir gritou lá de cima.

Seu hálito quente correu contra minha orelha enquanto ele exalava sua frustração.

“Esqueça o que eu disse por enquanto. Não contes a ninguém."

Balancei a cabeça enquanto ele gemia e gozava dentro de mim, mas como eu poderia esquecer o que ele disse? Eu tinha tantas perguntas. E é claro que eu não contaria a ninguém, especialmente a Sam. Minha estupidez a deixou com os dedos quebrados. Eu não a faria passar por isso – ou pior – de novo.

Alex saiu de mim e não disse mais nada. Ele se levantou e subiu as escadas como se a estranha conversa não tivesse acontecido entre nós. Rolei de costas e ofeguei quando meu peito finalmente pôde se expandir mais uma vez.

Sam zombou. “Estou com tanta inveja que você tenha esse. Ele pode ser um estuprador pra caralho, mas pelo menos parece que tem meio coração no peito. Uma risada dolorosa cruzou entre nós enquanto ela se lavava. “Eu vi aquele beijo”, disse ela.

“Ele só fez isso para manter o pau de Gunnir fora da minha boca,” eu disse enquanto me juntava a ela na torneira.

Sam encolheu os ombros. “Merda, isso é fofo.”

Meus olhos saltaram para os dela. “Sua barra está baixa pra caralho.”

“Seja fodido por Gunnir por meses e veja até que ponto sua fasquia cai.” “Não sei como você faz isso”, eu disse.

“Que escolha eu tenho?”

Suspirei, porque ela estava certa. Estávamos totalmente à mercê deles.



PARA LEXZANDER

PENSEI que teria mais alguns minutos dentro dela para formular a ideia que estava em minha mente. Gunnir não ajudou a situação. Não conseguia pensar num plano quando tentava manter a pila dele fora da boca dela. Ela

nem tinha *me colocado* dentro de sua boca ainda. Ela era minha e ele continuava rastejando muito perto do que pertencia a mim. Eu tentei foder Sam desde que Ophelia chegou aqui? Nem uma vez.

Ele tinha o dele. Eu tive o meu.

O estresse da situação me deixou nervoso. Eu precisava de algo para acalmar meus nervos, então fui até o armário do meu quarto e tirei a caixa de damas do esconderijo debaixo de um cobertor velho. Senti falta de jogar esse jogo simples com minha mãe. Ela costumava sorrir de orgulho quando eu fazia uma jogada inteligente. Eu também senti falta disso.

Será que eu fiz uma jogada inteligente com Ophelia ou me encurralei?

Eu precisava tirá-la do porão antes que ele a alcançasse, mais do que já tinha feito. Seus dedos estavam dentro dela e ele provou sua boceta. Ele já tinha tido muito dela. Eu tive que ter cuidado, no entanto. Se ele pensasse que eu estava "plantando" alguma coisa, ele iria pirar, assim como o Homem fez quando descobriu que eu tentei tirar minha mãe da cadeia. Ele não tinha apenas me acorrentado ao chão depois disso. Ele também descarregou sua raiva na garota com quem estava transando naquele momento. Ele a incendiou e quase incendiou toda a nossa casa. Senti o gosto de carne queimada a cada respiração durante semanas depois disso, e ela não fez nada com ele. Ela estava ao alcance do meu braço quando *eu* o irritei.

Se Gunnir pensasse que eu estava conspirando contra ele, ele faria algo muito pior do que colocar fogo em Ophelia. Eu o considerava uma cópia carbono do homem, claro, mas ele era isso e muito mais. Ele estava pior.

Envolver Ophelia pode ter sido um grande erro, mas eu saberia em breve se ela contasse o que contei para Sam. A prostituta tinha uma boca grande. Ambos podem.

Capítulo Oito

Sóphelia Sam e eu dormi, acordei e dormi de novo. Não havia muito mais o que fazer no porão. O tempo não existia. Não havia janelas para deixar entrar a luz do sol ou nos dar um vislumbre do céu estrelado. A melhor medida parecia ser a hora das refeições, mas meu estômago dizia que muitas vezes éramos esquecidos. Nós não conversamos muito. Acho que estávamos com muito medo de que nossas vozes subissem as escadas e chamassem atenção indesejada.

Enquanto estávamos sentados em silêncio, ouvimos os homens gritando sobre algo lá em cima. Não conseguíamos distinguir as palavras, mas o tom da discussão era inegável. O que quer que eles estivessem falando os irritou.

Quando os passos de Gunnir trovejaram escada abaixo, Sam sentou-se de joelhos. Encolhi o máximo que pude e corri para as sombras. Eu não queria que ele me notasse. Rezei para que ele não o fizesse.

“Alex é uma vadia!” Gunnir gritou, e sua voz rastejou em minha direção até que não havia como evitá-la. Sam e eu ficamos quietos enquanto ele andava pela sala. Meu coração disparou, trovejando mais alto que seus passos. “Ele está sendo um marisco!”

Egoísta? Pensei, mas não dei correção para ele.

"Egoísta?" Sam disse, interrompendo seu andar.

Porra.

“Sim, foi isso que eu disse,” ele rosnou. “Ele não quer compartilhar. Mas é isso que fazemos. Nós partilhamos."

“Ela é seu novo brinquedo, Gunnir. Apenas deixe-o em paz. Ele ficará entediado quando ela não for tão nova e brilhante.

Meus olhos saltaram para Sam. Eu não tinha certeza se ela percebeu a ideia que estava passando para alguém como ele.

“Você está certo, puta. Ela é muito nova. Ele passou a mão enorme pelo cabelo, os dedos emaranhados na confusão de nós. Ele deu um passo em minha direção e eu senti seu cheiro antes que ele chegasse até mim.

Sua mão encontrou meu cabelo e me puxou de joelhos pelo couro cabeludo. “Você precisa ser menos brilhante, não é?”

Balancei a cabeça, choramingando em seu aperto. Antes que eu pudesse soltar um grito e chamar Alex, a mão suja de Gunnir voou sobre minha boca. Não que eu quisesse Alex, mas ele pelo menos me salvaria de seu irmão nojento. Gunnir foi um destino pior que a morte.

“Shhh, docinho”, ele murmurou em meu ouvido.

Seu corpo pressionou contra mim, e meu estômago apertou e torceu na minha barriga. Ele riu baixinho enquanto desabotoava uma das alças do macacão. Balancei a cabeça sob sua mão, tentando me afastar o suficiente para gritar, mas seu aperto se recusou a enfraquecer. O macacão de Gunnir caiu no chão e sua mão livre correu em direção à minha bunda e me empurrou contra a parede. Ele cutucou entre minhas pernas com seu pau grosso e depois cuspiu em sua mão.

Eu tive que pará-lo. Mesmo que eu conseguisse gritar, Alex não conseguiria descer as escadas antes que Gunnir se forçasse dentro de mim. Puxando minha língua o máximo que pude para evitar o gosto de sua pele, abri minha boca. Sua carne pressionou entre meus dentes e eu mordi até sentir gosto de sangue. Ele gritou e deu um passo para trás.

“Puta puta!” ele gritou. Ele agarrou meu ombro e me virou. Em um movimento rápido, ele trouxe o braço para trás e sentiu o punho em meu rosto. Eu gritei e caí no chão em uma confusão ofegante de lágrimas.

Passos ecoaram na escada mais uma vez e olhei para cima para ver Alex. Ele observou a cena. As calças de Gunnir ainda estavam abaixadas. Minha saia ainda estava levantada. Seu irmão colocou a mão em concha contra o peito e meu nariz derramou sangue na minha roupa.

“Que porra é essa, Gunnir?”

“Eu só queria torná-la menos nova”, disse ele enquanto estendia a mão.

"Afinal, o que isso quer dizer?"

“Achei que se eu a quebrasse um pouco, você estaria mais disposto a compartilhar.”

Alex se virou para mim, se aproximou e levantou meu queixo. “Você pode ter quebrado o nariz dela, seu maldito bruto.”

“Ela mereceu.” Gunnir pulou no chão na minha frente e tentou puxar o macacão sem usar a mão machucada. “Ainda não terminei com você, coisinha brilhante”, ele disse para mim. Ele subiu as escadas, apertando a mão ferida contra o peito como se fosse um passarinho.

Alex me levantou e abaixou a barra da minha saia. O sangue manchou meu queixo, meu peito e toda a frente do meu vestido. “Vamos limpar você”, ele disse enquanto me arrastava até a torneira.

Ajoelhamo-nos ao lado dele e Alex rasgou um pedaço da sua camisa e colocou-o debaixo da água fria. Quando ficou saturado, ele começou a limpar meu rosto com movimentos suaves. Achei difícil acreditar que o toque suave viesse dos movimentos de um monstro.

“Eu costumava fazer isso pela minha mãe”, disse ele enquanto limpava o pano embaixo do meu nariz. Água metálica pingou em minha boca.

"O que aconteceu com ela?" Perguntei.

Sua mão parou seu movimento suave para baixo. Ele pareceu pensar em dizer mais, mas mudou de ideia antes que as palavras pudessem se formar. “Não somos amigos, O. Não precisamos falar sobre nosso passado como se estivéssemos construindo algum tipo de amizade aqui. Tire isso da sua cabeça.”

Desviei o olhar dele enquanto ele voltava para limpar meu rosto em silêncio. Depois que ele lavou o sangue, seus dedos cutucaram meu nariz dolorido. Ele passou o dedo por toda a extensão, pairando sobre a ponte. Quando ele pressionou, uma dor profunda percorreu meu rosto e eu estremeci.

“Não está quebrado. Mas isso vai doer muito amanhã.”

“Dói demais agora”, murmurei.

Alex olhou para mim como se precisasse dizer alguma coisa, mas não conseguisse fazê-lo. Seus lábios se contraíram. “Como ele conseguiu?” ele finalmente perguntou.

"Ele te fodeu?"

Eu balancei minha cabeça. “Eu o mordi antes que ele pudesse.”

Sua mandíbula relaxou. “Boa menina,” Alex disse enquanto empurrava para trás as mechas molhadas do meu cabelo. Esperei que ele dissesse mais alguma coisa, mas ele não disse. Ele parecia perdido em sua mente.



PARA LEXZANDER

MEU SER TODO tremeu de raiva. O que eu encontrei foi exatamente o que eu temia que acontecesse. As calças de Gunnir estavam abaixadas, seu pênis para fora, e a saia de Ophelia estava levantada em volta da cintura. Eu vi vermelho quando testemunhei isso. O que ele fez com o rosto de Ophelia só aumentou minha raiva. Maldito bárbaro. Eu precisava tirá-la do porão. Eu não tinha ouvido nada sobre o que contei a ela, o que significava que ela guardou segredo. Eu não estava com vontade de transar com ela naquele momento, mas precisava falar com ela sem levantar suspeitas. A torneira estava muito perto da prostituta, mas se eu puxasse Ophelia para transar com ela, teríamos mais privacidade. Eu não poderia exatamente sentar ao lado dela e conversar.

Meu rosto endureceu quando me levantei e a arrastei para ficar de pé. A água drenou a frente de sua roupa, permitindo-me ver a leve sombra de seus mamilos sob o material fino. Virei-a e empurrei-a contra a parede, estranhamente como meu irmão fez. Pressionei meus quadris nos dela e levantei sua saia. A calcinha dela já havia sumido há muito tempo e eu não tinha dúvidas de quem a pegou.

Maldito Gunnir. Quando meu zíper caiu, ela se virou para discutir.

“Alex, não,” ela sussurrou.

Ignorei seus apelos. Eu precisava. De alguma forma distorcida e distorcida, isso era para ela.

Ela dificilmente se exibia contra mim. Ela ficou tão acostumada a ser meu brinquedo. Eu sabia que ela odiava, mas ela não brigava tanto, o que era quase decepcionante. Cuspi na minha mão, mas não esfreguei no meu pau como costumava fazer. Em vez disso, alcancei entre as pernas dela e esfreguei a saliva quente na sua rata. Suas coxas ficaram tensas contra o meu toque. Puxei seus quadris em minha direção e empurrei dentro dela, gemendo quando seu calor me abraçou. Era difícil me concentrar em

qualquer coisa além de quão bem ela se sentia quando eu estava dentro dela, mas eu tinha que fazer isso.

Concentre-se, eu disse a mim mesmo. Abaixei minha cabeça até a curva de seu pescoço. Ela cheirava a cativeiro e eu me peguei querendo dar banho nela. Eu gostei de como ela cheirava quando a trouxemos aqui pela primeira vez. Quando ela cheirava a doce inocência.

“Lembra do que eu disse para você?” Eu sussurrei enquanto enrolava meus quadris e empurrava dentro dela. Ela assentiu. "Você disse alguma coisa?" Perguntei. Ela balançou a cabeça. “Boa menina, O.”

Meus quadris bateram contra ela e gemidos involuntários deixaram sua boca. “Você pode explicar mais agora?” ela sussurrou, e eu respondi com um forte impulso.

“Não diga nada”, eu disse.

Ela ficou em silêncio, deixando cair a cabeça na parede do porão.

“Eu quero você no meu quarto. Quero mantê-lo protegido de todos, exceto de mim. Abaixei-me e agarrei seu quadril. “Vou deixar um prego na torneira, bem na vala de esgoto. Preciso que você tente me matar de novo. Ela balançou a cabeça.

“Se não o fizer, você ficará aqui à disposição de Gunnir. Ele vai entrar dentro de você. Eu sei disso e conheço você.

Uma lágrima rolou por sua bochecha e atingiu a mão que eu havia amarrado em seu peito.

“Você não vai me matar, não importa o quanto você queira”, eu disse, certo das palavras saindo da minha boca. Me matar significava pertencer a Gunnir. "Você pode fazer isso por mim?"

Ela permaneceu imóvel enquanto eu empurrava nela, minha cabeça ainda enterrada em seu pescoço, então minha respiração passava por sua orelha. Então eu a senti assentir.

“Boa menina,” eu sussurrei, deixando cair minhas mãos em cada lado de sua cabeça e fodendo-a com estocadas lentas e profundas que a empurraram contra a parede áspera à sua frente. “Eu vou gozar,” rosnei, alto o suficiente para a prostituta ouvir.

Ophelia inclinou a cabeça para frente e me deixou enchê-la com um movimento áspero de meus quadris. Eu a virei. Ela parecia tão confusa, como se eu a estivesse colocando em uma armadilha, mas eu realmente

precisava que ela tentasse me matar se eu quisesse que minha ideia tivesse uma chance de funcionar.

Empurrei meus dedos dentro dela, cobrindo-os com meu gozo. Seus lábios se curvaram ao meu toque, e ela deixou cair a cabeça para trás e fechou os olhos com força. Levei minha mão à boca dela e ela balançou a cabeça enquanto eu tocava seus lábios com meus dedos. “Abra,” eu ordenei. Ela apertou os lábios, mas eu segurei seu nariz. Ela lutou contra mim até que seus pulmões forçaram sua boca a abrir, e eu enfiei meus dedos dentro dela. Ela baixou os dentes em meus dedos. Achei que ela fosse me morder e estava pronto para dar um soco nela se ela o fizesse. Em vez disso, ela afrouxou o aperto e me deixou tirar os dedos de sua boca.

Apertei minha mão como se precisasse lavar a pele. Meu gozo não me incomodou, mas me deu um motivo para me aproximar da torneira. Lavei as mãos com o sabonete pairando na borda da parede. Com meu corpo virado para bloquear a visão da prostituta, enfiei a mão no bolso e tossi um prego longo e enferrujado. Meus olhos encontraram os de Ophelia mais uma vez antes de secar as mãos nas calças e fechar o zíper.

Eu não tive tempo para lhe dar um resumo de qualquer tipo de plano, então eu precisaria manter meus olhos abertos para o que quer que ela evocasse naquela linda cabeça. Eu voltaria para buscá-la mais tarde naquela noite.



COLOQUEI nossos pratos na pia e Gunnir recostou-se com um gemido saciado. Ele deu um tapinha na barriga, limpou uma mancha na frente do macacão e lambeu os dedos.

“Acho que você está confortável demais para trazer o jantar para eles?” Eu disse com um bufo irritado.

Gunnir riu. “Eu não conseguiria descer as escadas nem se tentasse agora.”

A primeira parte do meu plano ocorreu sem problemas: alimentar Gunnir até que ele estivesse quase em um de seus comas alimentares. Isso

foi bastante fácil de conseguir; se eu continuasse alimentando ele, ele continuaria comendo.

Separei um pouco de ensopado de carne em duas tigelas e levei-as para baixo. A porta do porão rangeu quando a fechei atrás de mim. As meninas estavam amontoadas, tensas de medo, mas ambas relaxaram um pouco quando viram que era eu.

Entreguei primeiro uma tigela de ensopado para a prostituta. Seus olhos brilharam de fome no minuto em que sentiu o cheiro da comida. Nós os alimentamos, mas o jantar era a única refeição saudável do dia. Gunnir temia que eles engordassem se oferecêssemos mais do que isso, o que era irônico. Certamente não havia nenhuma corrente que impedisse Gunnir de expandir sua cintura, uma refeição de cada vez.

Quando levei a tigela para Ophelia e a estendi, seus olhos rolaram pelo meu corpo. Ela tinha um olhar que eu nunca tinha visto nela, nem mesmo na noite em que ela colocou a corrente em volta da minha garganta. É verdade que só vi os olhos dela por um momento antes de ela me atacar, mas desta vez ela estava olhando para a porra da minha alma. Ela ficou de joelhos e levantou a mão para pegar a tigela que eu segurava em sua direção. Eu levantei minha sobrancelha para ela quando ela baixou o olhar e pegou o jantar de mim. Eu vi o movimento um segundo antes de ela atingir minha coxa com o prego. A tigela caiu de sua mão e se espatifou no concreto. Peguei seu pulso quando a ponta do prego rasgou meu jeans e por pouco não perfurou minha pele. Eu pulei sobre ela. Com a força que ela colocava em cada facada, percebi o quanto estava errado. Ela quis dizer isso.

“Puta puta!” Eu gritei enquanto lutava contra suas pernas e braços agitados. A raiva escureceu seus olhos, e ela teria atacado minha garganta se tivesse oportunidade. Agarrei seu pulso e prendi-o no chão. “Eu deveria quebrar seu braço por isso.”

A luta me fez endurecer. O foco evaporou enquanto ela escrevia embaixo de mim e mandava sangue direto para meu pau. Olhei para a prostituta, cujos olhos estavam arregalados de surpresa. Eu tive que fazer algo para punir Ophelia para que isso parecesse real.

Arranquei o prego da mão dela e joguei-o no porão. Ele bateu na parede e rolou pelo chão. Eu a mantive presa de costas e coloquei meu

peso em minha mão enquanto a envolvia em sua garganta. Minha outra mão tirou meu jeans.

“Grande erro”, eu disse.

Antes que ela pudesse protestar, empurrei meu pau em seus lábios. Mesmo que ela se sentisse tão bem, eu não conseguia parar um momento para desfrutar de sua boca ao meu redor. Isto foi um castigo. Empurrei meus quadris para frente até que eles saíssem de seu nariz. Ela fez um som terrível embaixo de mim, e senti a guinada em sua garganta enquanto ela engasgava. Mantive a minha pila lá até o peito dela pesar. Saí bem a tempo e ela virou a cabeça para vomitar. Seus olhos lacrimejaram e lágrimas escorreram pelo seu rosto enquanto ela tossia. Deixei-a recuperar o fôlego por um momento antes de forçá-la a se abaixar e fazer isso de novo, fazendo-a tomar cada centímetro de mim até que seu estômago revirou e ela vomitou bile.

“Foda-se,” eu rosnei enquanto me forçava em sua boca mais uma vez. Seus dentes arranharam meu pau enquanto ela engasgava comigo. Ela estava coberta de suor e lágrimas quando saí de sua boca pela última vez. Eu me aconcheguei e fui até o prato na parede. Procurei no bolso, tirei a chave e soltei a fechadura da âncora. Em seguida, removi a algema do tornozelo. Ofegante e sem fôlego, ela permaneceu imóvel enquanto eu envolvia a corrente em seu pescoço e a prendi nela mesma.

“Por favor”, ela implorou.

“Tarde demais para implorar.” Peguei a ponta da corrente e a arrastei em direção às escadas. Ela agarrou os elos de metal para evitar que eles cortassem seu pescoço enquanto tentava me acompanhar, e eu bati a porta do porão depois de puxá-la para o andar principal.

Os olhos de Gunnir se voltaram para mim. "O que diabos aconteceu?" ele perguntou.

Coloquei Ophelia de pé e a empurrei no chão. “Ela tentou me matar de novo,” eu disse enquanto apontava para o rasgo em minhas calças. “Tentou me esfaquear com um maldito prego.” À luz, vi o hematoma que se espalhava como uma borboleta por suas bochechas. A raiva em seu rosto desapareceu e seu corpo tremia de medo.

Os olhos de Gunnir saltaram para os meus.

“Eu te disse,” eu disse com uma risada aguda na minha voz. “Eles não são bons lá juntos. Não posso continuar me preocupando em ser morto na porcaria da minha própria casa.

“O que você quer que façamos, então?” Gunnir perguntou. “Eu sei que disse que não deveríamos separá-los, mas não acho que haja outra maneira.”

Parei e pensei por um momento, embora já soubesse o que precisava dizer. Tinha que ser ideia de Gunnir, e foi, mas eu tive que fingir que estava pensando nisso. “Posso colocá-la no gancho do meu quarto por enquanto. As cadelas não podem falar se estiverem em andares separados.”

“Você estraga tudo!” Gunnir gritou com Ophelia, batendo com o punho na mesa. Ela se encolheu com suas palavras. “Malditas putas.”

Arrastei Ophelia para o meu quarto e fechei a porta atrás de nós. Mudei a mesa de cabeceira e a acorrentei ao prato no chão. Ela se esgueirou contra a parede como um animal assustado, os lábios ainda vermelhos e inchados por causa do meu ataque. Sentei na cama e enxuguei o suor da testa.

“Isso foi excessivo pra caralho,” eu sussurrei para ela enquanto esfregava o rasgo em minhas calças.

Seus olhos se levantaram para encontrar os meus. “Não foi excessivo o suficiente.”

Eu balancei minha cabeça. "Você quis dizer isso, não é?"

“Cada facada.”

"Bem, você saiu da porra do porão."

Seus olhos caíram para o chão e ela passou os braços em volta dos joelhos.

Meu plano funcionou, mas por quanto tempo? O que eu faria com ela no meu quarto? Eu sabia o que queria fazer. Afinal, ela ainda era uma prisioneira e seria tratada como tal.

Capítulo Nove

ó PHELIA Alex me trancou em seu quarto. Embora fosse melhor que o porão, de certa forma era pior. Ficar preso em um quarto com ele não parecia a melhor ideia. Eu estaria à sua disposição, algo para usar quando ele quisesse. Isso me salvou de ficar sozinho com Gunnir, mas foi realmente muito melhor?

Olhei ao redor do antigo quarto, mas encontrei pouca coisa que chamasse minha atenção. Uma cama grande com estrutura de metal enferrujada ficava no centro do quarto. Uma cômoda encostada na parede, cobrindo parcialmente um pequeno armário com uma porta quebrada. A mesa de cabeceira balançava sobre pernas irregulares encostadas na parede. Então, é claro, havia eu, a nova peça central.

Embora seu quarto não cheirasse a mijo, sexo e odor corporal, não havia torneira para limpar nem balde para usar o banheiro. Segurei minha bexiga até latejar porque não tinha outra escolha. Fui forçado a esperar até que Alex voltasse para a sala para me libertar da âncora para que eu pudesse fazer xixi.

Rolei a corrente pelo chão, como fiz no porão. Era o equivalente a um animal preso andando de um lado para o outro na parede da jaula. Foi um comportamento repetitivo para confortar minha mente doente. Encostei-me na parede e suspirei.

A porta foi destrancada e olhei para cima quando Alex entrou na sala. Seus lábios estavam tensos. “Gunnir não está feliz com este novo acordo,” ele disse balançando a cabeça. "Ele acha que eu trouxe você aqui para poder te foder com mais frequência."

“Não é por isso?” Eu perguntei em um sussurro áspero.

Seus olhos se estreitaram em mim. “Você está sendo ingrato.”

Desvio o olhar e encaro uma formiga dançando em círculos ao redor de um buraco no chão de madeira. Ele parava e recomeçava, parecendo perceber que não estava chegando a lugar nenhum rapidamente, mas sem ter ideia de como parar sua espiral. Nunca me relacionei tanto com um inseto em minha vida.

“Eu não trouxe você aqui para te foder mais,” ele disse enquanto se sentava na cama. As molas rangeram, e o ar antiquado que soprava em minha direção me disse que ele não lavava aqueles lençóis há muito tempo, ou nunca. “Eu fiz isso para manter as mãos de Gunnir longe de você. Vadia ingrata. Se eu fizesse isso apenas para te foder mais, você não acha que eu já teria te deitado nesta cama e te levado?

Balancei a cabeça sem olhar para ele. “Sam está bem?”

Seus lábios se apertaram. "Ela vai ser."

Senti a culpa quando suas palavras me rasgaram. Sam havia se tornado um dano colateral em um plano do qual ela não participava. Estremeci ao perceber que Gunnir provavelmente fez coisas horríveis com ela durante um castigo que ela nunca mereceu.

“Ela não fez nada, e você sabe disso,” eu disse enquanto meu olhar gelado se levantava para encontrá-lo.

Alex zombou. “Você precisa aprender o que fazer para sobreviver, O. Ela jogaria você sob o comando de Gunnir se soubesse que isso a tiraria daquele porão.”

“Não, ela não faria isso. Ela não o fez, mesmo quando poderia.

“Você não sabe o que o cativeiro faz com você, não é? Eu sei. Eu mesmo vivi isso. Eventualmente, a única coisa com que você precisa se preocupar é você mesmo.”

“Sam não é assim,” eu disse balançando a cabeça. “E nem eu
O."

“Você está aqui, não está?”

Eu me afastei dele. “Eu tenho que fazer xixi,” eu sussurrei.

Ele agarrou minha corrente, soltou a fechadura que me prendia ao chão e me arrastou em direção à porta do quarto. Olhei em volta antes de atravessar o corredor, procurando pelos sons de Gunnir ou Sam. A casa estava estranhamente silenciosa. Alex nos levou até o banheiro e fechou a porta atrás de nós.

Eu olhei para ele. “Não posso ir com você aqui”, eu disse.

"Você terá que."

Respirei fundo, levantei a saia e sentei-me no vaso sanitário instável. Seus olhos nunca me deixaram enquanto eu fazia xixi, e minhas bochechas

queimavam de vergonha. Meu olhar saiu de um buraco na parede e pousou no chuveiro. Por um momento, esqueci que estava olhando para ele enquanto o chuveiro se tornava minha nova obsessão.

“Posso tomar banho?” Eu perguntei, a baba de excitação preenchendo o vazio seco sob minha língua.

Alex levou a mão ao queixo. Eu tinha certeza de que parecia uma bagunça, com meu cabelo emaranhado e oleoso e o sangue cobrindo minha pele e minhas roupas.

“Acho que não faria mal nenhum”, disse ele. Ele passou por mim e ligou o chuveiro. A água corria pelos canos atrás da parede antes que uma torrente irregular caísse do chuveiro. Alex abriu um armário e tirou uma toalha. “Não é um banho quente.”

Eu balancei a cabeça. Se eu pudesse me limpar – realmente me limpar, não com um banho de esponja no porão – eu não me importava.

Alex encostou-se na porta e me observou. Eu queria pedir que ele fosse embora, mas pela forma como ele se encostou na madeira, tão seguro e concentrado, eu sabia que teria sido inútil. Meus dedos abriram os botões da blusa do meu uniforme e seus olhos caíram para o meu peito. Minhas bochechas queimaram mais com cada centímetro do tecido espalhado. As ondas dos meus seios apareciam pela abertura. Tentei me virar, mas ele pigarreou. Não tive escolha a não ser enfrentá-lo enquanto expunha mais da minha pele. Mais de mim que eu não queria que ele visse. Tirei o resto do meu uniforme e seu olhar queimou através de mim. Seus músculos se contraíram ao redor de sua boca enquanto ele lutava contra um sorriso malicioso. Meus olhos caíram para o zíper tenso na frente de suas calças. Fiquei surpreso que ele ainda não tivesse se lançado sobre mim. Ele tinha muito mais controle do que seu irmão.

Passei o braço em volta do peito e tentei esconder meus seios. Minha outra mão caiu na minha virilha, mantendo-me coberta enquanto recuava em direção ao chuveiro. Abri a cortina do chuveiro e entrei, quase escorregando quando tentei passar por cima da banheira. Quando fui fechar a cortina, Alex fez um barulho com a garganta.

“Deixe aberto.”

“A água vai chegar a todos os lugares”, eu disse, o que foi uma grande estupidez de se preocupar, mas simplesmente saiu.

“Eu não dou a mínima para a água. Eu quero observar você."

Coloquei minha cabeça sob a água fria e ela prendeu meu cabelo nas costas e nos ombros. Foi difícil ignorar o som do zíper caindo enquanto eu tentava lavar a sujeira. Logo, o som dele se masturbando superou todos os outros sons. Eu estava com vergonha de olhar para ele, mas senti o fogo dele por cima do meu ombro enquanto limpava meu corpo. Achei que Alex era o mais refinado entre os dois, mas à medida que ele crescia e chegava egoisticamente ao meu corpo, tive mais certeza de que eles eram a mesma coisa.

“Vire-se para mim, O”, disse Alex com um grunhido.

A água fria atingiu meu ombro e deixou minha pele arrepiada.

“Eu não vou te foder se você me der o que eu quero”, ele insistiu.

Virei-me, deixando-o ver as partes íntimas de mim que tentei esconder. "O que você quer?" Eu perguntei, embora soubesse. Eu sabia pela reviravolta em meu estômago o que ele queria. Meus olhos caíram para sua mão em volta de seu pau, uma mão empurrando sua calça jeans para o lado enquanto ele acariciava o longo comprimento de seu pau com a outra.

"Toque-se." Ele gemeu e deixou cair a cabeça contra a porta.

“Alex. . . por favor. . .”

"Você pode gozar ou eu posso te foder, o que você preferir."

Suspirei e coloquei os dedos entre as pernas. Tentei pensar no meu ex-namorado e fingir que era a mão dele. Imaginei sua língua em mim enquanto acariciava meu clitóris. Fechei os olhos e me banhei no toque de qualquer outra pessoa com quem dormi, porque mesmo o pior era melhor que isso. Não fez nada. Eu estava entorpecido. Nenhuma quantidade de fantasia poderia me ajudar a me sentir menos observada. Menos assistido. Qualquer coisa menos violada.

Quando esfreguei com mais fúria, um suspiro de frustração escapou da minha garganta e senti gotas de água voando para frente.

Alex parou de se acariciar. "Eu te enojo tanto assim?" ele perguntou enquanto se aproximava de mim. Meu corpo tremia, não por causa da água fria, mas porque ele se aproximou de mim com um pau duro.

Balancei a cabeça e mantive os olhos fechados. “O que você fez comigo me enoja.”

"Bem, essa foi uma chance para você obter algum prazer com esta pequena configuração que me favorece tão injustamente", Alex rosnou enquanto ia rasgar a cortina na haste.

Eu o peguei e o mantive aberto. Engoli em seco e tentei voltar às suas boas graças. Eu não precisava sentir prazer para fazê-lo pensar que eu estava sentindo isso. O velho eu costumava ser um excelente aluno nas aulas de teatro. Eu poderia atuar.

Mantive meus olhos nele enquanto esfregava entre minhas pernas mais uma vez, enrolando meus dedos sobre meu clitóris enquanto ele começava a se acariciar novamente. Sua respiração ficou presa na garganta enquanto eu gemia e empurrei meus quadris para frente. Eu não tinha certeza se ele sabia que eu estava fazendo isso quando levantei a outra mão até o peito e apertei meu peito.

“Porra, O,” ele gemeu enquanto seus golpes se aceleravam. "Eu quero colocar minha boca em você."

Eu não queria isso. Balancei a cabeça e levantei a perna, colocando o pé na beira da banheira, dando-lhe uma visão melhor da minha boceta espalhada. Empurrei meus dedos dentro de mim e gemi. A gota de gozo escorrendo de sua cabeça e o ritmo irregular de seus golpes me deram certeza de que ele iria estourar. Eu iria tirá-lo antes que ele pudesse colocar a boca em mim.

“Venha comigo,” eu disse a ele enquanto deixava cair a cabeça para trás e me fodia. Eu fingi meu orgasmo, e ele não hesitou antes de dar um passo em minha direção e agarrar meu cabelo. Ele me empurrou de joelhos.

“Incline-se para trás”, ele disse enquanto bombeava a mão mais devagar, apertando a base de seu pênis para se impedir de gozar antes de me ter onde ele queria. Estiquei o pescoço e ele se acariciou acima do meu rosto. Seu gozo quente pintou meus lábios e eu lutei contra a vontade de vomitar. Ele esfregou seu gozo em minhas bochechas, usando um dedo para empurrar um pouco em minha boca. A tentativa de lutar contra a piada foi inútil no momento em que o gosto salgado atingiu minha língua. “Boa garota,” ele gemeu enquanto acariciava minha bochecha.

Eu não gostei que ele gozasse na minha cara como se fosse meu dono, mas eu o odiava ainda mais. Acariciar seu pau para mim era melhor do que

me foder. Por mais um dia, a minha rata estava segura, mas a minha cara e a minha boca não tiveram tanta sorte.



PARA LEXZANDER

Olhei para ela. Meu gozo cobriu seu doce rosto. Seus grandes olhos olharam para mim e, por um momento, quase esqueci que o que havíamos feito não tinha sido consensual. Ela não queria nada disso, e eu sabia que ela fingiu seu maldito orgasmo, mas eu só me importava em derramar minha carga em seu rosto.

Eu me aconcheguei enquanto recuava em direção à porta. Ela saiu do banho, limpa e parecendo ainda mais doce com seu cabelo escuro grudado em seu pescoço. Eu a queria tanto, mesmo que minhas bolas estivessem vazias. Eu estava obcecado. Fodidamente obcecado por ela. E quanto mais eu pensava nisso, menos achava que tinha tomado a melhor decisão ao trazê-la para o meu quarto. Era importante que eu não transasse com ela o tempo todo, porque Gunnir jogaria a bunda dela de volta no porão. Eu tive que provar que era para o nosso bem, não apenas para mim.

“Não se vista,” eu disse enquanto a arrastava pelo corredor, seu corpo nu enrolado em nada mais do que uma toalha fina.

Seus olhos se fecharam quando fechei a porta, e eu sabia o que ela pensava que eu planejava fazer com ela. Eu queria, acredite, eu queria, mas em vez de colocar a mão nela, enfiei a mão atrás da cômoda, no armário, e peguei uma camisa de flanela. A adrenalina correndo por ela com a ideia de ser levada novamente a fez tremer por todo o corpo, então eu a vesti. Abotoei cada botão, até o topo, lentamente escondendo sua pele a cada centímetro que meus dedos subiam. Dei um passo para trás e olhei para ela.

Ela parecia tão sexy na minha camisa. Seus seios pressionaram o tecido, testando a força dos três botões superiores. Ela ainda estava nua da cintura para baixo, então abri uma gaveta e entreguei a ela uma cueca boxer. Seus lábios se curvaram ao vê-los, mas ela se recusou a me deixar

ajudá-la a colocá-los. Eles se sentiriam melhor do que aquela saia, no entanto. Eles protegeriam sua pele sensível do chão. Ela poderia me agradecer mais tarde.

Prendi a corrente dela na âncora no chão e sentei na beira da minha cama para vê-la calçar a boxer. Ela enrolou o corpo para esconder o que eu já tinha visto e o que veria novamente se quisesse. Depois de colocá-los, ela se sentou no chão, no canto, e encostou-se na parede.

O que agora? Inteligente ou não, eu consegui. Eu tinha colocado meu brinquedo no meu quarto e agora não sabia o que fazer com ela. Gunnir provavelmente já estava dormindo, e eu não queria arriscar acordá-lo forçando-a. Ela gritaria. Ela chutava, se agitava e lutava. Forcei essas imagens para fora da minha mente. Isso me excitou demais.

Meus olhos foram para o armário e tive uma ideia. Quando me levantei da cama, seus músculos ficaram tensos e ela puxou os joelhos contra o peito. Eu não disse a ela para relaxar. Não adiantaria nada. Ela sabia por que estava aqui nesta casa, e eu não venderia suas mentiras para lhe oferecer conforto. Meu irmão e eu não éramos iguais, mas ainda éramos feitos do mesmo tecido.

Fui até o armário e puxei um cobertor amassado do chão. Coloquei-o na frente dela e desdobrei as bordas surradas até revelar a caixa de papelão esfarrapada contendo o jogo de damas.

"Você sabe como jogar?" Perguntei.

Ela desviou os olhos de mim por tempo suficiente para olhar para a caixa, depois assentiu.

"Bom. Tentei ensinar Gunnir a jogar quando éramos pequenos, mas ele não conseguia pegar o jeito.” Tirei a placa da caixa. A costura do meio havia rompido há muito tempo, mas o jogo ainda podia ser disputado nas duas seções. Arrumei as peças pretas e vermelhas no tabuleiro, vermelhas na frente dela e pretas na minha frente. Sempre joguei com as peças pretas porque elas tinham que se mover primeiro.

No meio do primeiro jogo, ela finalmente falou. “Por que você mantém isso escondido no seu armário?”

Encolhi os ombros e capturei uma de suas peças. “Gunnir não gostaria disso. Ele iria queimá-lo se o encontrasse.”

Minha jogada abriu uma oportunidade para ela, e ela saltou duas das minhas peças, capturando ambas. "Por que?"

Quando ela perguntou sobre minha mãe no porão, eu não quis falar sobre isso, mas o que poderia doer agora? Não era como se ela pudesse contar a outra pessoa o que discutimos. “Minha mãe costumava brincar disso comigo, e ele não gosta de nenhuma lembrança dela porque acha que ela me deixou mole.” Empurrei uma das minhas peças para frente no tabuleiro.

“Você não parece muito gentil para mim,” ela murmurou.

“A decisão é sua”, eu disse.

Ela estudou o quadro. “Você ainda não me contou o que aconteceu com sua mãe. Só posso presumir que ela morreu. Sua mão se moveu em direção a uma peça vermelha, mas ela puxou o dedo para trás e continuou pensando. “Se sim, isso é algo que temos em comum.”

“Sua mãe se matou?”

Ela empurrou uma de suas peças para frente, abrindo uma oportunidade para mim. Eu pulei o pedaço dela e levei embora. “De certa forma, eu acho”, disse ela. “Ela escolheu ficar com meu pai, e ele é bom em remover sua vontade de viver.”

Meu movimento me deixou vulnerável a outro salto duplo. Eu não tinha muitas peças no tabuleiro depois que ela pegou essas duas. Ao tomar meu próximo passo, pensei em contar a ela como minha mãe morreu, mas não queria lhe dar nenhuma ideia. “Você quer falar sobre seu pai?” Em vez disso, perguntei, mas ela balançou a cabeça.

Tínhamos mais em comum do que ela imaginava.

Capítulo Dez

O PHELIA Lex entrou na sala na manhã seguinte depois de não falar comigo desde que terminamos nosso jogo de damas na noite anterior. Ele me deu um cobertor para dormir e um dos travesseiros manchados de sua cama para que eu não tivesse que descansar a cabeça na madeira suja. Tentei ser grata e não considerar o que poderia ter causado as manchas. Com uma respiração frustrada, ele passou a mão pelo cabelo grosso.

"Qual é o problema?" Eu perguntei, chamando sua atenção para mim. Eu estava tentando alcançá-lo como um humano para outro, mas o tiro saiu pela culatra no momento em que ele olhou para mim e seus olhos se estreitaram. Era melhor eu ficar quieto e não atraí-lo para mim.

“Gunnir está chateado por eu não brincar com a prostituta. O rosto dela está reorganizado, e eu simplesmente... . .” Ele balançou a cabeça, interrompendo o resto da frase. Ele se acalmou, seu corpo tremendo de raiva.

“Há algo que eu possa fazer para ajudar?” Perguntei. A madeira roçou minha pele através do cobertor fino enquanto eu me sentava de joelhos.

“Não quando estou frustrado assim. Estou farto da maldita briga que começou quando você chegou aqui. Tiros disparados.

Sentei-me sobre os calcanhares. Eu não escolhi estar aqui. A luta não teve nada a ver comigo e tudo a ver com eles. Ainda assim, eu precisava difundir essa situação antes que ele descontasse sua frustração em mim. Ele continuou andando, a raiva crescendo em seus olhos a cada passo.

“Ele só quer que eu a use para que ele possa usar *você* ”, disse ele com os dentes cerrados. As veias de seu pescoço se destacavam como fios grossos cheios de eletricidade. Ele parou de andar e se virou para mim. "Venha deitar de costas." Alex apontou para a cama e eu fiz o que me foi dito.

Enquanto me arrastava para o colchão, o tempo que passamos juntos na noite passada parecia uma lembrança distante. Por um momento,

éramos duas pessoas jogando damas e conversando sobre nosso passado. Agora eu não era mais uma pessoa para ele. Eu era uma coisa para usar.

Alex agarrou meus ombros e me puxou para a beira do colchão até que minha cabeça caiu para o lado. Abracei a doce tontura enquanto o sangue corria para o meu cérebro. Se eu tivesse sorte, desmaiaria antes mesmo de ele começar. Alex passou os dedos pelo meu cabelo e protegeu meu pescoço. Com uma mão, ele puxou a calça de moletom para baixo e seu pau caiu na frente do meu rosto. Ele esfregou a ponta ao longo dos meus lábios e quando eu não abri a boca, ele me sacudiu pelos cabelos.

"Não brinque comigo agora, O. Não estou com humor."

Abri meus lábios, permitindo que ele entrasse em minha boca. Ele forçou seu caminho até o fundo da minha garganta e eu lutei contra uma mordaça. Ele gemeu e agarrou meu cabelo com mais força, empurrando os quadris para frente antes de recuar e me deixar recuperar o fôlego. Ele olhou para mim. A raiva em seus olhos verdes se dissipou em pouco mais que um lampejo. Alguma outra emoção espreitava ali agora, crescendo até sufocar sua raiva.

Era o seu desejo.

Para mim.

Ruídos viscerais o deixaram enquanto ele se enfiava na minha boca novamente. Sua mão envolveu minha nuca, me mantendo firme enquanto ele se inclinava para frente e trabalhava minha boca com mais força.

“Uma garota tão boa,” ele gemeu.

Eu o odiava, mas o modo como ele me chamou de boa menina me fez inchar com um orgulho indesejado. Eu não queria ser boa para ele, mas tive uma sensação doentia de realização por tê-lo agradado.

Ele puxou para fora, mas em vez de empurrar o seu pau na minha boca, ele deslizou o seu eixo pelo meu nariz e trouxe as suas bolas para os meus lábios. Eu não precisava que ele me dissesse o que queria que eu fizesse. Coloquei suas bolas em minha boca e chupei. A vontade de mordê-los era difícil de combater. Imaginei a dor que isso causaria. E se eu os arrancasse? Isso arruinaria tudo o que ele era.

Uma sensação entre minhas pernas interrompe meus pensamentos violentos. Foi um toque suave, algo que eu nunca esperei dele. Ele deslizou a mão pela boxer e me esfregou. Eu queria tirar suas bolas da minha boca e

perguntar por que ele estava me tocando. O que ele pensava que estava fazendo?

Tentei ignorar sua mão entre minhas pernas enquanto ele me esfregava. Eu esperava o toque desajeitado de um amante inexperiente, mas seus dedos entenderam meu corpo. Juntei minhas coxas para impedi-lo de extrair prazer de mim, e ele tirou as bolas da minha boca.

"Você não gosta quando eu toco em você?" ele perguntou, circulando meu clitóris com a ponta dos dedos.

Eu balancei minha cabeça.

"Por que não?"

“Porque eu não gosto de você,” eu sussurrei. Eu meio que esperava que ele ficasse bravo com minha honestidade, mas ele suspirou como se entendesse.

“Você não precisa gostar de mim para vir”, disse ele, com uma calma estranha em seu tom. “Eu sei que o que você fez no banheiro foi falso.”

Como ele sabia disso? Como ele sabia alguma coisa sobre agradar uma mulher?

Tentei me afastar de seu toque novamente. “Por favor, não”, eu disse. Eu não queria que ele me tocasse, e ele não precisava. Ele poderia simplesmente me usar. É isso.

“Gunnir não faria ninguém vir. Ele não conseguiria, nem mesmo se tentasse.” Sua mão apertou meu pescoço. “Aprendi como fazê-los gozar, mesmo quando eles lutaram. Não lute comigo, Ophelia.

Estremeci com as palavras tão misturadas com ameaças sutis. Ele estava tentando me dizer para ficar grata por ser ele entre minhas pernas e não Gunnir. Eu já estava grato por isso.

Apertei minhas coxas e coloquei seu pau de volta na minha boca.

“Como quiser”, ele disse enquanto tirava a mão de entre minhas pernas, colocava seu peso sobre ela e fodia meu rosto.

Lutei contra as piadas enquanto suas estocadas implacáveis golpeavam minha garganta. Seus quadris finalmente gaguejaram e seu gozo quente atingiu a parte de trás da minha língua. Ele pressionou seus quadris profundamente em mim para que eu não pudesse engolir nem respirar. Eu engasguei, e seu gozo saiu do meu nariz e queimou meus seios

nasais. Bati em sua coxa, tentando fazê-lo sair de mim, mas ele apenas me manteve ali, engasgando com seu pau.

Ele puxou seu pau da minha garganta, e enquanto eu ofegava por ar, ele se inclinou em direção ao meu ouvido. "Da próxima vez que eu sentir vontade de agradar você, porra, deixe-me ou eu vou afogar você no meu gozo", ele sussurrou.

Deixar seus dedos trabalharem em mim teria sido exponencialmente melhor do que isso. Eu realmente precisava repensar minha estratégia.



PARA LEXZANDER

Eu lidei com isso mal. Eu sabia que sim. Dói-me olhar para ela, com os lábios ainda inchados e as bochechas vermelhas. Eu queria fazê-la gozar. Isso era tudo que eu queria fazer, e ela simplesmente brigou comigo. Continuei me pressionando até que eu fiz o que fiz. Ela não era como as outras mulheres. Eu os fiz gozar porque pude, mas queria fazê-la gozar porque queria que ela se sentisse bem. O
estava sendo altruísta, e ela me cutucou por causa disso. Então me tornei ainda mais egoísta. Eu me tornei meu maldito irmão.

Porra.

Não havia nenhuma quantidade de desculpas que eu pudesse pedir naquele momento. Eu vi isso nos olhos dela. Ela estava mais chateada com o que eu tinha feito do que quando a fodi. Talvez eu devesse continuar fazendo o que sabia melhor, a força e o controle que cresci aprendendo antes mesmo de saber ler.

Deixei-a no quarto e fui para o porão. Gunnir ainda estava usando sua prostituta, mas eu sabia que ele estava quase terminando. Suas mãos estavam cravadas na mesa enquanto suas estocadas aceleravam.

"Como ela estava?" ele perguntou.

“Eu não fiz nada com ela”, menti. Eu não queria que ele pensasse que eu a trouxe para o meu quarto para usá-la. Não foi por isso que eu a queria naquela sala. Era para protegê-la dele. Usá-la foi apenas um bônus.

“Então o que é essa mancha na frente da sua calça?” ele perguntou.

Olhei para baixo e percebi que ela havia jogado meu retorno em mim. *Bem*, *merda*. "Ela estava sendo tagarela, então eu peguei sua garganta."

Gunnir agarrou a boca de Sam, enganchando os dedos e puxando os lábios dela. “Mas a boca dela não é boa o suficiente para você?” Através dos olhos vermelhos e vidrados, ela olhou para mim com um desespero que eu nunca havia notado antes.

“Foda-se, Gunnir. Eu também não planejei usar a boca de Ophelia.”

Gunnir gemeu ao terminar. Ele puxou o pau molhado e se limpou com a mão suja antes de vestir o macacão. Ele bateu no rosto de Sam, fazendo-a choramingar e cobrir os cortes sangrentos em suas bochechas.

Ele tentou fazer com que ela admitisse sua participação no ataque cortando seu rosto e peito, quase esfolando-a em algumas áreas. Ela nunca admitiu nada porque não tinha sido a mentora. Eu tive. Ela nem me jogou debaixo do ônibus. Ela apenas recebeu seu castigo imerecido com um estoicismo que eu poderia respeitar.

De certa forma, ela me lembrou de mim mesma. Eu costumava levar a culpa por Gunnir às vezes, e o Homem me chicoteava até eu sangrar. Ele mergulhava o chicote em baldes de água para rasgar minha pele e doer ainda mais. Por alguma razão, senti a necessidade de proteger Gunnir, mesmo que sua maldade superasse a minha. Depois que ele ultrapassou O Homem, deixei Gunnir levar suas próprias surras.

Gunnir apertou meu ombro e me disse para subir. Segui o som de seu jeans raspando enquanto ele andava.

"Você sabe o que eu estava pensando?" ele disse enquanto se sentava na mesa da cozinha com um gemido saciado.

"O que?"

“Acho que deveríamos deixar sua bela bunda cozinhar para nós. Como mamãe costumava fazer. Eu adoraria vê-la se curvando para lavar a louça.”

Fazia sentido. Ophelia precisava de um emprego se quisesse ficar lá em cima, mas isso também significava exibi-la para ele se eu fizesse o que ele pedia. Mas talvez cozinhar não fosse tão ruim. Eu estaria aqui para intervir, se necessário. “Vou levá-la para a cozinha e deixá-la cozinhar.”

Os olhos de Gunnir se arregalaram. “Eu tenho a roupa perfeita para isso!” Ele se levantou da mesa e foi em direção ao seu quarto, retornando

momentos depois com uma roupa de empregada. Ele o comprou meses atrás, depois de uma liquidação de Halloween, e planejava fazer a prostituta usá-lo. Eu tinha esquecido tudo sobre isso até agora. Eu gostaria que ele também tivesse. Lutei contra a vontade de mandá-lo se foder com isso, mas ele já estava desconfiado e eu não poderia lhe dar mais munição. Eu apenas dei de ombros e ele tossiu para mim.

Fui para o meu quarto e segurei o tecido minúsculo na frente de Ophelia. Ela olhou para mim com os olhos arregalados.

"O que é isso?"

“Gunnir quer que você use enquanto prepara o café da manhã.”

“Você está brincando comigo,” ela disse, com a boca aberta.

"Eu não sou."

Seus lábios se apertaram e ela pegou o material fino. "Bem, você pode pelo menos me deixar me vestir?"

Inclinei a cabeça para ela porque ela já sabia a resposta para isso. “Vá em frente”, eu disse a ela.

Ela se levantou e começou a desabotoar a camisa. Quando ela se virou, eu cresci. “Na minha frente, O. Você sabe melhor.”

Ela se virou e continuou a desabotoar os botões até que eu pude ver o volume de seus seios. Porra, ela era linda. E ela era minha.

Ela jogou a alça rendada branca sobre o pescoço e puxou o material barato em volta da barriga. Ela se virou e apontou para suas costas nuas. Ajudei-a a apertar os cordões rendados, amarrando-os como amarrei meus sapatos – bem devagar, com o coelho correndo debaixo da árvore.

Ela substituiu minha boxer pela calcinha preta que tinha um avental bonitinho pendurado na frente. Suas mãos foram para trás, tentando cobrir as algemas de sua bunda. Ela parecia boa o suficiente para comer, e isso me deixou nervoso. Se eu quisesse deitá-la e tomá-la no café da manhã, não tinha dúvidas de que Gunnir também o faria. Ela era intocável, e nada gritava mais “me toque” do que algo que você não podia.

Destranquei sua corrente e a levei para a cozinha. Gunnir devorou o corpo dela com os olhos, focado e lento, absorvendo-a por completo. Suas bochechas ficaram mais vermelhas do que quando a fiz engasgar com meu pau.

“Faça ovos para mim como você fez na lanchonete”, ordenou Gunnir.

Ofélia olhou para mim. “Eu nunca fiz a comida”, ela sussurrou.

Inclinei-me para ela. “Eu sei disso, mas ele não.”

Ela tentou voltar para a cozinha assim que soltei sua corrente.

“Não, uh. Quero ver você ir embora”, Gunnir retrucou. Ele girou o dedo grande no ar, exigindo que ela lhe desse uma visão dela de todos os ângulos.

Com os olhos fechados e lábios apertados, ela se virou e tirou as mãos da bunda. Gunnir vaiou e gritou, e eu tinha certeza de que ele sairia da cadeira e atacaria ela. Mas ele não o fez. Ele apenas lambeu os lábios e esfregou a virilha do macacão.

Ophelia obedientemente foi até a geladeira e pegou uma caixa de ovos e começou a quebrá-los em uma panela no fogão. Gunnir gostava deles mais fáceis, e eu gostava deles mexidos macios. Eu não tinha certeza se ela se lembraria, mas esperava que sim. Sentei-me à mesa e observei-a cozinhar, mantendo um olho no meu irmão.

Gunnir soltou a alça do macacão e o jeans passou pela barriga solta pendurada abaixo da camisa branca suja. Seus olhos percorreram seu corpo enquanto ela trabalhava. Cada vez que ela mexia os ovos, seus seios balançavam. Cada vez que ela trocava de uma perna para a outra, seus quadris se moviam de uma forma que fazia sua bunda aparecer. Gunnir acariciou distraidamente enquanto se sentava à mesa comigo, seu pênis atarracado desaparecendo com o menor movimento de sua mão. Se houvesse um deus, ele agraciara tanto Gunnir quanto o Homem com paus minúsculos para que causassem menos danos às mulheres. Eu tive sorte nesse departamento. Eu poderia machucá-los muito mais se não fosse tão gentil quanto fui. Eu nem sempre tive tanto controle sobre como os encarava, e já tinha causado muitos danos na minha juventude, quando o sexo ainda era tão novo e excitante.

Isso me corroeu, a maneira como ele se esfregou e babou em Ophelia, mas o que eu poderia fazer? Se eu fizesse barulho, ele iria querer ela de volta no porão, e eu não poderia protegê-la lá. Não é que eu tivesse medo dele. Ele poderia ser maior, mas eu tinha mais músculos. E cérebros. Eu não queria que chegasse a esse ponto, no entanto. Éramos tudo o que tínhamos no mundo, e quando Ophelia e a prostituta se fossem, ainda estaríamos aqui. Junto.

Meu estômago apertou. A ideia de um dia em que Ophelia não estaria mais aqui não me agradava, mas o que mais eu faria com ela? Pensei em minha mãe, acorrentada ao quarto, frágil e miserável. Eu não queria isso para Ophelia.

O que eu queria para ela?

Pele se esfregou quando Ophelia se inclinou para raspar os ovos num prato. Ele se masturbou mais rápido e com mais força, e eu temi que ele arrancasse aquela maldita coisa de tanta excitação. Os olhos de Ophelia se arregalaram quando ela se virou e o viu batendo nela, e pensei que ela certamente deixaria cair os pratos de comida. Isso teria sido um erro. Gunnir só gostava mais de uma coisa do que as meninas: comida.

Balancei rapidamente a cabeça para Ophelia, tentando dizer a ela para não reconhecê-lo. Ela fez o possível para ignorá-lo, colocando um prato de ovos mexidos na minha frente e ovos moles e cobertos de gema na frente de Gunnir. Ela até pegou a garrafa de rancho da geladeira e colocou ao lado do meu prato.

Os olhos dele deixaram os dela enquanto se dirigiam para a comida. Sua língua saiu da boca e seus golpes diminuíram. “Olhe na geladeira”, disse Gunnir, agarrando seu antebraço antes que ela pudesse se afastar dele. "Há um
pote de maionese na prateleira de baixo. Traga-o aqui.

Eu sabia onde Gunnir queria chegar com isso e não gostei.

Ela fez o que ele instruiu e tirou o pote da geladeira com uma careta. A mistura levemente amarelada naquele pote não era maionese.

“Fique de joelhos”, disse ele, começando a se acariciar novamente.

Ela balançou a cabeça e eu tive que interceptar antes que ela agravasse a situação. Gunnir faria algo muito pior se ela dissesse não, e o que ele planejou era melhor do que tomar sua boca ou boceta. Eu chutei seus joelhos e ela caiu no chão, ainda segurando o pote.

Gunnir lambeu os lábios. “Abra o pote e segure-o entre os seios.”

Ophelia olhou para mim, usando os olhos para implorar por ajuda. Ela não percebeu que eu a estava salvando ao encorajá-la a concordar com isso. Desviei o olhar até ouvir a tampa do pote sair. Quando olhei para trás, ela estava engasgando e segurando o pote entre os seios.

Ele acariciou seu pau mais rápido, seus olhos vidrados alternando entre o peito dela e os ovos no prato. Com um gemido pesado, ele gozou, esguichando sua carga na jarra. Sua garganta apertou e balançou. Achei que desta vez ela perderia o conteúdo do estômago, mas ela conseguiu suavizar a expressão e se acalmar.

“Coloque isso de volta na geladeira e comece a lavar a louça enquanto os homens comem,” Gunnir ordenou depois de colocar o macacão no lugar.

Ela assentiu e levantou-se, correndo até a geladeira para se livrar da coleção. Na pia, ela lavou as mãos como se tivesse tocado em esgoto bruto. De certa forma, acho que ela tinha. Ela pegou a panela e esfregou, lutando contra o brilho dos olhos a cada passada da esponja. Tomei meu café da manhã, feito perfeitamente, do jeito que gostei.

"Posso ir à casa-de-banho?" ela me perguntou enquanto secava as mãos na toalha rasgada que mantínhamos perto da pia.

Assenti e a levei pelo corredor. Houve pouca hesitação quando ela correu para o banheiro e quando terminou, seus olhos encontraram os meus. "Por que você o deixou fazer isso?"

Eu balancei minha cabeça. “Não me questione, O. Conheço meu irmão melhor do que você. Se você tivesse lutado com ele, ele teria feito você pagar. Ele teria levado mais.

Um arrepio percorreu seu espinho. “Há quanto tempo ele está coletando seu. . .” Ela não teve coragem de terminar a frase.

“Há alguns meses,” eu disse com um encolher de ombros. “Ele queria que eu fizesse isso também, e eu fiz por um tempo, mas parei depois de algumas semanas porque não via sentido nisso. Só não beba da garrafa de Coca-Cola ao lado do molho rancho na geladeira.

Ela lavou as mãos e eu a arrastei de volta para o quarto e tranquei sua corrente. “Obrigado pelo café da manhã,” eu disse a ela enquanto empurrava suas roupas para ela.

Ela os puxou para mais perto e os apertou contra o peito. Enquanto eu me afastava, sua voz suave veio até mim do outro lado da sala. “Obrigado por me ajudar.”

Capítulo Onze

ó PHELIA , eu vivia nas chamas ardentes do playground do inferno e era o brinquedo do diabo. A pior parte? Eu aprendi a gostar de estar perto dele. Ou acostumado com isso, pelo menos. Como um cachorro esperando por seu dono, sentei-me no meu canto, antecipando seu retorno. Eu queria a atenção dele, mesmo que fosse pelos motivos errados. Foi estranho porque eu tinha gostado da solidão na casa do meu pai, mas o isolamento nesta *casa* estava me deixando louco. Eu queria que ele falasse comigo e queria que ele me mantivesse a salvo de seu irmão.

Ele entrou no quarto depois de algumas horas fora e foi até o armário. Ele puxou o jogo de damas escondido de dentro, e não pude deixar de sorrir ao ver a expressão em seu rosto. Brincalhão e quase. . . doce. Gunnir deve ter ido para a cama, pois de outra forma não teria arriscado tirar a caça de seu esconderijo. Ele sentou na minha frente e colocou a tábua quebrada.

"Você já jogou xadrez?" Perguntei como ele organizou as peças.

Seus olhos brilharam. "Eu queria aprender a jogar isso, mas só tínhamos damas."

Sua excitação infantil me fez sorrir. Estava claro por que sua mãe preferia a companhia dele à de Gunnir. Eu só podia imaginar os horrores pelos quais sua mãe passou e o que a levou a tirar a vida. Provavelmente foi ainda pior do que eu experimentei. Na verdade, eu tinha certeza que sim.

"Como era sua mãe?" Perguntei.

Alex pareceu desaparecer de sua mente, provavelmente tentando decidir se aquela conversa era uma boa ideia. Depois de um momento, ele se levantou e pegou uma caixa do armário. Ele colocou-o no chão e envolveu-o com suas longas pernas antes de puxar uma foto de dentro e entregá-la para mim. A mulher na fotografia tinha cabelos castanhos como Alex, e o tom verde de seus olhos era o mesmo, mas isso era tudo. Ele deve

ter herdado suas outras características do pai. Reconheci a cama da imagem, assim como as paredes.

E a corrente em volta do pescoço.

“Essa é minha mãe”, disse ele com orgulho na voz. Ele pegou a foto de mim e olhou para ela enquanto continuava falando. “Ela era boa em damas, assim como você. E ela sabia cantar muito bem. O Homem não gostava quando ela cantava, então ela não fazia isso com frequência.”

"O homem?" Perguntei. "Aquele era seu pai?"

Seu sorriso suave desapareceu, mas ele não respondeu. “Você morou com seu pai depois que sua mãe morreu?”

Meus lábios se apertaram e eu não consegui responder.

“Está tudo bem, você não precisa falar sobre isso”, disse Alex enquanto movia uma peça no tabuleiro, mas me dizer que eu não precisava falar sobre isso me deu vontade de *falar* sobre isso.

“Meu pai é uma pessoa má”, eu disse balançando a cabeça.

Os olhos verdes de Alex encontraram os meus, um entendimento mútuo crescendo entre nós. "Meu também."

Vi a imagem de um desenho de peru feito à mão e tirei-o da caixa antes que ele pudesse pegá-lo. Virei-o e encontrei sua assinatura rabiscada no verso. “Alexandre? Com az? Olhei para ele por cima da borda do papel.

"Sim. É grego”, disse ele. “A decisão é sua.”

Eu tinha dúvidas de que algum deles soubesse alguma coisa sobre a Grécia, mas deixei passar e empurrei uma das minhas peças no tabuleiro.

“Você disse que seu pai *é* uma pessoa má. Isso significa que ele ainda está vivo? ele perguntou.

“Infelizmente”, murmurei. “Embora eu não saiba quanto tempo ele vai durar sem mim. Ele não trabalha, então nossa única renda era o que eu trazia da lanchonete. Ele provavelmente morrerá de abstinência quando não puder mais pagar pela bebida.

“Se ele morresse, isso seria uma coisa ruim?”

Eu não respondi a ele. Eu não consegui. Não foi fácil admitir que fantasiava diariamente com a morte do meu pai. “Sua jogada,” eu disse.

Ele se abaixou e parou, considerou e então moveu uma peça, mas desta vez não se colocou em uma posição vulnerável. Ele estava melhorando. “E o seu pai?” Perguntei. "Onde ele está?" “Se foi”, disse ele.

“Se foi como se tivesse partido ou se foi como se estivesse morto?”

“Acabei de ir, O. Deixe isso pra lá.”

Então eu fiz. Jogamos o resto do jogo em silêncio. Capturei a última peça preta no tabuleiro e Alex olhou para mim com uma carranca tensa.

“Não se sinta mal. Eu estava no time de xadrez da minha escola. Jogávamos damas quando precisávamos de uma mudança. Sou basicamente um profissional”, eu disse encolhendo os ombros. “Vocês foram para a escola?”

Alex riu. “Algum de nós parece educado para você?”

Dei de ombros. “ *Você* meio que sabe.”

"Obrigado, mas não. Sou autodidata. Gunnir não se importava em aprender nada além da anatomia feminina — disse ele enquanto recolhia as peças e as empilhava para guardá-las.

“Como você se vê como diferente dele?” Eu sabia que não deveria ter perguntado, mas fiz isso mesmo assim.

Seu corpo ficou tenso. “Eu simplesmente estou”, disse ele balançando a cabeça.

“Vocês dois são estupradores.”

Uma pessoa normal ficaria chocada com tal acusação, mas Alex nem sequer reagiu. Ele sabia o que ele era. Ainda assim, a culpa era evidente pela curvatura de seus lábios e pela maneira como ele não conseguia olhar nos meus olhos. Ele não era tão sem alma quanto queria que eu acreditasse.

Ele terminou de encaixotar as peças antes de olhar para mim. “Sou uma pessoa má, O. Mas não sou a pior.”

Virei meu olhar para a porta e cocei meu braço. Passar tanto tempo entre os banhos fez minha pele arrepiar. "Alguma chance de eu poder tomar banho hoje à noite?"

Alex olhou para a porta e suspirou. “Eu acho que está tudo bem. Mas só uma rápida.

Ele soltou minha corrente do chão e me levou até o banheiro, segurando os elos de metal nas mãos para evitar que se chocassem. Eu gostaria de poder tomar banho sem a corrente pesando no meu pescoço. Mas fiquei feliz por poder tomar banho. Sam não teve tanta sorte. Ela estava presa em uma torneira e na interminável película de sujeira que

cobria as paredes e o concreto. Não havia como ficar limpo lá embaixo. Eu esperava que ela estivesse bem. Eu não saberia que ela ainda estava viva se não fosse pelos passos pesados de Gunnir indo e voltando do porão.

A água fria escorria do chuveiro e salpicava minha pele, e a corrente de frio me congelou ainda mais. A presença de Alex pairava do lado de fora do chuveiro, sentado no vaso sanitário fechado e esperando que eu terminasse. Apenas deixei a água gelada correr sobre mim porque era melhor do que qualquer alternativa.

"Você pode se apressar aí?" Alex disse depois de alguns minutos, e eu percebi que seu rosto estava encostado em sua mão porque sua voz estava abafada. “A água está fria agora, não está?”

Fiz um barulho que não era sim ou não, porque a água nunca deixava de estar *fria* . Um farfalhar veio de fora do chuveiro e a cortina se abriu. Joguei meus braços sobre o peito e a virilha, como se ele já não tivesse visto tudo.

Mas eu não tinha visto ele inteiro. Não da maneira como ele estava diante de mim naquela época. Ele estava completamente nu, sem um pingo de timidez quando soltou minha corrente e olhou meu corpo com olhos famintos.

"Por que?" Perguntei.

Ele encolheu os ombros. “Não vou deixar você usar toda a água quente”, ele disse enquanto passava por mim para entrar sob o jato.

"O que? Não há água quente!” Eu disse enquanto me abraçava com mais força.

“Isso fica muito mais frio.”

Prendi a respiração enquanto seu corpo agradecia o meu. Eu terminei o banho, mas quando tentei sair, ele agarrou minha corrente. Afundei-me contra a parede suja e esperei que ele terminasse.

Meus olhos percorreram seu corpo. Acima dos músculos, cicatrizes longas e finas cruzavam suas costas e pequenas cicatrizes circulares pontilhavam seus ombros. Segui as marcas até sua bunda e voltei novamente.

“Quem fez tudo isso com você?” Perguntei.

“O Homem”, disse ele enquanto soprava água dos lábios. “Pare de fazer perguntas.”

"Ele era seu pai?"

Alex se virou e empurrou seu corpo contra o meu. Ele arrancou minhas mãos do meu peito e meus mamilos endureceram contra sua pele. "Eu disse para parar de fazer perguntas."

“Desculpe,” eu sussurrei enquanto desviava o olhar.

Seu pau endureceu contra a parte inferior do meu estômago, e fechei os olhos e esperei que ele me levasse, para me ensinar a manter a boca fechada. Quando minha corrente chacoalhou, abri os olhos e o vi sair do chuveiro. Fiquei surpreso e aliviado, mas uma pequena parte de mim sentiu uma insegurança crescente. Eu não o interessava mais?

Desliguei a água e saí do chuveiro. Ele enrolou uma toalha em volta da minha pele molhada e, sem falar, me levou para o quarto.

Ele parecia bravo comigo. Eu não deveria tê-lo pressionado. Eu tinha quase certeza de que o Homem era seu pai e, se fosse, teria sido ele quem arrancaria a simpatia de Alex. Gunnir teria sido o filho pródigo. Doente e maldito distorcido. Alex também estava doente, mas isso me lembrou mais alguém que foi condicionado a ponto de ficar doente.

Alex me empurrou para frente e fechou a porta do quarto atrás de mim. A água escorria por seu peito e se aninhava na toalha velha em volta de sua cintura. Quando ele se virou para olhar para mim, seu olhar queimou através de mim.

“Alex. . .”

“Ofélia”, ele retrucou. “Quero que você pare de fazer perguntas sobre o Homem. Você não precisa saber sobre ele e eu não preciso falar sobre ele. Está claro?"

Balancei a cabeça e ajustei a toalha em volta do meu corpo.

Sua atenção mudou do meu rosto para o meu peito, depois foi para baixo. Seus olhos escureceram. "Eu quero fazer você gozar, O." Balancei a cabeça e apertei a toalha.

Ele entrou em mim e agarrou meu cabelo úmido, enrolando-o na minha nuca. "Deixe-me tocar em você."

"Por que você se importa se eu sair?"

“Eu mesmo me pergunto isso,” ele sussurrou enquanto se inclinava em direção aos meus lábios.

Meus pulmões lutaram por ar, fazendo meu peito subir contra o dele. Eu não sabia o que fazer. Ele sabia quando eu fingia, e se eu recusasse, ele provavelmente iria me forçar a descer pela garganta. Eu não queria que a queimação dele viajasse pelos meus seios da face novamente. Mas eu *realmente* não queria que ele me tocasse. Eu não queria receber prazer de nenhuma parte dele.

Lágrimas brilharam em meus olhos. Era um cenário sem saída.

Com a toalha ainda enrolada na cintura, Alex sentou-se na cama e abriu as pernas para criar um espaço entre elas. Ele me moveu e eu lutei para me mover em direção a ele. Meus pés pareciam cobertos de chumbo. Levei tudo de mim para dar aqueles poucos passos e sentar entre suas pernas.

Meu corpo tremia quando suas mãos foram para a frente da minha toalha e a espalharam até que o ar fresco do quarto arrepiou minha pele. Eu estava tremendo e sabia que ele sentia cada vibração contra ele. Seus dedos enfeitaram minha pele e sua mão deslizou entre meus seios. Ele escovou meus mamilos antes de apertá-los, forçando um gemido dos meus lábios. Enquanto ele segurava meus seios e brincava com meus mamilos, um gemido baixo zumbiu em seu peito. Sua boca caiu na curva do meu pescoço e mordeu minha carne.

“Porra, O,” ele rosnou enquanto deslizava as mãos pela minha barriga até chegar à minha fenda. Ele me esfregou até que a umidade se acumulasse, então apertou meu clitóris entre os dedos. "Eu não vou te foder, se é isso que te assusta, então relaxe e aproveite."

Eu não relaxei. Fiquei ainda mais tenso quando uma mão apertou meu seio e a outra mão trabalhou meu clitóris. Foi tão errado. Ele era uma pessoa horrível, apenas superado por Gunnir. Ele me sequestrou e me causou muita dor. Ele me violou.

E ainda assim eu me peguei levantando meus quadris em direção ao seu toque.

"Boa garota." Ele beijou meu queixo antes que seus lábios encontrassem minha boca. "Venha até mim." Ele disse as palavras como nunca as havia dito antes em sua vida.

Quer eu quisesse ou não, seu toque me dava prazer. Relaxei meus lábios e permiti que ele aprofundasse o beijo. Não faria mal nenhum...

A porta do quarto se abriu e Gunnir ficou parado na porta com a boca pendurada nas dobradiças. Alex se afastou da minha boca e me cobriu com a toalha. Eu me abracei e puxei as pernas em direção ao peito. Ele ainda estava duro quando saiu de trás de mim e se levantou.

"Que porra, Alex?" Gunnir gritou.

"Gunnir", disse Alex, o mais calmamente que pôde. "Não é o que parecia." Alex estava falando como se tivesse acabado de ser pego transando com a esposa de Gunnir ou algo assim. Tudo o que ele fez foi me beijar. Ele viu Alex me beijar no porão e não se importou.

"O que você estava fazendo entre as pernas dela? Por que você estava tocando ela daquele jeito? O homem-"

"Não faça isso, Gunnir," Alex retrucou, sua mandíbula pulsando.

"Nós não fazemos com que eles se sintam bem, Alex. Não é para isso que servem!" A voz de Gunnir aumentou outra oitava enquanto ele se aproximava de seu irmão.

" *Você* não precisa fazê-los se sentir bem, mas posso fazer o que quiser com ela. Ela é *minha*. Se eu quiser brincar com ela, então brincarei com ela."

"Maldita buceta. Mamãe fez você assim. Ela te lembra dela, filhinho da mamãe?

Gunnir agarrou o cinto pendurado na porta e caminhou em minha direção. Ele estava em cima de mim antes que eu pudesse fugir. Seus dedos enrolaram em meu cabelo e ele me puxou da cama. Sua outra mão pegou a toalha e a puxou, deixando-me nua na frente dele. Fui cobrir meu peito, mas ele agarrou meus braços e os arrancou. Gritei por Alex, o que enfureceu ainda mais Gunnir. Ele empurrou meu peito contra a cômoda e abriu minhas pernas.

"Eles não conseguem se sentir bem," Gunnir rosnou enquanto puxava o braço para trás e colocava o couro dobrado na minha pele. Eu gritei e tentei me afastar. "Não se mova, vadia estúpida, ou colocarei algo pior dentro de você do que qualquer um dos nossos paus."

Lágrimas caíram pelo meu rosto enquanto eu procurava por Alex no espelho da cômoda. Ele ficou atrás de nós, parecendo tão preso quanto eu. Ele estava tentando descobrir uma maneira de sair dessa situação, mas o

desespero passando por seus olhos me fez pensar que não havia esperança.

Quando Gunnir baixou o cinto sobre mim novamente, eu cavei minhas unhas na madeira envelhecida. Um rastro quente de sangue escorreu pela minha coxa e abaixei a cabeça e mordi o braço para não gritar novamente. Acima das batidas do coração em meus ouvidos, ouvi o som inconfundível de um canivete balançando livremente.

“Talvez eu devesse tirar o que a faz se sentir bem, hein, Alex?” Gunnir irritou-se.

Chicotear não foi suficiente para ele. Ele pretendia causar mais danos. Dano irreparável. Tentei fugir, mas o peso dele me pressionou e me segurou forte.

Outro som ofuscou a risada doentia e distorcida de Gunnir – uma arma sendo sacada. Ele tirou o peso das minhas costas e se virou, mas eu não precisei me virar. Eu podia ver meu salvador no espelho. Alex estava com os ombros retos e as pernas abertas em posição de atirador.

E a espingarda que ele segurava estava apontada para o irmão.

Gunnir largou o cinto. “Oh, irmãozinho”, disse ele com uma risada fraca. “Grande erro.”

— Veremos — rosnou Alex.

Caí no chão nu e sangrando. Lágrimas encharcaram meu rosto e eu não conseguia abrir os olhos. Só quando ouvi os passos de Gunnir se afastando é que olhei para cima e vi Alex descarregando os projéteis e escondendo-os em uma gaveta.

“Porra, ó”, disse ele. “Eu estraguei tudo.” Havia um medo em sua voz que eu nunca tinha ouvido. Ele enfiou a espingarda no armário e recostou-se na parede. “Eu só queria fazer você se sentir bem. De uma vez." “Alex,” eu sussurrei.

Ele se arrastou para mais perto e pegou meu rosto entre as mãos. "Você está fodido, O. E eu sinto muito."

O medo em sua voz provou que eu não era o único que tinha que me preocupar com Gunnir. Aquele pedaço de merda também tinha um poder assustador sobre Alex.

Capítulo Doze

UM LEXZANDER No dia seguinte, Gunnir agiu como se nada tivesse acontecido. Como se ele não tivesse ameaçado cortar Ophelia. Como se eu não tivesse apontado uma arma para ele. Isso me enervou. Normalmente, quando eu o irritava, ele andava pela casa fazendo beicinho e tornando a vida miserável por alguns dias. Se ele estava agindo como se tudo estivesse bem e elegante, isso significava que ele tinha algo na manga para me fazer pagar pela noite passada.

Eu só queria fazê-la se sentir bem. Queria senti-la perseguindo meus dedos em vez de tentar fugir de mim. Gostei que meu pau respondesse ao movimento de seus quadris, e os gemidos suaves que escapavam de seus lábios me deixavam tão duro quanto o choro e a luta. Adorei não me sentir culpado pela ereção porque não foi pelos motivos do Homem.

Mas eu tinha fodido tudo.

Gunnir nunca aceitaria nada além do que o Homem lhe ensinou, e essa lição foi simples: você os pegava, fodia com eles da maneira mais egoísta e se livrava deles quando ficava entediado. Ao contrário de Gunnir, nunca fiz sexo com eles para machucá-los. Eu só fiz isso para me agradar. E a maneira como ela resistiu contra minha mão me agradou. Gostei do beicinho suave de seus lábios enquanto seus olhos se fechavam e o prazer crescia dentro dela. Prazer que criei. Quando os gemidos que ela tentou conter vazaram de seus lábios, isso fez algo comigo. E agora ela pagaria por isso.

Gunnir nunca entenderia as razões pelas quais eu queria tocá-la daquele jeito. Eu mesmo dificilmente entendi, mas tentei fazer sentido. Era o que eu queria, não o que ela queria. Ele não viu como ela resistiu e implorou para que eu parasse. Ele não me ouviu ordenar que ela se sentasse entre minhas pernas e me deixasse explorar seu corpo. Gunnir entrou apenas quando começou a gostar do meu toque. Mas isso foi o suficiente para deixá-lo em uma espiral.

Ophelia estava perto do fogão, preparando o jantar com sua roupa de empregada e tentando evitar olhar para Gunnir. Não pude deixar de

observá-la porque as algemas cheias de sua bunda por baixo da calcinha me deram água na boca. Eu queria enterrar meu rosto entre suas pernas enquanto ela se inclinava sobre a pia.

Mas por que? Por que eu iria querer fazer isso?

Jesus, minha cabeça estava arrancada. Nós não os comemos fora. Nunca colocamos a boca neles assim. Mas Ophelia era tão pura, e eu queria devorar sua inocência e engolir cada gota.

"Ouviste-me?" Gunnir perguntou.

"O que?" Eu disse, rompendo com a deliciosa ideia de estar de joelhos atrás de Ophelia.

Gunnir riu. “Puta merda, garota. Você deixou Alex aqui chicoteado enquanto todos saíam. Seus lábios se apertaram. “Eu disse que gostaria de dar uma festa. Deixe as meninas bem vestidas e bonitas. Tocar música. Dança."

Eu não gostei da expressão em seus olhos. Sua ideia parecia inocente, mas não era.

Ophelia trouxe os pratos de frango assado e legumes cozidos no vapor. Cada passo que ela dava era acentuado por um estremecimento. Ela ainda estava machucada pelas chicotadas que recebera na noite anterior. Houve uma contração sutil de dor em seus lábios quando ela se virou para ir embora.

“Ah ah, garota. Venha sentar no meu colo. Gunnir virou-se em sua cadeira, com o garfo ainda na mão, e foi até ela.

Cada músculo do meu corpo ficou rígido. Ela olhou para mim antes de dar um passo em direção a ele e sentar-se dolorosamente em seu colo. Ele comeu sua comida enquanto sua mão descansava nas costas dela. Ninguém falou. Nós apenas o deixamos comer. Ele enfiou o frango na boca, apenas tirando a mão dela para arrancar mais carne do osso. Quando estava quase limpo, ele segurou o osso entre os dedos gordurosos e o levou à boca de Ophelia.

“Chupe,” ele disse enquanto esfregava ao longo de seu lábio inferior.

Ela balançou a cabeça.

“Se você não fizer isso, vou colocar meu pau na sua boca”, ele murmurou, falando como se estivesse tentando encorajar uma criança travessa a terminar o último pedaço de comida em seu prato.

Ophelia afrouxou os lábios e ele mexeu o osso em sua boca, gemendo enquanto o movia para dentro e para fora. Quando isso não foi suficiente para satisfazê-lo, ele levou a mão à parte de trás da cabeça dela e empurrou-a mais fundo. Quando ela começou a vomitar, fiquei preocupado que ele fosse mais longe e a fizesse chupá-lo. Eu não queria brigar com meu irmão de novo, mas lutaria se ele cruzasse a linha. Ele ainda não tinha feito isso, mas estava alguns centímetros mais perto.

"Você com certeza pode ser uma merda, não é?" Gunnir perguntou enquanto puxava o osso de sua boca. "Agora eu sei por que você deixou Alex tão chicoteado."

— Eu não — ela sussurrou, limpando a gordura do queixo.

"Você faz. Conheço Alex a vida toda e nunca pensei que iria encontrá-lo tentando fazer uma vadia gozar", disse Gunnir com uma risada. Ele se virou para mim. "O que você iria ganhar com isso?"

Eu tive que pensar rápido. "Eu teria fodido ela depois. Você já esteve dentro deles depois de fazê-los gozar? É ainda melhor se você estiver dentro deles *quando* eles vierem. A maneira como eles apertam seu pau. . ." Dei um gemido convincente.

Os olhos de Gunnir se estreitaram sobre mim. "Você está me dizendo que fez outras vadias virem transando com elas?"

"Sim. Eles lutam muito contra isso, mas isso quase faz com que pareça melhor. Era verdade. Aconteceu do nada, geralmente. Eu fodia-os da maneira certa, e eles choravam mais enquanto se apertavam à minha volta. Nada me fez gozar mais rápido do que aquele orgasmo surpresa rasgando-os. Eu tinha me aproximado de Ophelia. Ela começou a ter espasmos ao meu redor e eu quis empurrá-la ao limite, mas ela nunca chegou lá. Talvez seja por isso que eu queria tanto trazê-la para lá agora.

"Isso nunca aconteceu comigo", disse Gunnir.

Eu ri. "Não estou surpreso, considerando esse seu pau atarracado." Ele soltou Ophelia, e ela caiu de costas enquanto ele se levantava. Ela caiu com um baque surdo e apoiou-se no chão de madeira para fugir dele.

"O que você disse sobre meu pau?" Gunnir se aproximou, mantendo os braços ligeiramente levantados ao lado do corpo para parecer maior.

Eu me levantei e olhei em seus olhos semicerrados. “É mais ou menos do tamanho daquela porra de osso de galinha”, eu disse com um sorriso malicioso.

“Foda-se, Alex. Sempre pensando que você é melhor que eu.

Gunnir havia perdido todo o interesse em Ophelia. Acenei gentilmente para ela em direção ao quarto, e ela ergueu a corrente para que não fizesse barulho enquanto ela escapava para um lugar seguro.

Boa menina, pensei, antes que Gunnir me atacasse com o punho.

Eu me esquivei do golpe inicial, mas o segundo golpe acertou o lado direito do meu rosto. Tropecei um passo para trás, tocando minha bochecha por um momento antes de atacá-lo e derrubá-lo. Meus punhos socaram seu rosto até que seu nariz espirrou sangue.

“Foda-se, Gunnir. Eu *sou* melhor que você”, eu disse. Joguei um chumaço de saliva no chão perto de sua cabeça. “Você é tudo que eu odiava no Homem.”

“Saia de cima de mim,” ele rosnou enquanto me empurrava para longe dele com muita facilidade. "Vá beijar os pés da sua cadela antes que eu te mate!"

Apertei minha mão, levantei-me e caminhei até meu quarto, trancando a porta atrás de mim. Ophelia sentou-se no chão, mas levantou-se de um salto e veio em minha direção quando ouviu o clique da fechadura. Ela pegou minha mão e passou os dedos pelos nós dos meus dedos ensanguentados.

"Por que?" ela perguntou.

"Porque o que?"

“Por que você causou uma briga como essa?”

“Ele teria feito algo pior com você.”

Ela balançou a cabeça. “Mas por que me proteger? Que bem pode advir disso?”

“Nada de bom resultará disso, mas as coisas já estão caminhando em direção a um destino que eu não gosto. Então, é o que é."

Ela se inclinou e me beijou, sua corrente chacoalhando enquanto ela levantava a outra mão até meu rosto. Meu corpo ficou tenso. Ela não deveria ter me visto como um cavaleiro branco. Eu não estava. Eu era ferozmente possessivo com ela. Eu egoisticamente queria mantê-la para

mim e estava mexendo com a dinâmica da casa para mantê-la sob controle. Não fiz isso porque gostei de como ela era inteligente ou de como ela era mais forte do que as outras garotas quando estava abaixo de mim. Não foi porque ela conseguia limpar o chão comigo em xadrez ou porque ela pareceu se importar quando eu lhe mostrei uma foto da minha mãe. Não foi porque ela se lembrou de algo tão estúpido como eu gostar dos meus ovos.

Porra. Foram todas essas coisas.

E não poderia ser nenhum deles.

Parei seu beijo cada vez mais profundo e coloquei distância entre nós, segurando seus ombros. Eu colocaria mais distância entre nós com o que disse a seguir. “Não faço o que faço porque sou santo. Faço isso porque sou um demônio disfarçado de tal.”

Seu lábio inferior formou um beicinho perfeito e seus olhos se ergueram para os meus. "Eu não entendo."

“Eu não estou protegendo você. Eu sou seu dono. Estou mantendo você longe dele porque não quero que mais ninguém toque em você. Eu quero ser o único dentro de você. Você não pode gostar de mim, Ophelia. Se ele achar que você gosta de mim, ele vai te matar. Se ele achar que gosto de você, ele vai me matar. Não importa o que aconteça, você deve estar com nojo de mim. Você tem que me odiar perto dele. Eu respirei fundo.

“Você tem que me odiar de qualquer maneira.”

Seus lábios tremiam e seus olhos se arregalaram com uma tristeza que eu nunca tinha visto. “Ah”, ela disse. Ela deu um passo para trás. . . e depois outro.

Ver como minha verdade a quebrou fez meu coração doer, mas eu tive que estabelecer esses limites entre nós. Para nós dois. Eu dobrei. “Você realmente achou que eu me importava com você?”

Lágrimas brotaram de seus olhos. "Não."

Ela estava mentindo – essa palavra era tão plástica quanto quando ela fingiu sair – mas eu também estava mentindo. Eu me importava com ela de uma maneira que nunca havia me importado com ninguém antes. Mas esta casa era pequena demais, não deixando espaço para sentimentos como esse. Se Gunnir tinha perdido a cabeça porque eu tentei tirá-la, não havia

como dizer como ele reagiria se soubesse que eu estava me apaixonando por ela.

Talvez eu não precisasse fazê-la se sentir completamente rejeitada. Afinal, eu era um Bruggar, e o modo como ela veio até mim momentos antes me fez palpitar. Eu poderia colocar a bola no campo dela e deixá-la decidir. “Não fique aí parado como um cachorrinho chicoteado. Se você quiser alguma coisa, eu darei a você, mas certifique-se de saber o que é. Se você quer algo bom entre o mal aqui, tudo bem, mas não é amor nem nada.”

Eu esperava que ela ficasse para trás. Eu ainda podia ver a dor em seu rosto. Em vez disso, ela me surpreendeu e voltou para meus braços. Eu não a beijei, no entanto. Agarrei seus ombros e a empurrei de joelhos.

“Mostre-me como você pode chupar, O,” ordenei enquanto segurava seu cabelo.

Ela ficou em silêncio enquanto eu abaixava meu jeans e puxava meu pau, então seus olhos encontraram os meus enquanto ela colocava a mão em volta do meu pau e me acariciava. Houve uma aspereza irregular quando forcei a mão de alguém em meu pau, mas o toque de Ophelia foi suave e suave, indo da base até a ponta. Eu tinha fodido muito, mas podia contar nos dedos de uma mão as vezes que uma mulher me acariciou de boa vontade.

Agarrei sua nuca, mas ela colocou a mão em meu pulso.

“Alex, deixe-me fazer isso”, ela sussurrou.

Embora fosse contra tudo que me ensinaram, deixei que ela assumisse o controle. Minhas mãos caíram para os lados, e ela abriu a boca e me guiou através de seus lábios esperançosos. Meu abdômen apertou quando sua língua quente me envolveu de uma forma que não conseguiu quando eu a forcei. Rodou à volta da cabeça, e lutei contra a vontade intensa de agarrar a parte de trás da sua cabeça e foder-lhe a cara. Não havia necessidade, no entanto. Ela me levou ao fundo de sua garganta.

De boa vontade.

“Droga, O,” eu rosnei. Envolvi minha mão em seus cabelos escuros sem interromper o movimento de sua boca. A maneira como ela me chupou foi melhor do que quando ela lutou comigo, e eu não queria interromper esse presente que ela me deu. Eu nunca senti tal coisa.

Mas era bom demais, e eu ainda tinha planos de tornar minha fantasia anterior uma realidade. Eu a arrastei para ficar de pé e a beijei com força. Antes que ela pudesse recuperar o fôlego, eu a levei até a cômoda e empurrei seu peito sobre ela. Eu chutei suas pernas abertas e sua respiração bateu, antecipando o que ela pensava que aconteceria a seguir. Ela não tinha ideia do que eu queria fazer com ela. Por mais que meu pau latejasse para estar dentro dela, eu não tinha planos de forçá-la. Em vez disso, caí de joelhos.

"Alex," ela choramingou.

"O quê, ó?" Eu perguntei, soprando um hálito quente sobre seu clitóris inchado.

"Não sei se quero isso", ela sussurrou.

"Apenas esconda seus gemidos."

Não me importei com o que Gunnir pensava naquele momento. Eu só queria prová-la na minha língua. Lambi desde o inchaço de seu clitóris até sua entrada. Eu nunca tive vontade de me apaixonar por uma mulher, mas assim que a provei, isso acendeu um fogo na minha barriga. Ela cheirava como eu. Como o sabonete que usamos no chuveiro mais cedo. Ela mordeu o braço para abafar os gemidos que não conseguia controlar, e seu corpo reagiu a cada movimento da minha língua. Acariciei meu pau enquanto ela moía meu rosto por cima. Agarrei sua bunda perfeita com a outra mão e lambi-a até que suas coxas tremeram.

"Goze para mim," eu cresci contra ela.

Como uma onda, o seu orgasmo aumentou e dirigiu-se para a costa. Enfiei meus dedos dentro dela e esfreguei seu clitóris com meu polegar enquanto lambia e mordia seus lábios sensíveis e inchados. Ela se apertou em volta de mim e agarrou a madeira, estremecendo com tanta força que fez o espelho bater na parede. Eu a fodi com meus dedos até que ela parou de tremer, até que seu corpo apenas sacudiu a cada passagem do meu polegar sobre seu clitóris. Quando eu soube que ela havia surfado a última onda, levantei-me, virei-a e a beijei.

"Limpe-me, O," eu disse contra sua boca. Ela levantou a mão em direção ao meu rosto, mas eu a prendi ao seu lado. Ela entendeu o que eu queria e lambeu meu queixo com um movimento longo e amplo. "Boa garota," eu rosnei.

Estávamos indo para o fundo do poço sem colete salva-vidas. Ninguém estava lá para nos salvar, e estávamos muito envolvidos um no outro para nos salvarmos.

Capítulo Treze

ó PHELIA No momento em que Gunnir pegou Alex com a mão entre minhas pernas, o ar na casa mudou. Mesmo que Gunnir mal reconhecesse o que viu, senti o ódio irradiando de sua pele oleosa. Sua raiva meditativa acabaria por explodir, e esperar pela explosão iminente me deixou nervoso.

O que aconteceu com Alex na noite anterior não ajudou meus nervos. Ele me confundiu muito ao me fazer sentir bem.

Eu sabia por que ele disse o que disse sobre sentimentos, e ele estava certo. Qualquer sentimento machucaria um de nós ou ambos. Mas não importa que mentira ele tentasse me contar, eu sabia que ele sentia algo por mim. Ele queria me possuir, e ninguém queria possuir algo que não gostasse.

Gunnir entrou no quarto e meus olhos se voltaram para ele. Alex não estava atrás dele. Meu coração acelerou de medo quando ele destrancou minha corrente e me arrastou para a sala. Tentei cravar os calcanhares na madeira, mas ele era muito grande e poderoso. Então eu descobri. Ali, no chão, com restos de madeira enrolados nas bordas de metal, havia uma âncora recém-instalada.

"O que está acontecendo?" Perguntei.

“Você não é confiável,” Gunnir disse enquanto prendia minha corrente no laço. “Agora você estará aqui para não colocá-lo em mais problemas.”

Sentei-me no chão e deslizei para trás até bater na parede. Não houve discussão com Gunnir. Eu estava preso, vulnerável no meio da casa.

“Onde está Alex?”

Gunnir zombou. “Você não deveria estar perguntando onde está a porra do seu mestre, garota. Você deveria estar feliz por ele não estar em casa e por sua linda bucetinha estar dando um tempo.

Lutei para ver Alex como um mestre. Ele era meu captor, mas tentou ser bom, mesmo que não conseguisse por causa de seu irmão malvado e do homem horrível cuja presença ainda assombrava os corredores daquela casa.

“Quem você pensa que é, afinal? Trouxemos você para nossa casa e você tenta fazer com que Alex goste de você. Para que? Então você não é fodido como a puta que você é? Ele deu um tapinha na barriga. “Alex é muito maricas, mas vejo o que você está fazendo. Você o está usando, e deveria ser o contrário, garota.”

Lutei contra a vontade de balançar a cabeça. Alex não era tão fraco quanto Gunnir pensava. Ele era forte o suficiente para ver que não precisava crescer para ser como os modelos masculinos de sua vida. Ele simplesmente não era forte o suficiente para interromper o ciclo de crueldade. Para isso, ele era fraco.

Gunnir foi até a cozinha e voltou com um saco de arroz na mão grande. Ele sacudiu e os pedaços crus caíram uns sobre os outros. Ele se agachou e derramou uma pilha grossa de arroz a seus pés. Depois de esvaziar a bolsa, ele a guardou no macacão. Ele estendeu a mão para mim e eu choraminguei enquanto ele me levantava. No momento em que me levantei, ele puxou a parte de trás dos meus joelhos e me colocou de quatro no monte de arroz cru. Ele levantou meu peito e fui forçado a me ajoelhar, e os grânulos duros penetraram em minha pele. A dor foi inesperada. Nunca imaginei que objetos tão minúsculos pudessem causar uma angústia tão excessiva. Eu gritei e Gunnir deu um tapa na minha bochecha.

“Fique aí, garota, ou farei algo pior do que fazer você se ajoelhar sobre um pouco de arroz.” Um sorriso sádico se espalha por seu rosto. “Mantenha as mãos na sua frente até que eu diga para você se levantar. Se eu te ver se mexer, vou foder sua boca. Você entende?"

Balancei a cabeça, lutando contra as lágrimas enquanto meus joelhos gritavam por um alívio que eu não poderia oferecer. Não fiz nada para merecer esse castigo. Eu nunca quis estar lá em primeiro lugar. Nunca pedi nada disso, inclusive o prazer que Alex oferecia. Meu corpo respondeu, mesmo que eu não quisesse. Mas não havia como dizer isso a Gunnir. Tudo o que ele viu foi a curva dos meus quadris contra a mão de seu irmão.



PARA LEXZANDER

DESLIGUEI a ignição e respirei fundo antes de entrar. Gunnir me pegou com casca de ovo e eu odiei isso. Mas não fiquei surpreso com isso. O Homem teria me matado se me visse agradando uma das garotas. Era um conceito estranho e proibido.

Entrei e quase deixei cair as sacolas de compras no chão. A porta aberta atrás de mim brilhou docemente nos olhos de Ophelia. Ela estava ajoelhada, com as mãos nas coxas. No começo pensei que era só isso. Então meus olhos registraram os grãos de arroz espalhados ao seu redor. Gunnir levou uma posição estressante a um novo nível. Quando ouviu a porta fechar, saiu do quarto e marchou em minha direção com a cabeça erguida e os ombros para trás.

“O que diabos você está fazendo, Gunnir?” Perguntei enquanto colocava as compras no balcão e caminhava em direção a Ophelia. A dor lavou seu rosto, livrando-o da cor. Ela parecia tão obediente. Pequeno e flexível. E eu odiei isso por ela. Controlei o tremor das minhas mãos ao lado do corpo. Eu não podia deixar Gunnir ver o quanto isso me irritava.

“Ela precisa aprender seu lugar”, disse ele, encolhendo os ombros.

Ophelia se encolheu ao mudar de posição. O Homem ensinou o truque do arroz a Gunnir. Nunca usei porque já tinha sido usado em mim, e ainda me lembrava da dor que assolava todo o meu corpo, começando pelos joelhos. Eu não desejava isso para ninguém, muito menos para Ophelia. Quando olhei para ela, ela me lembrou da pessoa inocente que eu costumava ser. Ela me lembrou da pessoa que eu era antes do Homem me ensinar a ser mais parecida com ele.

Eu precisava levantá-la, mas para isso tive que mantê-la abaixada. Eu me aproximei e agarrei seu cabelo. Ela choramingou e ficou tensa contra meu aperto áspero.

“Você aprendeu?” Perguntei. Forcei um sorriso sádico em meu rosto. Ela me deu um aceno fraco e eu agarrei suas bochechas, enviando um suspiro de surpresa por seus lábios.

Abaixei meu zíper e puxei meu pau. Ela olhou para mim com os lábios curvados, a raiva irradiando dela enquanto seus olhos reviravam meu corpo. Empurrei meu pau além de sua boca tensa. Gunnir continuou falando atrás de mim, mas eu não conseguia ouvir nada por causa do som amplificado das batidas do meu coração em meus ouvidos. Apoiei a parte

de trás da sua cabeça para evitar que ela balançasse de joelhos enquanto eu fodia sua boca. Seus lábios tremeram ao redor do meu comprimento e suas mãos empurraram minhas coxas, mas eu não diminuí o ritmo. Eu não consegui.

“Deus, eu quero sentir a boca dela também,” Gunnir gemeu do sofá. Pele com pele soou ao meu redor enquanto ele se masturbava comigo fodendo o rosto dela.

“Estou usando ela,” eu disse a ele enquanto afastava o tecido de seus seios. Expor ela iria aproximá-lo mais perto. Ele não seria capaz de esperar que eu terminasse. Brinquei com seu mamilo entre meus dedos e suas unhas cravaram em minha coxa. Tentei bloquear o olhar de traição em seu rosto inclinando a cabeça e empurrando mais fundo em sua boca.

Gunnir levantou-se e se aproximou. Meu estômago embrulhou ao vê-lo sacudindo a cabeça de seu pênis tão perto de sua pele perfeitamente pálida. Achei que ele só queria dar uma olhada mais de perto no corpo dela.

Eu pensei errado.

Gunnir gemeu e seu gozo bateu contra seu peito. Eu não consegui terminar depois de ver sua porra vil pintada em sua pele. Suavizei em sua boca, mas mantive minha mão enterrada em seu cabelo, então ainda parecia duro dentro dela. Depois fingi o meu próprio orgasmo, o que deixou um olhar confuso no seu rosto. Tirei-o da boca dela e ela fingiu engolir.

Boa menina.

Antes que Gunnir pudesse fazer mais alguma coisa com ela, eu a levantei de seus joelhos instáveis. Grãos de arroz se soltaram de sua pele e caíram no chão enquanto ela dava passos inquietos para frente.

“Não faça merdas assim sem mim,” eu disse a ele enquanto gesticulava em direção aos joelhos sangrando.

“Não se perca em alguma maldita boceta, então,” ele rosnou de volta. Felizmente, essa era toda a luta que ele tinha dentro dele, e ele caminhou em direção ao seu quarto com um suspiro saciado.

Ajudei Ophelia a ir ao banheiro. No momento em que fechei a porta, ela se virou para me encarar com uma expressão dura estampada em seu rosto. Meus olhos caíram para as pérolas brancas em seu peito nu.

"Como você pode?" ela perguntou. "Por que você deixou seu irmão nojento..."

Coloquei a mão em sua boca, virei-a e puxei-a contra mim. “Cale a boca,” eu sussurrei. “Tudo o que permiti é o melhor de dois males. Consegui mantê-lo fora da sua boca e buceta, não foi? Inclinei-me mais perto de seu ouvido. "Você teria preferido se eu recuasse e o deixasse gozar na sua língua em vez de no seu peito?"

Ophelia choramingou e balançou a cabeça em compreensão. Eu soltei sua boca. Ela se abaixou e pegou o arroz que havia invadido sua pele. “Porra, isso doeu”, disse ela.

“Ele fez isso porque acha que eu gosto de você,
não foi?” Ela assentiu. “Ele acha que estou
afetando você.” Desviei o olhar dela.

Ela *estava* me afetando e eu não sabia como impedir. Eu nunca me senti assim com ninguém, muito menos com um cativo. Ela deveria ser uma boneca presa a uma corrente, algo para usar e brincar sempre que eu achasse adequado, mas ela nunca foi isso para mim. Nem mesmo quando eu a usei no começo. Ophelia parecia mais um presente. Seu corpo era algo para valorizar, e eu queria apreciá-la. E era por isso que essa situação estava me deixando louco.

Peguei um pano debaixo da pia e coloquei-o debaixo da torneira. Limpei sua pele, lutando contra a mordaça e a curvatura do meu lábio sobre o rastro de resíduo brilhante que descia por seu peito. Ela continuou olhando para mim, algo ilegível filtrando através de seus olhos enquanto eu a limpava. Eu a puxei para mim. Eu não me importava que os restos de Gunnir ainda cobrissem sua pele ou que eu pudesse sentir o cheiro dele nela. Apesar de tudo isso, eu ainda sentia uma atração em direção à sua boca, onde seus lábios ainda estavam inchados por causa do meu pau.

Eu me deixei ser fraco. Inclinei-me para ela para um beijo e ela me acolheu.

Minhas mãos foram para seus botões. Eu os amarrei, escondendo seu peito vulnerável. Coloquei minhas mãos em volta de sua cintura e a levantei sobre o balcão para poder cuidar de seus joelhos. Ela se encolheu quando eu agraciei sua pele ferida com as pontas dos dedos. Cada grão deixou uma pequena impressão ou rasgou sua carne. Bolsões de sangue

encheram os canais em miniatura. Tocar seus joelhos me lembrou de quando fui forçado a ficar ajoelhado sobre uma cama de arroz por quase vinte e quatro horas inteiras. Se ela olhasse de perto, veria as cicatrizes em meus joelhos.

Ajoelhar-se sobre o arroz já era ruim o suficiente, mas ter que fazer isso enquanto a pele ainda estava em carne viva era pior. Muito pior.

“Sinto muito,” eu disse enquanto segurava o pano frio em seus joelhos. “Você merece coisa melhor do que isso.”

Seus olhos encontraram os meus. “Então me deixe ir,” ela sussurrou.

Isso dói. Não deveria, porque todos queriam fugir, mas eu esperava que ela quisesse ficar comigo.

Passei a mão por sua bochecha. "Não posso." Eu balancei minha cabeça. “Eu não vou deixar você ir.”

“Se você se importa comigo—”

“Não faça isso, Ofélia. Não posso deixar você ir porque vou perder as partes de mim que encontrei dentro de você.”

Lágrimas brilharam em seus olhos. “Você poderia vir comigo.”

Cuidei de seus joelhos e ignorei sua sugestão. Não havia mais nada para eu dizer. Eu não poderia deixá-la ir. Logisticamente, teria sido uma estupidez. Ela só perceberia o quão estúpida ela tinha sido ao se apaixonar por mim, então ela correria para a polícia. Emocionalmente? Eu não poderia perdê-la. Eu não queria ficar sem ela, e sairmos juntos não era possível. Por mais que eu desprezasse quem meu irmão havia se tornado, ele ainda era meu irmão. Se eu pudesse manter Ophelia a salvo dele aqui, poderíamos aprender a coexistir.

Ajudei-a a sair do balcão e ela cambaleou até o quarto com as pernas instáveis. Fechei e tranquei a porta atrás de nós antes de tirar a roupa e ficar apenas de cueca. A corrente fez um clique quando eu a prendi no gancho e, como um animal de estimação obediente, ela foi para o seu canto e começou a mexer nos cobertores finos.

Esse chão duro será um inferno para os joelhos dela.

Deslizei para baixo das cobertas e a mudei, mas ela balançou a cabeça e permaneceu plantada onde estava sentada. Levantei o cobertor. “Vamos, ó.” Eu queria que ela se sentisse confortável depois de sentir tanta dor.

Quando ela continuou a recusar, fui até ela e a levantei do chão. Ela era tão pequena em meus braços. Estou frágil e indefeso. Quando coloquei seu corpo tenso sob as cobertas, ela olhou para o teto e cerrou os dentes. Ela provavelmente estava preocupada que eu transasse com ela agora que ela estava na minha cama, mas não forcei meu toque. Coloquei uma mão atrás da cabeça e mantive a outra na barriga nua.

A noite se transformou em noite e seus músculos rígidos começaram a relaxar. Um longo suspiro deixou seu peito e eu sabia que ela sentia falta de dormir na cama. Quem não gostaria? O chão era um lugar frio e solitário.

Pouco antes de eu adormecer, ela se virou para mim, passou o braço pela minha cintura e aninhou-se em mim. Passei meu braço em volta dela. Essa ação estrangeira parecia tão proibida, como se eu fosse punido por oferecer e encontrar conforto em sua pele. Aprendi que os Bruggars não precisavam de carinho e que as mulheres não o mereciam. Mas eu não me importava mais. Eu me deleitei com seu calor. Ela se sentia tão bem em meus braços, como se ela pertencesse. Mas nós dois sabíamos que ela não sabia.

Capítulo Quatorze

OU FÉLIA

Acordei nos braços de Alex um pouco antes do nascer do sol. Tentei não sacudir minha corrente enquanto virava a cabeça e percebi como havia adormecido. Ele roncava ao meu lado e nós dois estávamos em sua cama. Um de seus braços me envolveu e o meu envolveu sua cintura. Seria como se fôssemos um casal acordando depois de uma noite apaixonada juntos. . . se não fosse pela corrente que pesava em meu pescoço. A fricção do metal me lembrou que eu era sua prisioneira. Que eu estava na cama, *abraçado* com meu captor.

Quando tentei me afastar dele, ele acordou. Seus olhos se abriram, pesados de sono, e enquanto ele se espreguiçava, vi o comprimento duro em sua cueca. Ele percebeu meu olhar aberto e cobriu a virilha com o lençol.

“Bom dia,” ele sussurrou. Parecia e parecia muito normal. Sua mão roçou meu lado, deixando arrepios para trás. Parte de mim queria cuspir fogo nele e dizer-lhe para não me tocar. Outra parte de mim foi revelada na maneira como as pontas dos dedos dele sussurravam sobre minha pele. Foi gentil, quase amoroso.

Também estava errado. Tão errado.

Afastei-me e sentei-me sem responder, mas ele me empurrou para baixo com um aperto severo no meu ombro. "Qual é o problema?" ele perguntou, seus olhos verdes escuros e intensos.

“Não podemos nos abraçar assim”, eu disse a ele enquanto tentava me levantar mais uma vez.

“Não fui eu quem se aninhou em você, O,” ele disse enquanto me puxava para mais perto e me beijava.

Empurrei seu peito. “Não,” eu sussurrei enquanto seus lábios percorriam meu queixo.

“Eu quero você,” ele rosnou.

Olhei para o teto, me preparando mentalmente para desaparecer dentro da minha cabeça enquanto ele me levava. Quando ele não passou por cima de mim, pisquei para afastar o medo, mas me recusei a olhar para ele.

Alex agarrou meu queixo e virou meu rosto para ele. “Eu não quero que você vá para outro lugar na sua cabeça.” Ele sorriu, seus dedos roçando meu queixo. “Não precisa ser o que tem sido.”

Ele se inclinou e beijou meu peito. Meu estômago se apertou quando me lembrei do gozo de Gunnir marcando o mesmo lugar, mas Alex não pareceu se importar enquanto me devorava. Seus dedos abriram meus botões e sua boca capturou meu mamilo. Eu queria impedi-lo porque ele não merecia me beijar. Ele disse que não poderíamos ter sentimentos, reiterou o quão fatais eles seriam, e ainda assim lá estava ele, agindo como se eu fosse mais do que apenas sua prisioneira.

Sua mão desceu para minha barriga e eu a peguei antes que ele descesse mais. “Você está colocando muita coisa em mim que não deveria. Você está me dizendo para aproveitar isso, mas não posso aproveitar esse inferno.”

Alex afastou o cabelo da minha bochecha. “Eu sei que estamos no inferno, mas não precisa ser só fogo e enxofre. Nem sempre precisa queimar.

“Talvez não esteja queimando você, Alex, mas estou pegando fogo.”

Ele apoiou o queixo no meu peito. “Não posso te dar o céu, mas posso fazer com que o inferno seja bom às vezes.”

“Isso soa como uma barganha com o diabo.”

“Talvez,” ele disse enquanto espalhava minha camisa e beijava minha barriga. “Mas o diabo não negocia.”

“E se eu disser não, Alex? Você vai aceitar mesmo assim?

Ele parou sua descida e aproximou seu rosto do meu. Senti cada grama de sua força enquanto ele pairava sobre mim, e o forte calor que pressionava entre nós era uma ameaça que eu já havia sentido muitas vezes.

Uma respiração frustrada saiu de seus lábios e rolou sobre mim, e seus olhos encontraram os meus. “Por mais que eu queira afundar dentro de você novamente, vou parar. Para você." Exalei meu alívio.

“Isso não significa que você está fora de perigo. Paciência é uma virtude, mas não sou um homem virtuoso.” Seus olhos brilharam com uma ideia e um sorriso malicioso apareceu em seus lábios. “Jogue damas comigo.”



PARA LEXZANDER

EU ESTAVA SENDO UM CREEP CERTIFIÁVEL, mas eu me importava? Não pouco a pouco. Não tomei sua boca nem sua buceta, mas precisava gozar, e queria ser massacrado por ela em xadrez enquanto o fazia. Ela sempre pensava em cada movimento, e a maneira como ela mordia o lábio quando se concentrava me deixava maluco.

“Pegue o jogo”, eu disse a ela. “Mas mantenha sua camisa desabotoada para mim.”

Ela saiu da cama e puxou a caixa do armário. Ela manteve o olhar no chão enquanto se sentava à minha frente e preparava o tabuleiro. Os dois pedaços de papelão envelhecido não queriam ficar deitados no colchão irregular, mas ela mexeu neles até conseguir fazê-los funcionar. Meus olhos foram para suas mãos macias. Ela derreteu cada pedaço perto dos seios antes de se inclinar para colocá-los no chão. Imaginei colocar meu pau entre aqueles seios. Cada parte dela era tão fodível.

Puxei meu pau pela fenda da minha boxer e me acariciei enquanto brincávamos. Exatamente como eu esperava, ela se inclinou, mordeu o lábio e examinou cada movimento. Sua necessidade competitiva de vencer a ajudou a ignorar o fato de que eu estava me masturbando enquanto ela executava cada movimento. Ela estava limpando o chão comigo, e seu orgulho me fez acariciar mais rápido.

Assim que ela terminou seu movimento final, enquanto seus seios se pressionavam quando ela se inclinava, enquanto seu cabelo escuro enfeitava sua pele pálida, eu gozei. Peguei a maior parte na mão, mas parte esguichou pelo tabuleiro. Seus olhos correram para os meus porque nós dois sabíamos quem iria limpar aquela bagunça.

“Fique de joelhos e levante-se, O,” eu disse através de um gemido.

Sua boca ficou aberta. "Realmente?"

Assenti, mas ela não se mexeu. Provavelmente porque seus joelhos ainda doíam, mas não era como se eu a estivesse fazendo ajoelhar no chão. Limpei a mão em uma camisa velha, levantei-me e empurrei-a para frente. Com as duas mãos, afastei o cabelo do rosto e agarrei-o atrás da cabeça. Quando empurrei sua cabeça para baixo, ela mostrou a língua e lambeu obedientemente meu gozo. Ela torceu os lábios em desgosto, mas eu adorei. Eu odiava ver sua obediência quando Gunnir dava ordens, mas adorei ver vislumbres disso para mim.

Ela continuou a lamber meu gozo. Com a corrente saindo do laço em volta do pescoço, ela parecia um cachorro. Uma súbita pontada de culpa apertou meu peito. Ela era linda demais para ser um cachorro.

“O,” eu sussurrei, e a levantei pelos cabelos. Uma gota de gozo pendia de seu lábio inferior, e eu me inclinei e levei meu gosto salgado para a

boca. Eu a beijei, transferindo mais restos da minha língua para a minha. Ela me acolheu em sua boca e eu cresci. Se ela fosse um cachorro, eu me juntaria à matilha dela.

Meus olhos se fixaram na porta e me afastei dela. A fechadura não estava mais acionada, mas eu tinha certeza de que a havia trancado quando chegamos ontem à noite. Por causa da corrente, não havia como Ophelia ter alcançado a porta. O que significava apenas uma coisa.

Capítulo Quinze

O PHELIA W ficou o dia todo na cama, temendo o confronto que certamente surgiria. Jogamos algumas partidas de damas, mas na maior parte ficamos sentados em silêncio. Porém, não poderíamos ficar escondidos naquele quarto para sempre, e Alex finalmente foi sentir as coisas quando o início da noite chegou.

Os minutos se passaram como horas enquanto eu me sentava no colchão e ouvia a discussão começar, mas em vez de gritos e destruição, só ouvi pássaros cantando do lado de fora da janela. Quando ele voltou, ele tinha uma expressão confusa no rosto.

“Ele não está aqui”, disse ele, passando a mão pelos cabelos.

“Para onde ele iria? Ele está no porão com Sam?

Ele balançou sua cabeça. “Não, a porta ainda está trancada. Eu não faço ideia."

Como que para acabar com a nossa confusão, a porta da frente bateu e passos pesados ecoaram pela frente da casa. Momentos depois, o som de panelas batendo foi seguido pelo cheiro de comida queimada.

“Ele está cozinhando?” Perguntei.

“Não acho que ele saiba cozinhar. É melhor irmos lá e ver o que está acontecendo. Talvez ele esteja com Sam na cozinha.

Ele me vestiu e se certificou de que eu estava abotoada até o topo para evitar chamar a atenção de Gunnir quando saíamos do quarto. No momento em que entramos na cozinha, Gunnir nos cumprimentou alegremente.

“Que bom que vocês dois finalmente puderam se juntar a mim”, disse ele enquanto empilhava ovos queimados em alguns pratos.

Alex e eu trocamos um rápido olhar antes de voltar minha atenção para as bolhas carbonizadas e desejar ter recebido a ordem de preparar o café da manhã. Pelo menos teria sido palatável.

“Sente-se, garota”, disse Gunnir enquanto gesticulava em direção a uma cadeira com a espátula.

Os cabelos do meu pescoço se arrepiaram. Ele nunca me permitiu comer com eles, muito menos sentar à mesa. Eu precisava obedecer, entretanto, então fiz o que me foi dito e sentei na cadeira que ele havia escolhido. Meus olhos percorreram a sala, procurando por algum sinal do plano que ele tinha na manga.

Cascas de ovos cobriam o balcão e uma névoa de fumaça pairava no ar. Uma sujeira preta cobria a frigideira que ele usou para carbonizar os ovos, e seria necessária uma semana de trabalho duro para limpá-la novamente. Gunnir se aproximou e jogou um prato de ovos escuros e pegajosos na minha frente. Meus olhos rolaram por seu corpo, demorando-se na alça solta batendo em sua barriga enquanto ele recuava. Tentei evitar olhar para seu rosto horrível, mas fui puxado para sua boca. Inclinava-se nos cantos num sorriso desigual e sádico. Ele estendeu a mão e cutucou o garfo em minha direção.

Levei a comida à boca e tentei conter uma careta quando o carvão cobriu minha língua. Depois de me lembrar de ser grata, engoli em seco. Isto foi provavelmente mais do que Sam conseguiu durante todo o dia. Se ela conseguisse alguma coisa.

Alex comeu o máximo que pôde dos ovos nocivos, mas Gunnir não comeu com seu gosto habitual. Em vez disso, ele mexeu no prato e ficou olhando para Alex. Fiquei preocupado que os ovos pudessem estar envenenados. Teria sido uma maneira fácil de me tirar da equação. Por outro lado, eu realmente não me importava em fazer parte do maldito problema de matemática deles, então continuei comendo.

O murmúrio da televisão difusa durante o dia vinha da sala de estar, mas a refeição era silenciosa. Quando Alex terminou de comer, Gunnir finalmente falou.

“Consegui um cervo esta tarde”, disse ele a Alex. “Preciso que você tempere para que possamos colocar a carne no congelador antes que estrague.” Alex baixou o garfo e olhou para mim.

“Pare de se preocupar com ela”, disse Gunnir com um sorriso. “Juro pelo nome Bruggar que não colocarei a mão nela. Basta vestir a porra do cervo para que possamos nos alimentar. Fica lá atrás, perto da curva do riacho. Não posso perder.”

Alex deslizou a cadeira para longe da mesa e levantou-se. “Você não se incomodou em arrastá-lo para mais perto de casa?” Ele balançou sua cabeça. “Claro que não”, ele murmurou.

Eu não gostei do rumo que isso estava tomando, mas Alex não parecia muito preocupado. Gunnir disse que não colocaria a mão em mim, e isso não deixava espaço para discussão no que lhe dizia respeito. Se eu tentasse argumentar, isso apenas mostraria a Gunnir o quanto eu confiava em Alex, e isso seria ruim para nós dois.

Alex vestiu um casaco e foi até a porta, ousando me olhar mais uma vez antes de sair de casa. Eu implorei com meus olhos. Sem palavras, implorei-lhe que encontrasse algum motivo para ficar.

Mas ele foi embora.

Gunnir foi até a janela da cozinha e observou até a figura de Alex desaparecer entre as árvores. “Isso vai servir”, disse ele enquanto puxava algo de trás da geladeira e apontava para mim; era uma vara longa com duas pontas na ponta. “Eu disse que não colocaria a mão em você, mas não preciso de mãos para fazer você se mover. Levantar." Ele apertou um botão e um clique alto irrompeu das pontas, saltando juntas em um arco brilhante de eletricidade.

Olhei pela janela e pensei em gritar por Alex. Ele não estava muito longe, mas a arma de Gunnir estava mais perto. Em vez de pedir ajuda, fiquei com as pernas trêmulas e esperei pelo meu próximo comando.

Gunnir caminhou em direção ao corredor, conversando enquanto caminhávamos. “Você gosta de dormir com Alex em uma cama bonita e confortável, hein? Garota mimada. Eu balancei minha cabeça.

"Com certeza. Eu vi vocês dois, todos enrolados nos braços um do outro. Foi tão fofo. Gunnir agarrou minha corrente, me fazendo parar em frente ao banheiro enquanto seu sorriso se transformava em uma carranca. “Vou te mostrar uma caminha linda, garota. Entre na banheira.

Engoli. “Eu não entendo,” eu sussurrei enquanto entrava na banheira. Eu estava tão confuso.

Ele agarrou a corrente e me colocou sentada. “Desabotoe a camisa”, ele sussurrou enquanto se agachava ao lado da banheira. Quando não o fiz, ele colocou a ponta do aguilhão à vista. O medo tomou conta do meu sistema nervoso e minhas mãos correram para desabotoar cada botão até

que eu estivesse totalmente exposto. Gunnir gemeu ao ver meu peito. “Encolha isso. Não quero que fique todo molhado.

Molhado?

Tirei minha camisa e coloquei os joelhos contra o peito para esconder meus seios.

“Boxers também,” Gunnir disse enquanto se movia para a roupa íntima que escondia o que eu queria desesperadamente manter escondido. Tirei-os e puxei os joelhos até o peito mais uma vez, mas minhas pernas só conseguiam cobrir até certo ponto.

Gunnir desfez a alça restante e seu macacão caiu e amontoou-se nos joelhos. Ele ficou ao meu lado, com a barriga pendurada por cima da calcinha branca e suja. Sua mão foi para seu pênis pequeno e flácido, e outra onda de medo me atravessou. Eu estava com muito medo de me mover, então baixei o olhar e tentei ignorar o pau endurecido ao lado da minha cabeça. Esperei que ele me agarrasse e se colocasse na minha boca, e meu estômago embrulhou de nojo com a intrusão iminente. Alex não poderia me salvar desta vez.

Um líquido quente espirrou em minha pele, concentrando-se em meu peito, e um cheiro pungente encheu meu nariz. O riacho se moveu em direção à minha cabeça, encharcando meu cabelo em uma cascata de urina. Meu estômago subiu até a garganta e subiram os ovos, que ficaram com um gosto pior na segunda vez. Mijo quente e pedaços de vômito cobriram meu peito e se acumularam entre minhas pernas. Eu não conseguia nem abrir a boca para gritar porque, se o fizesse, a urina dele iria se infiltrar na minha língua. Eu só conseguia cobrir a cabeça com os braços para proteger os olhos e o nariz. Chamei Alex em minha mente, desejando que ele não tivesse me deixado, implorando para que ele me salvasse.

Por favor. . .



PARA LEXZANDER

EU "ESQUECI" INTENCIONALMENTE minha faca de caça em uma gaveta da cozinha, então tive um motivo para voltar, mas ainda precisava torná-la verossímil. Gunnir precisava pensar que eu tinha chegado até a carcaça do veado antes de perceber que a havia deixado para trás. Esperei na beira da floresta, ouvindo algum grito ou briga dentro de casa, mas o silêncio era mais enervante do que um grito de socorro. A adrenalina acumulou-se em meus músculos até que tive que me mover. Eu tinha que saber que ela estava a salvo dele.

Corri em direção à casa e estabilizei minha respiração enquanto abria a porta da frente. Eles não estavam na sala nem na cozinha, e a porta do porão ainda estava trancada. Parei e escutei. Sons estranhos vinham do corredor e, quando virei a esquina, vi o que estava causando o barulho. O macacão de Gunnir estava na altura dos joelhos e ele estava mijando na banheira. Ele gemeu, com a mão no quadril enquanto o riacho se espalhava e terminava. Só quando ele deu um passo para trás é que vi Ophelia, nua e enrolada como uma bola aterrorizada. Ela estava encharcada.

"Que porra é essa?" Perguntei. Foi tudo que consegui pensar em dizer.

Gunnir estendeu a mão para Ophelia, exibindo seu trabalho como se tivesse acabado de pintar uma obra-prima com seu pau. "Só estou mostrando para a garota aqui que tipo de cama ela merece."

Então eu estava certo. Ele nos viu dormindo na cama.

Gunnir colocou o braço em volta do meu ombro e estendeu a mão em direção à minha braguilha. Afastei sua mão e perdi o equilíbrio no chão escorregadio, mas seu aperto em meu pescoço me manteve de pé. Sua mão alcançou minha braguilha novamente, mas balancei a cabeça.

"Mije nela," Gunnir rosnou.

Minha cabeça nunca parava de tremer. Não até ele puxar o aguilhão de trás do vaso sanitário. Por ser tão grande e estúpido como era, ele não era um completo idiota. Ele era muito inteligente quando se tratava de tortura.

Eu não me importei. Eu pegaria o produto. Recusei-me a mijar nela.

Em vez de virar a arma para mim, o zumbido se moveu em direção a Ophelia. Ela gritou, seu corpo tremendo enquanto o bastão se aproximava de sua pele nua. Seus olhos se voltaram para os meus.

"Fim!" Eu disse, pouco antes de as pontas chegarem a ela. “Eu farei isso, porra.” “Atta boy,” Gunnir disse, batendo a mão nas minhas costas.

Abri a braguilha, incapaz de olhar para ela através do véu de culpa que pairava sobre mim. Com os olhos voltados para o teto, comecei a mijar. Meu fluxo se conectou com cerâmica e carne, e ela soltou um gemido fraco. Esse som me quebrou; isso teria me tirado do chão se Gunnir não estivesse me segurando. Assim que terminei, ele me soltou e eu caí de joelhos.

“Uma buceta e sua prostituta,” Gunnir rosnou enquanto puxava o macacão e nos deixava sozinhos no banheiro.

A porta bateu e tentei reunir forças para me sentar. Ophelia soluçava e o cheiro de urina pairava no ar como um perfume de pesadelo.

“Eu sinto muito,” eu sussurrei, mas ela não me reconheceu.

Seus olhos me disseram tudo que eu precisava saber. Que ela estava certa. Que ela estava no inferno e não importa o quanto eu tentasse protegê-la do calor, não conseguia parar a tempestade de fogo que se aproximava. E agora as chamas também me queimavam.

Ophelia ficou em silêncio, o que foi pior do que chorar. Ela ficou ali sentada, banhada na urina do diabo, incapaz de se mover. Lutando contra a adrenalina, reuni forças suficientes para estender a mão e ligar o chuveiro. A água caiu do chuveiro, espirrando em nós dois, e seu peito se contraiu com um suspiro agudo quando a água fria a atingiu e encharcou seu cabelo. Sem me despir, entrei na banheira e ajudei-a a ficar de pé, mas ela era um peso morto em minhas mãos.

“Ophelia, vamos lá,” eu disse com uma voz tensa. Finalmente consegui colocá-la de pé e tirei o cabelo do rosto dela. “Oh Deus,” eu sussurrei enquanto olhava em olhos tão cheios de desconfiança. Minha participação a destruiu e isso me destruiu.

Ignorando o peso em meus braços, lavei-a. Ela se inclinou para mim enquanto eu esfregava seu cabelo até que o perfume floral superou a urina. Depois que ela ficou limpa, ajudei-a a sair do chuveiro, enrolei-a em uma toalha e a levei para o meu quarto. Tranquei a porta e coloquei a cômoda na frente dela.

Tirei as roupas molhadas do meu corpo e vesti algo seco, e quando me virei, encontrei-a tremendo e olhando para mim. Levantei o cobertor da cama, incentivando-a a desaparecer em seu calor, mas ela não se mexeu. Ela estava com medo de mim novamente. Com medo do que eu faria com ela quando subisse ao lado dela. Agarrei seu braço, coloquei-a na cama e puxei o cobertor sobre seu corpo nu. Seus olhos nunca me deixaram, antecipando o que ela temia que acontecesse a seguir. Em vez de rastejar ao lado dela, prendi a corrente na âncora e me enrolei no chão. Puxei o cobertor fino sobre mim e encontrei conforto em seu cheiro. Cheirava como ela.

Eu não sabia por que estava tão incomodado com o que aconteceu. Gunnir e eu fizemos pior do que isso com quase todas as mulheres. Costumávamos fazê-los beber nossa urina antes de dormir para que nos provassem a noite toda. Ophelia era diferente, no entanto. Ver aquele olhar derrotado em seu rosto me lembrou muito do que Gunnir e O Homem fizeram comigo. Diante dos meus olhos, ela se tornou aquele garotinho traumatizado amarrado ao poste do lado de fora porque comia um pouco de comida extra para a mãe. Ophelia era a parte boa de mim, a parte que foi espancada até o esquecimento, deixando apenas o monstro na minha pele.

Embalada pelo zumbido do radiador ao meu lado, deixei-me adormecer. Gunnir me mataria se soubesse que eu dei minha cama para ela, mas era eu quem merecia dormir na porra do chão.

Como ela poderia me perdoar? Como eu poderia me perdoar?

Capítulo Dezesseis

OPHÉLIA Acordar na manhã seguinte significava que eu ainda estava presa no pesadelo em que adormeci. O que aconteceu ontem à noite foi. . . Eu não poderia nem me deixar perder naquela memória novamente. Quando me virei e olhei pela janela, ainda estava escuro lá fora. Houve um momento de pânico quando percebi que estava sozinho na cama, mas os roncos de Alex vindos do chão me deram um momento de conforto. Não me lembrei muito depois que eles mijaram em mim. Lembrei-me de coisas como o modo como o queixo de Gunnir pendia de prazer pelo que estava fazendo, ou o modo como Alex não queria participar. Mal me lembrava do banho ou de Alex me limpando, mas o cheiro familiar de sabonete barato me confortou ainda mais.

Minha corrente chacoalhou e deslizou contra seu pé enquanto eu tentava sair da cama.

"OU?" ele sussurrou, sua voz pesada de sono.

“Sou eu,” eu disse enquanto me encostava na cabeceira da cama.

Eu não esperava que ele se levantasse e corresse para me confortar. Eu não queria seu conforto. Ele foi metade da chuva dourada de duas partes que recebi. Independentemente do que eu quisesse, ele veio em minha direção e passou os braços em volta dos meus ombros. “Eu sinto muito,” ele sussurrou. Mesmo na escuridão, eu sabia que havia mágoa em sua expressão. Eu podia ouvir isso em sua voz, o que era bom, porque ele merecia se sentir tão mal quanto eu. "Eu tive de fazer isto. Ele teria chocado você com aquela porra de estímulo se eu não tivesse feito isso. “Eu teria preferido isso”, eu disse.

“Ele teria fornecido o seu. . .” Alex não conseguiu terminar a frase, como se estivesse preso em uma memória violenta. “Acredite em mim, você não teria preferido isso”, ele finalmente disse.

“Por que você não o enfrenta? Se não for por mim, pelo menos faça por você mesmo.” Eu me afastei de seu toque.

“Você não entenderia,” ele disse com um pequeno aceno de cabeça.

Fiquei surpreso por não poder sentir o calor do meu olhar através da escuridão. “Patético,” eu disse com uma zombaria.

Eu não deveria ter dito isso, mas a palavra saltou da minha garganta e caiu sobre ele antes que eu soubesse o que estava acontecendo. Vi o quanto ele não gostava do irmão e lutava contra a forma como conduzia as coisas, mas não fez *nada* para mudar isso. Ele apenas dançou em torno dos desejos doentios de Gunnir para tentar me poupar do pior. Eu não estava insatisfeito, mas ele não estava brincando quando disse que não era um cavaleiro branco. Ele era um demônio lutando contra o domínio do diabo, direcionando suas chamas em outras direções. Ele *não poderia* me salvar. Não importa o quanto ele tentasse, o diabo ainda encontrava maneiras de me incendiar.

Em vez de me fazer pagar por chamá-lo de patético, ele falou comigo com os dentes cerrados, mostrando uma contenção que deve ter sido difícil para ele. “Não fale assim comigo.”

"O que agora? Você vai me matar? Eu disse. Mais uma vez, eu sabia que não deveria ter continuado a provocá-lo, mas depois do que aconteceu ontem à noite, eu não estava interessado em continuar esta vida, dia após dia. Eu já estava tão cansado. Se a morte fosse a única saída daquele lugar, que assim fosse.

Ele não respondeu, então continuei pressionando.

“Você é mais forte que ele. Você poderia acabar com ele,” eu sussurrei. Fisicamente, Alex não tinha muitas chances, mas intelectualmente, ele corria em círculos vertiginosos ao seu redor. Emocionalmente, ele estava mais evoluído. Havia maneiras de vencer as diferenças físicas. Nós dois sabíamos disso, mesmo que ele não quisesse admitir.

Em vez de responder ao meu apelo, ele passou a mão na parte de trás da minha cabeça, segurou meu cabelo e trouxe seus lábios aos meus no escuro. O calor selvagem da raiva irradiava dele, tirando o ar dos meus pulmões com um beijo tão forte que eu não conseguia nem respirar que não fosse o dele. Não havia como pronunciar a palavra *não*. Ele não queria

mais falar, mas eu precisava. Minhas mãos agarraram sua camisa enquanto eu tentava afastá-lo, mas ele apenas arrancou o cobertor que eu ainda segurava contra meu peito nu.

Eu choraminguei quando ele me deitou e ficou entre minhas pernas. Eu não o queria assim. Eu queria entrar na cabeça dele.

Não, eu tinha entrado na mente dele, mas isso não foi suficiente. Eu tinha que entrar em seu coração se tivesse alguma chance de sobreviver a isso. Tive que ocupar mais espaço e dominar o vínculo familiar que ele compartilhava com o irmão.

Abri a boca para falar, mas ele pressionou os lábios nos meus novamente, me silenciando. Minha voz era minha única arma contra ele, e suas defesas estavam preparadas para me impedir de avançar.

Coloquei minhas mãos em seu rosto e o segurei em meu aperto quente. “Fale comigo, Alex,” eu sussurrei.

“Agora não, O”, disse ele, abaixando a boca até meu peito.

"Do que você tem medo?"

“Não tenho medo de Gunnir, se é isso que você pensa”, ele retrucou.

“Não estou falando de Gunnir.”

Alex saiu de cima de mim e soltou um suspiro profundo. “Por ser tão bonita como você é, você com certeza pode matar um momento.”

Eu zombei. “ *Isso* mata o momento? Fora de tudo...

“Ofélia.”

"Bem diga me. Do que você tem medo?"



PARA LEXZANDER

QUE PERGUNTA DE PORRA. Eu não temia Gunnir, mas ele era uma cópia carbono daquilo que eu mais temia: O Homem. Ele estava morto, reduzido a nada além de ossos junto com todas as mulheres que cruzaram esse limiar e nunca mais saíram vivos, mas ele ainda assim tinha um grande controle sobre todos na casa. Até as sombras que caminhavam ao longo das

paredes estavam acorrentadas a este lugar pelo medo e pela dor que ele causou. O Homem era o maestro e nós éramos a orquestra que fazia a música que ele queria ouvir. Em vez de instrumentos, tocávamos mulheres. Os gritos, os gemidos, os choros – era a sua sinfonia. Mesmo agora, se eu tentasse interromper a melodia solene, minha vida acabaria. Se Gunnir não tirasse minha vida, ele destruiria a coisa que eu mais amava no mundo.

Ofélia.

Foi quando percebi que O Homem não era o que eu mais temia. Eu temia o amor.

Se eu amasse alguém, essa pessoa seria arrancada de mim. Dizem que é melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado, mas foda-se esse ditado. Quem inventou isso não sabia o verdadeiro significado por trás disso. Eles não compreenderam a dor agonizante que acompanha a perda. Eu sabia o que significava perder alguém que amava e isso me quebrou. Jurei que nunca mais deixaria *nada* nem *ninguém* entrar em meu coração. O amor não era algo maravilhoso e poderoso. Foi mais como uma doença que atormentou meu corpo até que fiquei fraco demais para viver. O amor matou as partes brilhantes dentro de mim, e eu estava tentando arduamente manter Ophelia fora da escuridão que ocupava meu coração. Eu não poderia amá-la, porque então ela também seria arrancada.

"Do que *você* tem medo?" Eu perguntei, porque não tinha resposta para ela.

“Meu pai”, ela disse sem hesitação. “Mesmo quando ele entrou em coma alcoólico, eu ainda não conseguia me livrar do medo que sentia a cada respiração que respirava naquela casa.”

Eu senti isso. Eu realmente senti isso. “O que ele fez?”

“Não me pergunte isso”, disse ela, com a voz tão baixa que quase não a ouvi.

“Você não pode perguntar sobre os medos e depois fechar quando questionado sobre os seus.”

“Você também não foi exatamente acessível.” Ela ficou em silêncio por tanto tempo, com nada além de um relógio contando o tempo para interromper o silêncio. Finalmente, ela respirou fundo. “Ele me toca de uma maneira que nenhum pai deveria. No começo pensei que ele estava

bêbado demais para perceber que eu não era minha mãe, mas depois percebi que ele estava apenas doente."

O que restou do meu coração afundou na minha barriga. "Quantos anos você tinha quando tudo começou?"

"Não consigo me lembrar de uma época em que isso não estivesse acontecendo."

Não admira que ela fosse uma profissional em desaparecer em sua mente. Ela teve uma vida inteira de prática.

Depois de outra respiração hesitante, ela continuou. "Toda lembrança consciente do meu pai era um inferno, e não foi só por causa do que ele fez comigo. Foi tudo. Era a sua mera existência."

Deus, eu também senti isso. Uma lágrima saiu do meu olho e deslizou em direção à minha orelha. Não admira que eu tenha visto tanto de mim dentro dela.

Ela *era* eu.

E eu estava determinado a destruir qualquer coisa boa que restasse dentro dela, assim como a porra do Homem. Assim como o pai dela.

Virei meu rosto para a parede como se ela fosse uma luz brilhante que me cegaria se eu não desviasse o olhar. Estava muito perto. *Ela* estava muito perto. Eu estava lutando para mantê-la fora do meu coração, mas ela estava abrindo caminho para dentro enquanto um reflexo meu olhava através das malditas rachaduras que ela criou.

A culpa me assaltou, me pesando como um monstro em meu peito, me rasgando para chegar às partes moles de dentro. Eu não era melhor do que o homem que ela mais temia. Ela estava tão morta por ser forçada porque aquela era sua casa. E forçar-me a ela tinha sido meu. Tivemos que sair daquele lugar. Tivemos que sair de casa, de alguma forma, para sempre.

"Ophelia," eu sussurrei. "Estou com medo de *voce* ."

Ela se apoiou nos cotovelos e, mesmo no escuro, senti o olhar confuso em seu rosto. Mesmo sob o luar fraco, mesmo com os olhos fechados, pude ver a ruga entre as sobrancelhas dela. Seria difícil explicar. Eu não tinha medo dela fisicamente, mas temia o que poderia estar abaixo dela. Como ela poderia me arrastar das profundezas do inferno sem deixar feridas mortais?

“Eu não entendo”, disse ela. “O que eu fiz para que você me temesse?”

“Você está abalando tudo que eu já conheci. Destruindo décadas de condicionamento. É assustador pra caralho. Sentir as coisas é pior do que não sentir nada.”

O colchão afundou quando ela se acomodou ao meu lado novamente. Ela ficou quieta por um tempo e comecei a pensar que ela estava cansada da conversa, mas ela só estava pensando no que diria em seguida. "Discordo. Se ficarmos insensíveis a tudo, perderemos a nossa humanidade. Estamos reduzidos a algo pequeno e insignificante.”

“Como você me vê, ó? Um predador? O diabo? O que?"

A cama rangeu embaixo dela quando ela se virou de lado para me encarar. “No começo eu vi você como um vilão, mas percebi que você é na verdade uma vítima das circunstâncias.”

Eu zombei. "Besteira."

“Não é besteira. Você faria o que fez se não estivesse nesta casa?

Bem, merda. Foi difícil dizer. Nunca pensei que algo estivesse errado até que o Homem me levou à loja de ferragens e vi mulheres andando sem correntes presas ao pescoço ou tornozelos. Havia sorrisos em seus rostos. Eles pareciam felizes. Quando lhe perguntei por que as mulheres da casa precisavam de correntes, ele me disse que era para evitar que fugissem. Minha mãe ficava me dizendo para parar de fazer perguntas, mas eu não conseguia parar, mesmo quando o Homem me batia por isso. Eventualmente ele me silenciou.

Mesmo que ele acalmasse minha voz, minha mente continuava obcecada com a maneira estranha como as outras pessoas viviam. Eu era como um daqueles ursos tristes nas gaiolas deprimentes do zoológico, nunca percebendo que meu modo de vida não era natural até ver como os ursos viviam na natureza. Nunca reconhecendo que tudo ao meu redor era mentira. No entanto, tal como um urso numa jaula, eu não estava preparado para sobreviver num habitat natural. Havia segurança atrás dessas grades. Mas eu teria sido capaz de sobreviver se não estivesse enjaulado para começar?

Eu nunca seria Gunnir ou O Homem, isso eu sabia, mas será que meu pau se contorceria quando uma mulher lutasse contra meu toque se eu

não tivesse sido treinado pelo próprio Satanás? Parecia tão normal. Era como eu imaginava que as pessoas se sentiam quando ouviam alguém gritar por socorro, mas em vez de correr em seu socorro, senti vontade de machucá-las ainda mais. O que aquele estudante de psicologia me ensinou? Natureza versus criação? A maneira como fui criado poderia realmente sufocar quem eu poderia ter sido?

Eu não sabia. Eu nunca saberia.

“Não posso responder a isso”, eu disse.

Seus dedos percorrem minha pele, encontrando minhas cicatrizes no escuro. “Você não teria todas essas marcas se realmente fosse quem você era. Eles não teriam que te vencer nesta vida.

Abri a boca para discutir, mas ela estava certa. Ela sabia o que eu tinha suportado? Agarrei seu pulso e guiei sua mão até meus joelhos. “As cicatrizes aqui são do arroz.” Agarrei sua corrente e dei um chocalho. “Esta era minha corrente antes de ser sua.”

As nuvens no céu escuro se romperam e enviaram um raio de luar em seu rosto, iluminando o beicinho de seu lábio inferior e a lágrima escorrendo por sua bochecha.

“Nada disso desculpa o que me tornei”, eu disse. “Tenho certeza de que tive uma escolha em algum momento, mesmo que não me lembre de nenhuma.” Sentei-me na beira da cama e a mão dela permaneceu um momento a mais na minha pele. Voltei para o chão e me enrolei no cobertor para tentar voltar a dormir.

A corrente de Ophelia chacoalhou quando ela se virou. "Pense o que quiser, Alex, mas não acredito que você manteria mulheres em cativeiro se não fosse por Gunnir.

Mesmo que ela estivesse certa, não poderíamos voltar no tempo e reescrever o passado. Tal como os ursos enlouquecidos nas suas jaulas minúsculas, só podíamos ser o que éramos.

Capítulo Dezessete

OU FÉLIA

me virei até o sol nascer. Depois da nossa conversa nas primeiras horas da manhã, *quase* pedi a Alex para ficar na cama comigo. Ansiava pelo conforto do seu calor ao meu lado, mas o deixei ir. Ele parecia tão perdido em sua cabeça, viajando através de quaisquer memórias que eu tivesse reunido de sua infância. Ele estava em constante estado de turbulência, dividido entre a parte boa de si mesmo e toda a parte ruim que havia sido golpeada nele.

Quando me levantei, ele ainda dormia profundamente, enrolado sob o cobertor que tinha sido meu único conforto naquele chão. Segurei minha corrente para impedi-la de chacoalhar e acordá-lo. Eu não tinha ouvido Gunnir se mexendo pela casa, e me preocupei que todo o incidente com as unhas – junto com os problemas recentes – tivesse causado a morte de Sam. Eu nunca me perdoaria. Eu estava tão envolvido tentando escapar do porão que não havia considerado como minhas ações poderiam tê-la afetado.

Enrolei o cobertor em volta do meu corpo nu e coloquei os pés no chão, meu olhar mudando entre o armário e a cômoda encostada na porta do quarto. Teria sido fácil pegar a arma e matar Alex e depois Gunnir quando ele entrasse na sala. Minhas pernas tremiam, mas dei um passo em direção ao armário. Eu poderia me libertar e conseguir ajuda para Sam. Eu poderia acabar com isso horrível

Olhei para Alex dormindo pacificamente e me vi colado ao chão. A suave luz da manhã refletia-se em seu cabelo e curvava-se ao longo de seu queixo forte. Seus lábios – os mesmos lábios que pressionaram os meus apenas algumas horas antes – se separaram ligeiramente cada vez que ele respirava. Ele não se parecia com o homem que me forçou. Ele parecia o homem que me protegeu.

Eu não consegui. Por pior que fosse a minha situação, eu não suportava a ideia de tirar a vida dele antes que ele tivesse a chance de descobrir quem ele realmente era. Virei-me em direção à porta do quarto. Tinha que haver outra maneira.

“Ofélia?” Sua voz sonolenta me congelou no lugar. Ele estendeu a mão e acendeu um abajur que estava na mesa ao lado da cama. "O que está acontecendo?"

“Eu ouvi um barulho,” eu sussurrei.

Alex sentou-se e sua postura endureceu. “Gunnir?”

"Não sei." Eu balancei minha cabeça. Eu não tinha ouvido absolutamente nada, mas não podia contar a ele que tinha acabado de me convencer a não explodir sua cabeça.

Alex destrancou minha corrente, levantou-se e afastou a cômoda da porta. Antes que sua mão alcançasse a maçaneta, seus olhos rolaram pelo meu corpo envolto no cobertor. Meu traje atual deixaria Gunnir em um frenesi raivoso, então ele vasculhou a gaveta e me entregou outro par de boxers e uma camiseta. Ele abriu a porta, olhou para fora e apontou para o banheiro. Corri até o banheiro e puxei a boxer para baixo para poder fazer xixi. Já se foram os dias em que me importava com o fato de Alex estar tão perto quando eu me aliviava. Eu estava segurando isso por horas. Em vez de olhar para mim, Alex olhou para a pia de porcelana. Meus olhos caíram para a banheira, mas balancei a cabeça, recusando-me a reviver a memória cheia de mijo nem por um segundo.

Levantei-me e passei por ele para lavar as mãos. Ele foi ao banheiro e o som de seu jato colidindo com a água me mandou de volta para a banheira mais uma vez. Quando ele terminou, ele não olhou para mim. Ele estava lutando para escapar dessa memória também.

Entramos na cozinha ao som de um pássaro cantando sua canção matinal perto da janela. A bagunça culinária de Gunnir ainda cobria os balcões. Sem ser solicitado, comecei a limpar. Goste ou não, aquele buraco ainda era minha residência atual, e eu não queria morar em um chiqueiro.

Os passos pesados de Gunnir se aproximaram vindos do corredor, e minha mão parou seu movimento circular contra a panela em minha mão. Tentei me equilibrar, mas cada parte de mim tremia. Ouvi um segundo

conjunto de passos e foquei os olhos à frente, com muito medo de me virar.

“Quero jogar”, disse Gunnir com um barulho da corrente na mão.

Sam? Se ela tivesse sido trazida do quarto de Gunnir, ela estaria no epicentro do inferno. Ela estaria a um braço de distância das dolorosas garras do próprio diabo. Eu me virei e olhei para ela. Manchas pretas e azuis descoloriam a pele ao redor dos olhos, e se algum dia pensei que ela não conseguiria perder mais peso, estava enganado. Sua língua tentou molhar os lábios rachados, mas não adiantou.

Tentei chamar sua atenção, mas ela não encontrou meu olhar. Engoli em seco e soltei a esponja. Ninguém falou e Gunnir não detalhou que tipo de jogo ele tinha em mente. A expressão no rosto de Alex me disse que não seria divertido.

“Ninguém vai me perguntar o que eu quero tocar?” Gunnir cutucou.

“Não estou com humor, Gunnir,” Alex disse, cruzando os braços sobre o peito.

O sorriso sádico de Gunnir dizia que ele não se importava se mais alguém quisesse jogar. Ele queria, e isso era tudo que importava. Ele caminhou até os armários, arrastando Sam com ele, e puxou dois pires da prateleira de baixo. Agarrando a corrente na mão, ele conduziu Sam até a mesa e colocou os pires um ao lado do outro na frente de duas cadeiras. “Que tal um pequeno concurso de comida amigável?”

Alex inclinou a cabeça. “Depende do que estamos comendo.”

"Não estivessem. Eles são”, disse Gunnir, gesticulando entre Sam e eu.

Oh Deus, pensei enquanto tentava dar um passo para trás, mas não havia para onde ir. Gunnir agarrou minha corrente, arrastou Sam e eu para o gancho no chão e nos trancou no lugar. Ele fez um gesto para que caíssemos de joelhos e obedecemos.

Gunnir puxou Alex para longe de nós e eu me virei para Sam. “Sinto muito”, eu disse. “Eu não pensei bem.”

“Não faça isso, Ofélia. Eu teria feito a mesma coisa”, ela sussurrou antes de balançar a cabeça.

Meus olhos foram atraídos pelo movimento. Alex e Gunnir travaram uma discussão silenciosa. Gunnir apontava um dedo enfático para nós de vez em quando, mas eu não conseguia ouvir as palavras escapando de seus

lábios em movimento. Gunnir foi para seu colo e apontou para mim. Alex balançou a cabeça. Não precisei de intérprete para isso. Quando eles se separaram, meu estômago estava embrulhado.

Gunnir saiu da casa pela porta dos fundos e Alex pegou um dos pires na mão e deu um passo em minha direção. Ele se ajoelhou e olhou para trás antes de se inclinar para mim. “Você não vai gostar disso, mas é melhor do que a ideia original.”

Fechei os olhos. “O que estou fazendo?”

“É um concurso de comida, como ele disse. Quem limpar o prato primeiro...

Meus olhos se estreitaram. “O que estamos limpando do prato?” O olhar de Alex caiu. "Como."

"O que?" Eu disse, muito alto.

“Abaixe a voz, Ophelia.” Seus lábios se apertaram. “Lembre-se do que eu lhe disse. Tudo o que faço é tentar conseguir o melhor negócio para você. Gunnir queria que trocássemos, mas não quero que você leve a vinda de Gunnir. Você vai pegar o meu.

Encolhi os ombros e suspirei. “Bem, isso não é tão ruim. Já engoli seu gozo antes, então não é nada novo.

Ele parecia querer me beijar, mas se conteve. Se Gunnir visse algo assim, mudaria as regras do jogo.

“O que acontece se eu perder?” Perguntei.

Ele se inclinou para frente e encostou a testa na minha. "Não."



PARA LEXZANDER

" PRONTO PARA JOGAR!" Gunnir gritou enquanto fechava a porta dos fundos.

Afastei-me de Ophelia, enxugando as mãos nas calças enquanto me sentava. Quando me virei, meu estômago apertou. Gunnir segurava um ferro em brasa na mão direita. Eu não queria que Ophelia participasse

deste jogo, mas dei a ela a melhor chance de vencer. Se ela tivesse sido forçada a comer o gozo de Gunnir, ela não teria tido a menor chance.

Gunnir agarrou o outro disco e se ajoelhou na frente das meninas com um baque forte. Ele colocou o pires na sua frente e tirou o macacão. Ele tirou o pênis da cueca e puxou-o enquanto olhava para Ophelia.

Seria difícil gozar com o risco de Ophelia ser marcada pairando sobre mim, mas abri o zíper da calça e puxei meu pau para fora de qualquer maneira. Eu tive que tentar. Porém, com a forma como Ophelia olhou para mim, eu não conseguia ficar duro. Seu desespero me puxou com mais força do que Gunnir puxou seu pau. Gunnir gemeu. "Vamos lá meninas. Deixe-nos duros. "Como?" Sam perguntou.

“Beijo,” ele disse através de um grunhido.

Ophelia e Sam se entreolharam, mas nenhum deles fez nenhum movimento.

Gunnir ficou tenso ao meu lado e continuou puxando seu pau.

“Vá em frente, Ophelia”, eu disse. Não falei de maneira amorosa, mas ela sabia o que precisava fazer e que eu estava tentando ajudá-la, mesmo que não parecesse.

Ophelia brincou como uma boa menina, inclinando-se e pressionando os lábios nos de Sam. Foi tão forçado e não fez nada para me ajudar, mas funcionou perfeitamente para Gunnir. Em vez de ficar duro com o que estava acontecendo na minha frente, minha mente vagou para memórias de Ophelia. A maneira como ela ficou frustrada quando percebeu que poderia ter feito uma jogada melhor nas damas. Como seus seios balançaram e se uniram quando ela se inclinou para pegar outra das minhas peças. Isso me deixou duro, e fiquei chocado com a ideia de ela fazer uma coisa tão assexuada. Algo que me excitou porque era Ophelia sendo ela mesma.

A mão de Gunnir acelerou e ele ergueu o pires para pegar seu gozo. Concentrei-me nos pensamentos de Ophelia e inclinei-me sobre o disco quando gozei. Com um gemido saciado, Gunnir empurrou o prato na direção de Sam e as meninas pararam de se beijar. Empurrei o meu na frente de Ophelia.

Gunnir amarrou o macacão e agarrou-se ao suporte da TV para se equilibrar enquanto se levantava novamente. Fiquei de joelhos. Ele olhou

para os discos por um momento e coçou o queixo duplo. “Não, acho que isso não vai servir.”

Os olhos de Ophelia se arregalaram e saltaram para mim, mas não consegui olhar para ela. O que quer que Gunnir tivesse em mente iria esmagá-la, e eu não queria ver isso.

“Alex, quando você pensa em uma competição de alimentação, os competidores têm que comer mais do que isso, certo?” Ele virou seu sorriso de merda para mim e caminhou até a geladeira. “Quero dizer, essas garotas provavelmente conseguem entender isso com dois movimentos de língua. Não há muito esporte nisso.”

Antes que sua mão alcançasse a maçaneta quebrada, eu sabia o que ele tinha em mente.

A metade superior de seu corpo desapareceu atrás da porta da geladeira e ele remexeu por um momento. Ele sabia exatamente o que estava procurando. Ele estava apenas prolongando isso para torturar as meninas mais do que já havia feito.

A compreensão ocorreu a Ophelia e um pequeno gemido escapou de seus lábios. Esse era todo o incentivo que Gunnir precisava. Ele se levantou com um pote de maionese em uma mão e uma garrafa de Coca-Cola na outra.

“Isso mesmo”, disse ele a Ophelia. “Você se lembra deste pote, não é?” Ele mexeu-o no ar e sentiu seu conteúdo pegajoso cair no vidro.

Ela fechou os olhos.

Ele vasculhou uma gaveta e tirou dois copos medidores. Ele se virou para mim. “Você acha que uma xícara é suficiente?”

Olhei para os pires. “Não acho que esses pratinhos aguentem uma xícara inteira, e não vou limpar nossa merda do chão se ela derramar.”

“É para isso que *servem* ”, disse Gunnir, apontando para as meninas. “Eles têm que comer tudo, quer caia no chão ou não.”

“Basta tomar meia xícara, Gunnir. Droga."

Gunnir revirou os olhos e diminuiu a velocidade. Enquanto ele apertava a garrafa de Coca-Cola, o conteúdo escorria em gotas grossas. Ele tentou fazer o mesmo com o pote de maionese, mas seu suporte pegajoso se recusava a soltar. “Porra”, disse Gunnir. Ele largou a garrafa de Coca-Cola, pegou uma velha espátula de borracha de uma gaveta e raspou as

laterais do pote, jogando o conteúdo no outro copo. Prestei atenção em qual deles segurava meu gozo. Como eu suspeitava, ele inclinou a xícara sobre o pires de Ophelia.

“Errado, idiota”, eu disse.

A raiva brilhou em seus olhos, exatamente como eu esperava. Se eu conseguisse deixá-lo furioso o suficiente, ele poderia abandonar o jogo completamente e vir direto para mim. Mas não funcionou desta vez. Ele queria jogar esse jogo doentio mais do que socar meu rosto. Ele trocou as xícaras e despejou as velhas nos pires corretos.

"Tudo bem, senhoras, mãos atrás das costas."

Eles se entreolharam antes de entrelaçar os dedos nas costas, respirar fundo e se inclinar para mais perto dos pires.

“O primeiro a limpar o prato vence. O perdedor é marcado”, disse Gunnir.

Os olhos de Ophelia se voltaram para mim. Eu balancei minha cabeça. Eu não estava brincando com ela quando disse para ela não perder.

"Preparar . . . definir . . .” Sua risada distorcida cortou a tensão, deixando-os pendurados sobre os pratos como cães esperando a ordem para comer. "Ir!" Gunnir gritou batendo palmas.

Ophelia hesitou, seu cabelo caindo no prato, e eu lutei contra a vontade de encorajá-la. Eu não queria ver sua pele perfeita marcada com um “B”. *Vamos*, *ó*, eu insisti dentro da minha cabeça.

Ophelia lambeu seu prato e meu estômago se contraiu quando o dela balançou. Ela lutou contra as piadas enquanto meu frio cobria seu queixo. Abafei o encorajamento doentio de Gunnir e me concentrei em Ophelia. Sam ficou olhando para ela para ver quem estava à frente. Nenhum dos dois respirava pelo nariz e o ar respingava de suas bocas entre as lambidas. Ophelia sentou-se um segundo antes de Sam, ambos os pratos limpos e brilhantes.

Sam choramingou quando Gunnir a agarrou pela corrente e a destrancou. Ele a arrastou para a cozinha, aqueceu o ferro no fogão e fez com que o perdedor do jogo enfrentasse o castigo. Ophelia apertou os ouvidos enquanto Sam gritava, e eu tive que lutar contra a vontade de cobrir os meus, o que foi estranho porque eu nunca me esquivei dos gritos deles antes.

O cheiro de carne queimada permeava o ar e pairava sobre nós. No caos, agarrei Ophelia, destranquei-a e levei-a para um local seguro, mas ela não conseguia parar de olhar para trás enquanto caminhava.

Levei-a para o quarto, fechei a porta e empurrei-a contra ela. Afastei seu cabelo pegajoso e enxuguei as lágrimas que caíam. “Você se saiu tão bem”, eu disse. "Uma garota tão boa." Eu a puxei para mim até que seu corpo parou de balançar e os gritos na outra sala se acalmaram. Levantei seu rosto, equilibrando seu queixo na palma da minha mão.

“Tentei deixá-la vencer”, disse ela entre soluços. “Ela passou por tanta coisa. Achei que poderia aceitar esse castigo por ela, mas ela não deixou.

A hesitação. A forma como Sam continuou a observá-la. Nunca percebi o quão corajosa Ophelia era até aquele momento. Eu a puxei contra meu peito e a segurei até que seus soluços se acalmassem. “Você realmente teria levado a marca?” Perguntei.

Ela encolheu os ombros e deu uma risada fraca contra mim, mas as lágrimas que a cercaram fizeram com que soasse tão vazio. “Você já me possui e eu já tenho cicatrizes. Você não pode vê-los, mas eles estão lá. O que é mais um?

Eu a segurei longe de mim e olhei em seus olhos, com medo de que esse jogo a tivesse quebrado, com medo de que seu espírito tivesse finalmente sido esmagado pela crueldade de Gunnir. Mas o que vi diante de mim não foi uma mulher quebrada. As lágrimas diminuíram a luz dos seus olhos, mas ainda brilhavam. Quanto mais ela poderia aguentar?

Ela olhou para mim, seu lábio inferior tremendo enquanto a ameaça de mais lágrimas nublava seus olhos. Com as mãos trêmulas, ela agarrou a barra da camisa e puxou-a para longe do corpo até ficar apenas com a boxer.

"O que você está fazendo?" Perguntei. Foi algum tipo de teste? Se for assim, não foi justo. Eu falharia.

“Eu quero você, Alex,” ela sussurrou. “Eu vou para outros lugares na minha mente quando você me leva porque preciso escapar do que está acontecendo ao meu redor. Agora preciso escapar do que está acontecendo sendo levado.” Ela deu um passo à frente, pressionando o peito nu contra mim, e esperou que eu fizesse meu movimento.

Ela ficou na minha frente, vestindo nada além de minha boxer, e eu nunca tinha visto algo tão lindo. Meu olhar percorreu seu corpo e, quando olhei em seus olhos, ela parecia mais confiante do que quando sabia que tinha o último movimento que encerraria nosso jogo de damas. Eu daria a ela o que ela precisava. O que *eu* precisava.

Agarrei-a pela cintura e puxei-a comigo enquanto me sentava na cama, mantendo-a de pé entre as minhas pernas. Enganchei meus dedos no cós da boxer e puxei-os para baixo de suas coxas. Meus lábios se moveram para a parte inferior do estômago e circulei minha língua ao redor da pele sensível. Quando a puxei para meu colo, coloquei meus lábios nos dela, saboreando os restos salgados do passado, e só consegui pensar em seu pedido enquanto ela montava em mim.

Ela me quer.

Sim, ela fez parecer que eu era uma distração para ela, mas não me importei porque nunca fui desejado antes. Em qualquer qualidade. E ela sabia o quanto eu a queria. O quanto eu sempre a quis. Egoisticamente.

Mas eu seria menos egoísta.

Para ela.

Ela levantou os quadris e eu tirei minha boxer e me alinhei para que ela pudesse se abaixar sobre mim. Eu gemi quando ela deslizou pelo meu comprimento, me envolvendo em sua boceta quente e tomando cada centímetro de mim dentro dela.

“Porra, O,” eu rosnei.

Sua cabeça caiu na curva do meu pescoço e as pontas pegajosas de seu cabelo roçaram meus lábios. Chupei seu cabelo em minha boca, limpando-a de cada lembrança do que aconteceu lá fora. Quando soltei os fios, eles estavam molhados com minha saliva em vez de meu gozo. Passei seu cabelo por cima do ombro e levantei meus quadris para encontrar os dela. A intimidade crua fez meu estômago apertar de vergonha. Isso parecia tão errado quanto certo. Foi contra tudo em meu ser. Esta proximidade entrava em conflito com tudo o que eu conhecia antes de Ophelia. As mulheres deveriam ser usadas. Eles eram criaturas sem alma que dificilmente eram superiores a um cachorro.

Mas isso era mentira. Havia uma alma dentro de Ophelia, que me chamava e me encorajava a encontrar a minha. Seu corpo poderia ser usado enquanto eu ainda apreciava cada curva dele.

Dela.

Eu me levantei para conhecê-la e ela caiu em cima de mim. Minhas mãos caíram em seus quadris enquanto deixei nossos corpos falarem uma língua que eu nunca tinha falado. Eu nunca tive uma mulher no meu colo daquele jeito, perseguindo o prazer com sua própria velocidade e pressão. Ter tão pouco controle sobre ela parecia estranho, mas dei as boas-vindas ao estranho.

Meus olhos continuaram se movendo para a porta, esperando que Gunnir entrasse e visse o que estava acontecendo. Ophelia no meu colo, suas paredes de veludo me apertando enquanto ela se esfregava contra mim. Mesmo com tal ameaça pairando sobre nossos corpos, eu não queria parar.

“Você vem, ó?” Eu perguntei, mas eu sabia. Senti o pulso do seu coração excitado à volta da minha pila. A tensão e o aperto que apertaram minha base, levando meu próprio orgasmo adiante.

“Sim,” ela ofegou.

“Venha comigo,” rosnei, levantando meus quadris para dar a ela algo sólido para se esfregar, para nos levar até a borda de uma borda que nunca poderíamos voltar. “Eu quero sentir você gozar no meu pau pela primeira vez. Eu preciso sentir isso.

Quando seus espasmos pararam e os gemidos contra meu ombro se acalmaram, eu a mantive em meu colo, permanecendo enterrado dentro dela o máximo que pude. Mas não houve tempo para aproveitar o momento. Se Gunnir entrasse e visse o que estávamos fazendo, ele faria chover o inferno sobre nós dois.

“Vou descobrir como abrir os portões para você, O.” Beijei o topo de sua cabeça. "Eu prometi."

Capítulo Dezoito

OU FÉLIA

Gunnir irrompeu pela porta e nos acordou assustados. Seu lábio se curvou de desgosto ao nos ver na cama juntos.

Alex sentou-se e esfregou os olhos. “Que diabos, Gunnir?”

Gunnir jogou um vestido para mim e jogou maquiagem no chão em frente à cama.

“Vamos dar uma festa hoje à noite.” A expressão de desgosto desapareceu de seu rosto, substituída por um sorriso grotesco.

Mantendo o cobertor em volta do peito nu, levantei o vestido do chão e coloquei-o na cama. Virei-me para Alex, implorando silenciosamente que ele parasse com isso antes que continuasse. Alex ficou tenso ao meu lado, mas permaneceu onde estava.

Gunnir percebeu a dissensão e cuspiu palavras para mim que contradiziam seu tom doce. “Não pense que você pode sair dessa. Eu não me importo se você quer fazer isso. *Eu* quero." Ele sorriu. “Agora faça sua maquiagem linda.”

Eu sabia no meu íntimo que esta não era uma festa para mim. Não seria uma festa de jeito nenhum.

“Alex, tire seu traseiro patético da cama e me ajude,” Gunnir rosnou antes de se virar para sair. "Agora!" ele gritou do corredor quando Alex não se moveu.

Alex deu um aperto tranquilizador em meu ombro e saiu. Depois que a porta se fechou atrás dele, levantei-me com pernas feitas de gelatina e levantei o vestido novamente. Era um vestido barato de renda preta e curto pra caramba. Eu gemi e vasculhei a maquiagem espalhada. Eu não usava nenhum desde aquela noite no restaurante e não teria escolhido nenhuma dessas marcas ou cores. O pó barato era muito claro, o rímel provavelmente me causaria uma infecção nos olhos e o batom era de um tom berrante de vermelho.

Tirei minha camisa de flanela e coloquei o vestido, cuja bainha terminava logo após a junção entre minhas pernas. Eu possuía roupas íntimas que ofereciam mais cobertura do que isso. Olhei no espelho e desparafusei a tampa do rímel. Não pude deixar de me perguntar quantas pessoas o usaram antes de mim. Quantos morreram com ele grudado nos olhos? Passei uma camada em meus cílios e eles se curvaram para cima, espalhando-se ao redor dos meus olhos azuis. Meu cabelo estava uma confusão de emaranhados por lavá-lo sem escovar os nós primeiro. Tentei passar a mão por ele para tirar os emaranhados, mas não adiantou. Eu estava tão bagunçado quanto me sentia. Não me preocupei com pó ou batom.

Quando Alex voltou, sua respiração ficou presa na garganta ao me ver. Ele vestiu uma bela camisa e calça, seus olhos nunca me deixando. Ele parecia tão bonito em algo diferente de flanela, e eu quase disse isso em voz alta. Então me lembrei que tive que lamber a porra dele de um pires como um maldito cachorro.

Eu não estava chateado com ele por causa do que tinha acontecido, no entanto. Ele fez tudo que pôde para me proteger, e eu não fui forçada a lamber o gozo vil de Gunnir. Pelo menos o de Alex era familiar. Foi tolerável.

“Meu maldito Deus, O,” ele sussurrou enquanto enfeitava meu braço. "Você é linda."

Não me senti muito bonita, mas o jeito que ele me olhou quase me fez acreditar. Ele se inclinou perto dos meus lábios, mas se afastou quando passos pesados ecoaram pelo corredor.

A porta do quarto se abriu e Gunnir enfiou a cabeça para dentro. “Não conte a ela sobre as lembrancinhas”, ele disse balançando o dedo.

Meus olhos se ergueram para ver a roupa de Gunnir. Ele também vestiu um terno, mas isso me lembrou uma fantasia. Como um porco enfiado num smoking barato. Pelo cheiro que emanava de seu corpo, ele não se preocupou em tomar banho, mesmo nesta ocasião festiva.

Alex me levou para a sala e fiquei boquiaberta enquanto olhava em volta. Balões flutuavam pelo chão, faixas penduradas nas portas e a ilha estava decorada com lanches e bebidas em tigelas de ponche. Isso me lembrou de um baile barato.

Com os lábios apertados, Alex agarrou meus ombros e me guiou até o sofá. Algo estava errado.

Gunnir foi até a TV e ligou-a. Uma tela de DVD apareceu antes que a música começasse a tocar. Gunnir balançou seus quadris enormes ao ritmo da batida.

“Você não deveria marcar seu encontro?” Alex perguntou a Gunnir.

"Eu deveria, não deveria?" Ele desapareceu no porão.

Alex se aproximou e falou apressado. “Não beba nada que eu não lhe dê”, ele sussurrou antes de se levantar e ocupar a ilha de comida e bebida.

Meus olhos se voltaram para a porta quando ouvi passos. Sam apareceu, usando um vestido branco justo que poderia ser mais curto que o meu. Contusões recentes cobriam seu nariz e bochechas, e a marca vermelha e furiosa brilhava como néon em sua coxa. Uma crosta amarela se formou sobre ele e deve ter doído, porque ela favorecia aquele lado a cada passo dolorido. Eu queria correr até ela, abraçá-la e deixá-la saber que ela não estava sozinha nisso, mas fiquei plantado no sofá. Gunnir sentou Sam ao meu lado. Ela manteve o olhar direto para a frente, mas sua mão se atrapalhou em direção à minha quando seu diretor desviou o olhar. Ela apertou rapidamente meus dedos e os puxou para trás antes que ele pudesse perceber.

Gunnir mexeu no volume da TV, aumentando-o até que a música trovejou em meus ouvidos, abafando meus pensamentos em formação. Ele foi até a parede, apagou as luzes e acendeu uma luz estroboscópica desorientadora. Ele brilhou entre cores e senti uma onda de náusea percorrer meu corpo. Alex me assustou quando apareceu atrás de mim com uma bebida meio vazia em um copo Solo. Balancei a cabeça, mas ele colocou-o na minha mão. Quando a luz brilhou direito, vi que o copo dele também estava bem abaixo da borda da xícara. Ele entregou outra xícara a Sam, que a pegou com uma confiança aprendida — ou com um descuido adquirido. Quem diabos sabia depois de ficar preso nesta casa por tanto tempo? Alex inclinou o fundo da minha xícara, me fazendo beber o licor azedo.

Gunnir sentou-se em uma cadeira com uma xícara Solo, derramando um líquido escuro sobre sua camisa social. “Bem, levantem-se e dancem”, ele nos disse.

O que diabos está acontecendo?

O pânico rugiu através de mim. Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas não parecia algo bom. Nada do que Gunnir fez foi bom, mas isso foi de alguma forma o pior até agora. Nenhuma quantidade de balões ou decoração de festa poderia disfarçar o peso que paira sobre nossas cabeças como uma guilhotina.

Quando Sam e eu ficamos sentados, Gunnir apontou para o cinto de Alex e Alex arrancou-o das presilhas. Seu rosto se transformou em algo que eu não via há algum tempo. Algo selvagem e perigoso. Eu tinha quase certeza de que ele estava fingindo na frente de Gunnir, mas a intensidade em seu olhar era tão real.

Ficamos de pé, deixando a música nos guiar enquanto dançávamos. Forcei meus quadris a se mexerem em pequenos movimentos, tentando não chamar a atenção para mim.

O suor escorria pela testa de Sam enquanto ela levantava um braço e dançava sensualmente ao ritmo da batida. Seus olhos estavam fechados, como se ela estivesse distante em sua mente. Cada vez que eu agradecia a sua coxa, ela estremecia, mas não respondia a mais nada. Ela apenas balançou com a cabeça caída para trás.

Alex sentou-se no sofá, com os olhos fixos nos meus. O suor começou a acumular-se na minha testa. Eu não conseguia entender. Bebi apenas meia xícara daquele ponche caseiro e não estava bêbado. Isso parecia diferente do peso que o álcool trazia. Era uma leveza estranha. O suor se acumulou e brilhou no peito de Sam. Quando olhei para Gunnir, ele olhou para nós com olhos vidrados. Meus olhos encontraram os de Alex, e ele tinha um leve brilho de suor na testa. Ele sorriu e tirou a jaqueta.

Havia algo nas bebidas e não era apenas álcool.

Ele tinha me enganado? A noite passada tinha sido uma mentira para me levar a uma falsa sensação de confiança?

“Vocês, meninas, cheguem mais perto agora”, disse Gunnir enquanto bebia o resto de sua bebida.

Sam gritou e fez o mesmo, deixando cair o copo vazio no chão depois de beber o resto do líquido. Minha pele ardeu com o calor quando Sam se aproximou e balançou seu corpo quente e coberto de suor contra mim. Ela cheirava como o porão – como *o cativeiro* – e o perfume nauseante me

deu vontade de vomitar. Meu corpo vibrou enquanto a música ganhava vida própria na minha frente, dançando ao longo das paredes como sombras feitas da luz do fogo.

Gunnir gemeu em sua cadeira e senti o barulho de sua garganta vindo do outro lado da sala. Eu senti tudo.

"Beijo," Gunnir ordenou.

Balancei a cabeça, mas Sam virou-se desajeitadamente para mim e olhou para mim com olhos azuis assustadores. Quando olhei para Alex, seu sorriso se tornou sádico. Quando pronunciei a palavra *não* para ele, ele prendeu o cinto no colo. Eu me senti sozinho nesta sala hipercarregada de emoções. Eu estava sufocando. As sombras nas paredes saltaram da pintura envelhecida e ganharam vida. Suas formas escuras deslizavam pelo chão, afastando-se sempre que eu tentava olhar diretamente para elas.

As mãos quentes de Sam acariciaram meu rosto e me tiraram do pânico. Seus lábios estavam nos meus antes que eu pudesse reagir, as pontas dos dedos prendendo meu cabelo enquanto seu beijo se aprofundava. Ela tinha ainda mais gosto de cativeiro do que cheirava, como se tivesse acabado de chupar o pau de Gunnir antes de vir para esta "festa". Ou talvez fosse o suor que cobria sua pele. Bloqueei esses pensamentos e me permiti me perder em seu beijo, derretendo-me com seu toque enquanto ele se movia ao longo de meu corpo.

Quando me virei para Alex, ele desviou o olhar. Seus olhos estavam pesados e ele parecia tão perdido quanto eu. Eu vi movimento pelo canto do olho. Era Gunnir, seus olhos fixos em nós enquanto ele acariciava seu pau através da abertura aberta em sua calça. O calor pressionou minhas costas, e eu tirei meu olhar de Gunnir e me afastei do beijo de Sam. Alex estava atrás de mim, com a mão no meu quadril. Ele pressionou um copo cheio em minha mão e removeu o vazio que esqueci que estava segurando. Sem hesitar, virei a xícara e esperei mais daquele líquido estranho. Em vez disso, banhei-me na frescura refrescante da água que escorria pelos cantos da minha boca.

A mão de Sam roe a parte interna da minha coxa com um toque sedutor. Alex ficou entre nós e sussurrou algo no ouvido de Sam. Como uma mariposa cega tentando procurar luz, ela tropeçou em Gunnir e caiu de joelhos diante dos pés dele. A cabeça dela baixou para o colo dele.

Voltei-me para Alex e sussurrei: “O que está acontecendo?”

Alex agarrou minha cintura e me puxou para ele. Seus quadris se moveram com os meus enquanto ele se inclinava em direção ao meu ouvido. “Estamos chapados”, ele sussurrou.

"O que?"

“Psicodélicos. Não sei sobre você, mas estou fodido.”

Tudo fazia sentido. As sombras. O suor. Mas por que?

Antes que eu pudesse fazer a pergunta, eu respondi. “Estamos bem, mas eles nem estão no mesmo planeta”, disse ele. “Como conseguir mais água. Você precisa ficar sóbrio.

Ele agarrou minha mão e me guiou até a pia, longe da música forte que invadia meu cérebro. Ele encheu um copo e bebeu antes de enchê-lo novamente e entregá-lo para mim.

"O que diabos está acontecendo?" Eu perguntei depois de engolir o líquido. Era como se nunca tivesse bebido água suficiente para satisfazer as necessidades do meu corpo.

"Desvio. Para nós."

"Afinal, o que isso quer dizer?"

“A prostituta e Gunnir receberam o dobro da dose que demos.” “O nome dela é Sam,” eu corrigi.

Alex assentiu e puxou meus quadris em direção a ele enquanto se recostava no balcão. “Havia planos muito maiores para vocês dois esta noite, mas eu não poderia deixar Gunnir realizar o que queria fazer.” “Meu cavaleiro,” eu brinquei.

"Você não tem ideia do que eu tive que fazer para evitar que você fosse fodido por mim, meu irmão, e provavelmente o que... quero dizer, Sam também."

Inclinei-me sobre a ilha e olhei para a sala. Sam deu uma patada no colo de Gunnir, com os olhos meio abertos, e Gunnir soltou seu pau enquanto seus olhos pendiam. Ambos se foram.

“Podemos ir embora?” Perguntei.

Ele balançou sua cabeça. "Ainda não. Não é tão simples assim."

“Parece muito simples para mim. Ele está fora de si. Poderíamos sapatear porta afora e ele não perceberia o que estava acontecendo.”

“Abaixe a voz”, ele sussurrou. “Eu sei que é difícil de entender, mas ele ainda é meu irmão. Preciso de mais tempo para descobrir isso.” Ele balançou sua cabeça. “Para começar, eu precisaria de tempo para tirar essa merda do meu sistema antes de poder nos tirar daqui, e não podemos sair pela estrada a pé. Isso chamaria muita atenção. Eu vou te libertar e até irei com você, mas não estou disposto a trazer a lei até a porta dele. Ele não pode caçar mulheres se eu não estiver aqui para ajudá-lo. Ele não seria mais uma ameaça.”

Olhei de volta para Sam. “E quanto a ela? Eu não posso simplesmente deixá-la,

Alex. Não depois de tudo que ela fez por mim.

Ele encolheu os ombros e bebeu mais água. “Então a levaremos conosco se você acha que ela consegue manter a boca fechada.”

“Eu sei que ela pode. Vou conseguir um emprego para ela na lanchonete e...

“O que vocês estão fazendo aí?” Gunnir gritou da cadeira.

Alex puxou o copo da minha mão e balançou-o no ar. “Ela precisava de mais daquele soco.” Ele olhou para mim e sussurrou: “Jogue junto”.

Alex me puxou em direção à sala e empurrou minhas costas contra a parede. Sua superfície esfriou minha pele suada. Suas mãos subiram pelas minhas coxas e levantaram minha saia, então ele abriu a calça e puxou seu pau. Quando ele empurrou dentro de mim, um grunhido profundo saiu de seus lábios, e eu juro que rastejou pelo chão em direção a seu irmão, porque fez Gunnir se animar. Seus pequenos olhos estavam em mim enquanto Alex levantava minha perna e empurrava mais fundo. Quando ele soube que seu irmão estava olhando, ele me fodeu com uma demonstração possessiva de força que me fez doer. Quando seu irmão desviou o olhar, ele permaneceu dentro de mim, aproveitando meu calor com o rosto enterrado na curva do meu pescoço. Ele inalou meu cheiro e suspirou.

Com Gunnir duro mais uma vez, ele arrastou Sam para seu colo e a posicionou sobre seu pau grosso. Os olhos de Sam pousaram na parte de trás de sua cabeça enquanto Gunnir segurava sua cintura e usava seu corpo como se ela fosse uma boneca. Fechei os olhos e deixei-me sentir perdido no momento. Concentrei-me em Alex dentro de mim e fingi que estávamos

em qualquer outro lugar. Em algum lugar onde eu não tivesse uma corrente no pescoço e não fosse cativo na casa deles.

Quando abri os olhos, o que vi me fez ter esperança de estar testemunhando uma alucinação de uma viagem ruim. Sam tateou em seu decote em busca de alguma coisa. Ela o encontrou com um sorriso e segurou-o entre os dedos pálidos. O prego. Aquele que eu tossi depois de esfaquear Alex. Minha boca se abriu quando seu punho voou em direção à órbita ocular de Gunnir. Ele a deteve apertando firmemente seu pulso, deixando pouco mais de um milímetro entre a ponta e o olho. Ele sacudiu o prego da mão dela e colocou as mãos em cada lado da cabeça dela. Com seu pau ainda dentro dela, ele quebrou seu pescoço.

O corpo de Sam caiu para frente. Mesmo quando ela ficou fria contra ele, Gunnir continuou bombeando seus quadris. Ele não a empurrou do colo até terminar. Um arrepio percorreu minha espinha quando o olhar de Gunnir passou do corpo de Sam para nós. Ele se levantou e foi em direção às costas de Alex.

Tentei descobrir o nome de Alex, mas seu irmão se movia com uma velocidade que eu nunca tinha visto. Ele o arrancou de mim e o jogou no chão, pulando em cima dele antes que Alex pudesse registrar o que estava acontecendo. “Isso é culpa da sua puta!” ele gritou enquanto apontava para o corpo de Sam. Seu olhar irritado saltou para o meu. “Esse prego veio de você.”

Os olhos de Alex se arregalaram por um momento, observando a cena à sua frente. Sam estava morto, o pênis de Gunnir ainda estava exposto, e a raiva na sala me sufocou até que me perguntei se morreria em seguida.

"O que aconteceu?" Alex perguntou.

Gunnir cerrou os dentes e agarrou Alex pela camisa. "Ela tentou me esfaquear com aquele prego que sua vadia usou em você, então eu quebrei a porra do pescoço dela!"

Os olhos de Alex se estreitaram. “Gunnir, ela não fez isso. Você fez isso,” ele rosnou enquanto tentava escapar do aperto severo de seu irmão. “Assuma a responsabilidade por isso. Você levou aquela garota ao ponto de ela querer te matar por sua *causa* .

Gunnir puxou o braço para trás e deu um soco no rosto de Alex, mas uma vez não foi o suficiente para acalmar sua raiva. Seus punhos choveram

sobre sua cabeça, batendo nele até que o sangue escorreu do nariz de Alex e manchou sua camisa branca.
Gunnir não parou até que a cabeça de Alex rolou para o lado e ele ficou imóvel embaixo dele.

Eu estava preso, congelado contra a parede enquanto a cena se desenrolava na minha frente. Eu continuava esperando que fosse uma viagem ruim, mas toda vez que as luzes estroboscópicas piscavam sobre o corpo de Sam, a dura realidade era concreta demais para ser negada.

Gunnir virou-se para mim com um sorriso cruel, gotas brancas de saliva voando entre seus dentes a cada respiração ofegante. “Estamos sozinhos, garota,” ele disse enquanto se levantava e pisava em mim. Eu choraminguei quando ele deu um soco na parede perto da minha cabeça. “Olha o que você me fez fazer.” Ele apontou para o corpo de Sam. “Você teve algo a ver com isso, não foi? Você pode ter conseguido entrar na cabeça de Alex, transar com ele como se fosse namorada dele ou algo assim, mas isso vai acabar esta noite. Ele lambeu os lábios antes de agarrar meu cabelo e esticar meu pescoço.

“Por favor, não,” eu implorei, mas um olhar mais sombrio encheu seus olhos. Ele não era humano, e nenhuma súplica faria absolutamente nada para me salvar.

Gunnir apontou para o corpo de Alex. “Aposto que você não sabia que ele não gosta de ser chamado de Alex, né? Ele quer esquecer que é um Bruggar. Esqueça que ele teve que ser obrigado a levar o nome da família a sério. Ele te contou isso? Quanto tentamos arrancar dele com uma surra? Todas aquelas marcas em suas costas eram de queimaduras. Um pouco de gás e um fósforo foram suficientes para ele finalmente admitir quem era. Um maldito Bruggar. Foda-se ele como se ele não fosse um Bruggar o quanto você quiser, garota, mas saiba que ele é assim. Que você está deixando um monstro entrar em sua boceta de boa vontade.”

Gunnir rosnou e forçou minha cabeça contra a parede. Meu crânio atravessou a parede de gesso e jogou poeira e pedaços em meus pés. O golpe me deixou tonto e pisquei com força para impedir que minha visão duplicasse.

“Acredite ou não, eu me importo com ele. Eu não vou te foder, mas você vai me ajudar a superá-lo com seu pequeno problema com gozo.

Gunnir empurrou seu peso contra mim e acariciou seu pau. Sua língua viscosa saiu da boca, perigosamente perto dos meus lábios, e lutei contra a vontade de virar a cabeça. Isso o teria irritado ainda mais. O hálito azedo percorreu minha bochecha quando um gemido baixo saiu de sua garganta. Ele gozou na palma da sua mão, e lágrimas transbordaram dos meus olhos cerrados enquanto ele esfregava o seu esperma entre as minhas pernas, empurrando os dedos dentro de mim e dando um tapa na minha boceta antes de puxar a mão.

"Prossiga. Deixe-o duro e suba em seu pau.

Eu balancei minha cabeça.

"Pegar!" ele gritou e enfiou os dedos molhados na minha coxa.

Fui até Alex e me inclinei, e ele murmurou algo que era baixo demais para ser ouvido por cima da música. Gunnir veio atrás de mim e bateu na parte inferior das minhas costas com o cinto de Alex. Eu gritei, estendendo a mão para a curva da minha coluna. Sem qualquer outra opção, montei em sua cintura. Ele estava mole no começo, mas começou a responder ao meu calor, mesmo quando estava doendo.

“Ata garota,” Gunnir disse enquanto eu me inclinava para frente e colocava Alex dentro de mim.

“Sinto muito”, sussurrei no ouvido de Alex, embora não tivesse ideia do motivo pelo qual estava me desculpando. Talvez porque eu sabia que isso iria machucá-lo mais do que a surra que ele recebeu.

“Vamos, garota. Eu sei que você consegue montar um pau melhor do que isso”, disse Gunnir enquanto levantava o cinto.

Subi no colo de Alex e o som molhado entre minhas pernas se intensificou. Alex acordou e tentou parar meus movimentos colocando uma mão áspera na minha coxa. Ele piscou pesadamente enquanto tentava se levantar comigo em seu colo.

— Ah — ele sussurrou.

“Qual é a sensação, Alex?” Gunnir perguntou, caindo de joelhos e inclinando-se para mais perto de seu irmão.

"O que?" Alex perguntou, limpando o sangue do nariz.

"Meu gozo dentro dela." Gunnir olhou para mim e lambeu os lábios.

“Que porra é essa, Gunnir!” Alex gritou enquanto jogava o quadril para cima e me derrubava no chão. Bati a cabeça no chão de madeira e

gritei. Alex pulou sobre as pernas bambas enquanto limpava o pau. Ele agarrou Gunnir pela gola da jaqueta. "O que você fez com ela?"

"Eu não transei com ela, se é com isso que você está preocupado."

"Seu doente de merda." Alex deu um soco na cara do idiota, e o grandalhão caiu no chão, então sentiu a bota na barriga de Gunnir, derrubando-o de costas. Gunnir soltou uma risada estranha e fingiu lamber o sangue que chegava perto demais de seus lábios.

Alex estendeu a mão em minha direção e eu peguei sua mão. Quando fiquei de joelhos, meus olhos se fixaram em Sam. Ela parecia tão pega de surpresa, tão serena. Como se ela estivesse muito chapada quando foi morta. Esperançosamente ela estava em algum outro lugar em sua mente, o que foi uma coisa boa, eu acho. Meu estômago apertou. Seus últimos momentos foram passados com Gunnir dentro dela. Meu coração afundou no peito enquanto seus olhos azuis olhavam assustadoramente para frente. Alex me puxou e me apontou para o quarto.

“Isso não acabou!” Alex gritou por cima do ombro enquanto me empurrava para dentro do quarto e batia a porta.

Agarrei minha cabeça, tentando ignorar a dor de cabeça crescendo atrás dos meus olhos. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, Alex tirou a camisa e me puxou para seu peito largo. O zumbido de seu coração bateu contra meu ouvido.



PARA LEXZANDER

Uma raiva vermelha e cegante pulsava dentro de cada célula do meu corpo. Gunnir estava em vantagem, mas nunca esperei que ele fizesse o que fez. Fiquei realmente surpreso? Não. Nem um pouco.

"O que diabos aconteceu?" ousei perguntar.

"Não sei. . .” ela disse balançando a cabeça.

"Você tem, então fale comigo." Tentei acalmar minha voz por causa dela, mas estava gritando mentalmente.

Ela olhou para o chão. “Ele veio na mão e esfregou tudo em mim. Dentro de mim. . .”

"Ele não te fodeu?" Levantei seu queixo até que seus olhos encontraram os meus. “Nada disso é culpa sua. Você pode me dizer."

Ela balançou a cabeça. “Não, ele não fez isso.” Seu queixo tremeu. “Mas ele matou Sam.”

Eu deveria ter esperado isso. Quando Gunnir ficava bravo, ele deixava de lado tudo o que estava ao alcance do braço, assim como nosso pai havia feito. Mas por que ele a matou, uma das poucas cativas que o toleraram de alguma forma, estava além da minha compreensão.

Esta noite correu tão mal. Não saiu de acordo com o plano de ninguém. Gunnir pretendia que as duas garotas se fodessem com suas bebidas, deixando-nos sóbrios o suficiente para aproveitá-las uma com a outra antes de partirmos. Meu objetivo era manter Ophelia segura, então peguei metade de sua bebida e coloquei no Gunnir's. Mas à medida que a noite mudou, Gunnir ficou mais perturbado. Eu não esperava que ele matasse ninguém por causa disso, e eu com certeza não esperava que ele empurrasse seu gozo dentro de Ophelia só para provar um ponto.
Foda-se ele.

Guiei Ophelia até o banheiro e lavei o sangue do meu rosto enquanto ela trocava o peso sobre os dois pés. “Posso tomar banho?” ela perguntou.

Eu balancei a cabeça. Eu não queria que ele secasse em sua pele perfeita, assim como ela. Eu queria todos os vestígios dele dela. Ela tirou o vestido e eu soltei a corrente para que ela pudesse entrar no chuveiro. Ela nem fechou a cortina. Ela apenas se inclinou sob o riacho e deixou a água passar por ela.

“Sinto muito, O”, eu disse, mas não tinha certeza se ela me ouviu. Gunnir a violou, e tudo porque eu não pude protegê-la. Eu não deveria ter cutucado o urso.

As coisas iriam ficar tão feias, e nenhuma proteção manteria Gunnir longe de Ophelia, especialmente sem nenhum prisioneiro para atormentar. O delicado equilíbrio estava prestes a ser perturbado. E não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Capítulo Dezenove

PARA LEXZANDER

Joguei o prato do jantar na frente de Gunnir sem encontrar seu olhar. Ele não tentou falar comigo desde que fez o que fez. Eu nem o ajudei a se livrar do corpo de Sam. Ele queria matá-la de raiva, então tudo era culpa dele. Eu também não me importava em ver o que ele às vezes fazia com eles quando morriam.

"Uma boceta é uma boceta, mesmo que não esteja respirando."

Mais uma coisa que nos diferenciou. Garotas mortas não fizeram nada por mim. Não importa o quanto eu os usasse quando eles estavam vivos, eu não conseguia ficar duro quando eles esfriavam e o sangue endurecia em suas veias. O Homem usou um pequeno aquecedor entre as pernas antes de fodê-los daquele jeito, mas Gunnir não se incomodou. Ele não precisava do calor deles porque a queda rápida da temperatura combinava com seu coração frio.

Sentei-me e tentei mexer na minha comida. Pensei em como Ophelia se sentiu em cima de mim na cama. Eu queria mais disso.

O som esmagador do gozo de Gunnir rompeu a memória e fez meu queixo tremer. Foi um golpe baixo, mesmo para Gunnir. Ele queria me machucar da pior maneira possível, e ele fez. Eu não toquei em Ophelia desde então, deixando-a trancada no quarto como um cachorro que mijou onde não deveria. Eu me senti mal com isso porque ela não tinha feito nada de errado. Ela tinha sido vítima dele tanto quanto eu.

Empurrei as ervilhas e o molho no meu prato, chateado demais para comer.

"Alex, você ainda está bravo?" Gunnir perguntou.

Deixei cair meu garfo. "Me chame de Alexzander, Zander ou nada", retruquei. A raiva agarrou meu estômago e apertou.

Gunnir deu um tapinha na barriga depois de limpar o prato. "Qual é o seu problema?"

"Você. Você é meu problema. Você sabe que eu não quero que você toque Ophelia, mas você não apenas esfregou seu esperma na porra da boceta dela, mas também me fez persegui-lo. Você sabe como me sinto sobre isso! Minha raiva cresceu, tornando-se incandescente. Peguei a faca ao lado do meu prato e apontei para Gunnir. "Não toque nela de novo."

Gunnir afastou minha mão. “Tão bravo, irmãozinho. O Homem ficaria orgulhoso de você por ganhar um par de bolas.”

“Foda-se, Gunnir!” Enfiei a faca na mão de Gunnir com força suficiente para alojá-la nas entranhas de madeira da mesa. Sua cabeça recuou e ele soltou um grito. O sangue se espalhou pela lâmina, infiltrando-se na madeira sob a palma da mão presa.

"Você está morto!" Gunnir rosnou. Ele agarrou o cabo da faca e libertou a lâmina de sua carne. Mantive meus olhos nele enquanto ele enrolava a mão em um pano de prato antes de ir em direção ao seu quarto.

Com os membros trêmulos, levantei-me e joguei a faca na pia. Eu não sabia o que Gunnir faria a seguir, mas ele estava me forçando além dos meus limites. Coloquei os pratos na pia e fui para o quarto. Os olhos de Ophelia percorreram meu corpo. Ela começou a tremer, provavelmente porque sentiu a raiva irradiando da minha pele como um brilho de calor rolando pela calçada. Eu não iria machucá-la, no entanto. Ela era a última pessoa que eu queria machucar naquele momento. Eu queria machucar a mim mesmo ou a Gunnir, mas não a ela. Nunca mais.

"Por que você tem sangue em você?" ela perguntou, seus olhos caindo para o meu pulso.

“Porque Gunnir precisa aprender a ficar longe de você. Você não é dele para tocar, e eu estava me certificando de que ele se lembrasse disso na próxima vez que pensar sobre isso. Tirei uma camisa suja de uma pequena pilha no chão e limpei o sangue.

Isso pareceu acalmá-la e seus ombros relaxaram. "Por que você nunca me corrigiu quando chamei você de Alex?" "O que você quer dizer?"

Ela brincou com a bainha da camisa de flanela envolvendo seu pequeno corpo. “Gunnir disse que você não gosta de ser chamado de Alex, e ouvi você dizer a ele para parar de te chamar assim. Como você gosta de ser chamado?

Eu balancei minha cabeça. “Eu não me importo como você me chama, mas me irrita quando Gunnir me chama de Alex. Foi assim que minha mãe me chamou. Mas é diferente quando você diz meu nome.

Ela parou de brincar com a camisa e deixou os braços caírem ao lado do corpo. As curvas de seus seios esticaram a parte superior do tecido e minha boca encheu de água. Dei um passo para trás e passei a mão pelo meu cabelo. Eu a queria.

Deus, eu a queria, mas não conseguia parar de pensar em Gunnir reivindicando ela *e* eu com seu gozo.

“Porra, O.” Minha voz saiu em um sussurro rouco.

"O que?" ela perguntou. Ela se levantou e seus olhos fitaram minha alma.

“Não consigo superar o que ele fez com você ontem à noite.”

Eu queria reivindicá-la novamente, mas a lembrança incômoda de que eu era um Bruggar manteve meus pés costurados no chão. Eu era filho do Homem. Não seria suficiente afundar nela novamente. Eu precisaria levá-la. Inclinei-me sobre minha cômoda e tentei me impedir de apagar todo o progresso que fiz.

Ela ficou em silêncio atrás de mim. Quando o tumulto em minha mente se transformou em um sussurro e minha visão tornou-se minha novamente, me virei para encará-la.

“Você não consegue superar isso?” ela perguntou. "O que ele fez . . . o que ele me fez fazer . . .”

Em dois passos, encontrei-a onde ela estava e puxei-a para mim. "Não. Isso não tem nada a ver com você e você não merece sentir que fez algo errado. Não estou nem um pouco chateado com você. É mais do que você pode entender.”

Ela se afastou e olhou para mim. "Me conta. Ajude-me a entender."

“Não importa quem você quer que eu seja ou quem você pensa que eu sou, nunca poderei ser o que você merece. Mesmo que não seja minha culpa, mesmo que seja uma doença que alguém injetou em minhas veias, ainda estou abrigando uma infecção doentia.”

“O Homem”, ela disse. “Ele fez isso com você. Você tem que ver isso. Não é quem você é.

“Não é quem eu quero ser, mas é quem eu sou. Por que *você* não consegue ver *isso* ? Continuei machucando as pessoas, mesmo depois...” Eu me impedi de prosseguir. Ela não precisava saber o que eu tinha feito, porque ela só veria isso como uma prova do meu desejo de ser bom em vez de mau.

“Não feche”, ela disse. "Continue falando. Não é como se eu pudesse fugir depois que você revelar seus segredos.” Ela levantou a corrente e mexeu-a.

“Não é tão fácil, O. Ninguém sabe disso, nem mesmo Gunnir.” Respirei fundo. Eu não queria conversar, não queria admitir o ato covarde que me tornaria um herói aos olhos dela, mas ela implorou silenciosamente para que eu lhe desse essa parte vulnerável de mim. E eu não poderia negar a ela. “O que estou prestes a lhe contar. . . Não fiz isso por razões corajosas. Eu preciso que você entenda isso. Eu fiz isso por medo. Fiz isso porque era uma pessoa egoísta, zangada e aterrorizada.”

Ela olhou para mim e agarrou minhas mãos nas dela. Se eu tivesse sentido pena ou admiração naquele momento, teria parado ali mesmo. Em vez disso, vi aceitação. Entendimento. Foi o suficiente para me estimular.

“O Homem me acorrentou ao chão e me manteve lá por quase uma semana porque me recusei a segui-lo depois que ele trouxe uma nova garota para casa. Durante sete dias ele só me ofereceu água e palavras duras. No sétimo dia, ele a trouxe para o quarto e me soltou. Ele e Gunnir conseguiram o que queriam com ela, e ele disse que minha única maneira de sair daquela sala era fazer o que precisava ser feito.

Lágrimas brilharam nos olhos de Ophelia. Ela apertou minhas mãos, me encorajando a contar tudo.

“Ele saiu da sala, mas eu não consegui. Não foi apenas seguir seu gozo que me impediu. Foi a dor em seu rosto. O medo. Como eu poderia machucar alguém quando sabia o que significava ser machucado?”

Ela abriu a boca e eu a interrompi antes que ela dissesse o que eu sabia que ela diria.

"Não. Isso não significa que sou um santo. Eu sou tão demônio quanto o Homem e Gunnir.

Sua boca se fechou. Ela me daria isso.

“Quando ela percebeu que eu não faria nada com ela, ela olhou pela janela. 'Você vê aquelas flores?' ela perguntou. Virei a cabeça e vi uma mancha alta e branca. “Isso é cicuta”, disse ela. 'Se você me der um punhado disso, vou fingir que você fez o que ele queria que você fizesse para poder sair daqui.'”

"Você sabia?" Ofélia perguntou.

“Aquela cicuta era venenosa?” Ela

assentiu.

"Sim, eu sabia." Engoli a memória antes de permitir que tomasse forma novamente. “Minha mãe pediu isso uma vez, mas quando o Homem me viu trazendo um pedaço para ela, ele arrancou-o das minhas mãos, explicou por que ela queria e me deu uma surra por receber ordens de uma prostituta. ”

Quando fechei a boca e não continuei, ela me deu uma cutucada suave. "Continue."

Afastei minha mãe da minha mente e segui em frente. “Ela cumpriu sua palavra. Ela cumpriu sua parte no trato e, quando saí daquele quarto, cumpri a minha. Mas não consegui apenas cicuta suficiente para ela. Peguei alguns para mim. Enfiei-o nos bolsos e planejei fazer um bom chá com ele assim que pagasse pela ajuda. Pensei em sentar na sala
e tome um gole enquanto assistíamos ao noticiário da

noite.” Ophelia respirou fundo.

“Eu entrei no porão e entreguei a parte dela. Disse-lhe para esperar até mais tarde. O Homem estava a caminho de ficar bêbado, e eu

não queria que ele a encontrasse até o dia seguinte. Quando fui fazer o chá, o Homem gritou para eu trazer comida para ele. Foi quando me dei conta. Eu poderia me livrar do problema.”

“Você colocou cicuta na comida dele, não foi?”

Eu balancei a cabeça.

"Ele não provou?"

Dei de ombros e balancei a cabeça. “Se ele provou, ele nunca disse nada. Ele provavelmente estava muito bêbado.

Por mais difícil que fosse, contei o resto. Como ele começou a suar e ter convulsões. Como Gunnir entrou correndo na sala e perguntou o que havia acontecido. Como eu disse que ele estava sufocando e o idiota

acreditou. Como Gunnir gritou para eu realizar a “Manobra de Cicuta” e como eu lutei para conter um ataque de riso porque a ironia de sua escolha de palavras quase me levou ao limite. Como eu sorri enquanto o homem sufocava com o próprio vômito.

Quando terminei, Ophelia me puxou para ela e descansou a cabeça no meu peito. “Não acho que você tenha tido coragem de fazer isso”, disse ela. “Se você tivesse sido corajoso, você teria acabado com seu irmão e acabado com toda a bagunça. Você nunca teria levado outra mulher. Você nunca teria *me levado* .

Ela entendeu sem precisar ser informada. Eu o matei para salvar a mim mesmo, e não a mais ninguém, e nem fiz *isso* direito. Fiquei com Gunnir e continuei fazendo as coisas que odiava porque era tudo que sabia. E mesmo sabendo de tudo isso, ela se pressionou contra mim porque acreditava que eu poderia ser melhor. Embora uma doença saturasse minha alma, ela acreditava que eu poderia ser curado.

Inclinei seu queixo, olhei em seus olhos e prometi a mim mesmo que não iria além de um beijo. Eu não seria como O Homem. Eu seria o homem que ela via em mim.

Inclinei-me para ela e capturei sua boca com a minha. Minhas mãos descansaram contra o pulso suave e quente em seu pescoço, e entrei nela até que suas costas estivessem pressionadas contra a parede. Eu a beijei. Nossas bocas se moviam juntas, suaves e lentas, mas com uma corrente de fome que não era uma necessidade unilateral. Provei-o na sua língua, ouvi-o no gemido suave contra os meus lábios. Eu poderia reivindicá-la de uma forma que o Homem e Gunnir nunca poderiam reivindicar uma mulher. Ela era minha porque *escolheu* pertencer a mim.

Um estrondo além da porta do quarto me afastou de sua boca perfeita. “Fique aqui”, eu disse.

Saí do quarto e entrei no corredor. Outro estrondo soou na sala de estar e virei meus pés na direção do barulho. Quando dobrei a esquina, vi Gunnir com um bastão nas mãos, parado sobre o cadáver despedaçado do que antes havia sido uma lâmpada. Ele se virou com um grunhido primitivo e balançou o bastão sobre a mesa de centro, quebrando-o em dois.

"Que diabos está fazendo?" Perguntei.

Quando ele se virou para mim, seus olhos estavam vermelhos e brilhantes. “Não tenho mais nada, então ninguém deveria ter nada!” Ele bateu o bastão novamente na mesa estilhaçada.

Fechei os olhos e respirei. Eu sabia que ele se sentiria assim quando percebesse o que tinha feito. Uma vez ele percebeu que estava sozinho sem seu cativo e que tinha me pressionado demais.

“Você fez tudo isso, Gunnir. Ninguém mais."

O olhar de Gunnir encontrou o meu, e uma raiva ardente tomou conta de seu rosto. "É sua culpa."

"Como?"

“Porque não devemos gostar das meninas. Não devemos nos apegar. São objetos que não valem mais do que essa porra de abajur ou mesa.” Gunnir apontou o bastão para os restos despedaçados no chão.

Eu balancei minha cabeça. “Eu não estou apegado.”

Eu estava mentindo e ele sabia que eu estava mentindo. Deixei-me apegar a Ophelia depois de uma vida inteira evitando. Ofélia brilhou. Como uma pequena bola de luz em um mundo de trevas, ela iluminou os lugares escondidos e afugentou as sombras. Eu estava percebendo – muito lentamente – que faria qualquer coisa por ela, inclusive me tornar alguém que não fosse o demônio trazido ao mundo pelo próprio diabo.

Gunnir gritou, assumiu uma postura ampla e balançou o bastão com toda a força. Ele colidiu com a velha televisão e espalhou um jato de vidro pelo chão. “Você é um maldito mentiroso! Vejo como vocês dois se olham. Ela se move com você em vez de contra você quando você transa com ela.

Ele estava certo. Ophelia escapou para algum outro lugar em sua mente quando chegou aqui, mas isso mudou. Ela não precisava mais viajar para fora de si mesma. Ela não levantou os quadris para longe de mim, tentando colocar distância entre sua pele e meu toque. Quando eu a coloquei contra a parede na noite anterior, ela se empurrou em minha direção, me convidando a ir mais fundo. Ela não estava enojada comigo, embora eu fosse nojento. Tudo neste lugar era nojento.

Encolhi os ombros. “Eu não sei o que te dizer, Gunnir. Não sou menos Bruggar porque não preciso que eles me odeiem quando eu os fodo. É melhor quando eles não o fazem.

“Buceta,” Gunnir rosnou. “O Homem estaria rolando no túmulo se ouvisse você falar assim.”

“Isso pode ser verdade, mas nossa mãe ficaria orgulhosa, e a decepção do diabo não significa tanto quanto o orgulho de um anjo.”

Gunnir gesticulou para mim com o bastão e saiu furioso pelo corredor em direção ao seu quarto. Eu não o segui. O que eu disse o feriu profundamente, e se eu fosse atrás dele, ele poderia acertar aquele taco na minha cabeça. Eu estava prestes a ir para o meu quarto e verificar Ophelia quando ouvi um barulho vindo do quarto dele. Ele poderia estar procurando outra arma, então congelei na esquina e esperei. Se ele fosse atrás de Ophelia, eu poderia pular nas costas dele antes que ele chegasse até ela. Se ele fosse por mim. . .

A porta de um armário bateu e Gunnir saiu do quarto com o braço nas costas. Eu recuei enquanto ele caminhava em minha direção com um olhar enlouquecido. Meu olhar queria saltar para a porta do meu quarto, mas isso lhe daria uma ideia. Se eu quisesse proteger Ophelia, teria que mantê-lo vindo até mim.

E ele fez. Os cantos de sua boca se ergueram em um sorriso, o braço atrás das costas remexendo-se e balançando, colocando algo em sua mão. Não era seu rifle de caça — eu teria visto a coronha ou o cano aparecendo, mesmo ao redor de seu corpo enorme — mas poderia ter sido a pistola do Homem. Ainda assim, mantive minha posição até que ele chegou a quase dois metros de mim e puxou a mão por trás das costas.

Era uma caveira. As órbitas vazias olhavam para mim e os dentes amarelados faziam uma careta em um sorriso eterno. A carne já havia desaparecido há muito tempo.

Gunnir tossiu e pegou. “Você sabe o que eu gosto de fazer às vezes, Alex?” ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça. Eu realmente queria saber?

Ele agarrou o taco com a outra mão e, por um momento, pensei que ele jogaria a caveira para o alto e a acertaria como uma macabra bola de beisebol. Em vez disso, ele colocou o taco no chão entre as pernas, tirou o macacão e deixou o chumaço de jeans cair até os joelhos. Enquanto seu polegar acariciava o crânio, a outra mão acariciava seu pau endurecido. Com os olhos nos meus, ele levou o crânio até a virilha e empurrou a órbita

do olho direito com um gemido profundo. Meu lábio se curvou, mas ele continuou, trocando suas estocadas para mover o crânio para cima e para baixo em seu magro comprimento.

“Você sabe quem era?” ele perguntou através de um gemido que eu conhecia muito bem.

Eu balancei minha cabeça. Poderia ter sido qualquer um. Tínhamos jogado inúmeras mulheres na cova ao longo dos anos, e eu não conseguia pensar em nenhuma que ele favorecesse o suficiente para manter assim.

Um grunhido profundo surgiu de suas entranhas, e seus quadris gaguejaram enquanto ele cobria o crânio com seu gozo. “É nossa mãe.”

Eu estava quase atordoado demais para reagir. "O que?" Eu perguntei, meus punhos cerrados ao meu lado. Eu o ouvi direito? Eu não poderia. Esse foi um ato muito mais nojento do que qualquer coisa que ele havia feito antes.

Gunnir colocou a caveira no manto. O gozo pingava no espaço vazio onde deveria estar um nariz. “Eu fodo a nossa mãe, Alex”, disse ele com um sorriso malicioso. “Ela fez de você uma bucetinha, e esta é a minha maneira de retribuir. Você também deveria querer desrespeitar os restos dela. Olha o que ela fez com você. Sua prostituta te lembra nossa mãe? É isso que você gosta nela?

Eu vi vermelho. Cada sombra com clareza brilhante. Eu o protegi todo esse tempo porque ele era meu irmão. O último vínculo vivo que tive com minha mãe. Mas ele nunca fez parte dela. Ela o deu à luz a partir de seu corpo, mas ele era apenas um parasita colocado dentro dela pelo Homem. Eu estava cansado de protegê-lo.

Gunnir deu um tapinha no manto. “O problema com essas mulheres, Alex, é que no final todas elas se tornam um saco de ossos. E sua prostituta não é diferente.

A raiva me atravessou. Avancei e mergulhei em direção ao taco. Consegui colocar as mãos no punho, mas enquanto lutava para ficar de pé, as mãos dele envolveram meus antebraços e me impediram de prepará-lo para um golpe.

“Foda-se!” Eu gritei quando caímos na parede. Drywall desmoronou em volta de nossos pés.

Ele recuou um passo, mas a parede me impediu de levantar o bastão por cima do ombro. Antes que eu pudesse me afastar, ele bateu com seu peso em meu estômago, me jogando no chão sem fôlego.

Seus dedos gananciosos arrancaram o taco. "Vou me divertir transando com ela antes de matá-la, Alex."

Gunnir ergueu o bastão e bateu na minha cabeça. A dor percorreu meu crânio e um grito silencioso subiu pela minha garganta. Meu batimento cardíaco batia ritmicamente em meus ouvidos. . . ou foi o som dos passos de Gunnir se afastando?

Ofélia.

Eu tive que protegê-la.

Fiquei de joelhos e o chão caiu embaixo de mim, me jogando contra a parede. Toquei a parte de trás da minha cabeça e meus dedos encontraram um ponto quente e pegajoso. Por um momento esqueci que tinha braços e pernas quando rolei de costas e olhei para o teto. Minha cabeça pendeu para o lado e vi o morcego, com uma faixa vermelha manchada na ponta. O zumbido agudo em meus ouvidos diminuiu e gritos abafados saíram do corredor e se duplicaram em meu cérebro. O desespero tomou conta de mim quando me forcei a ficar de joelhos novamente e rastejei em direção àqueles ruídos familiares – gemidos abafados e sons rítmicos de uma briga. Vinha do outro lado do corredor.

Quarto de Gunnir.

Fiquei de pé, piscando para limpar a névoa borrada que pintava tudo. Uma onda de desorientação envolveu minhas pernas e tropecei na parede. Me firmando, continuei em direção ao meu quarto. A luz do sol entrou pela janela e me cegou, e cobri os olhos com a mão trêmula. Não ajudou. Fechei os olhos com força e tateei o quarto até encontrar o armário. Estendi a mão, tentando agarrar o metal frio, mas meus dedos só encontraram papelão, tecido e poeira. Quando minha mão finalmente envolveu a espingarda, respirei aliviada e fui em direção à cômoda. Ainda sem vontade de abrir os olhos, tateei a gaveta até encontrar as conchas. Meus dedos mal funcionavam enquanto eu lutava para carregar o tubo.

Normalmente eu teria guardado a arma assim que chegasse atrás dele. O barulho teria sido suficiente para assustá-lo e parar o que quer que estivesse fazendo. Faça-o pensar duas vezes. Porém, se o que eu pensava

que estava acontecendo estava de fato acontecendo, eu não tinha intenção de apenas assustá-lo.

Eu peguei a arma.

Mantendo a arma ao meu lado, cambaleei pelo corredor. A madeira estalou quando abri a porta com um chute e entrei em um quarto que parecia minha infância, como o dia em que encontrei minha mãe morta. Meu queixo tremeu.

Ophelia estava deitada de costas no colchão manchado de Gunnir e todas as suas roupas foram despojadas. A mão dele cobriu sua boca e suas narinas dilataram-se em um ritmo frenético sobre seus dedos. Eu me concentrei nas piores coisas. A mão dele em seu peito, o tecido da minha camisa de flanela rasgado de sua pele, o macacão sujo empoado em volta das botas. Ela voltou seu olhar injetado de sangue para mim. Ela parecia tão assustada, tão desesperada. Ela não conseguia nem desaparecer de sua mente porque ele era simplesmente vil. O medo em seu rosto me mostrou o quão presa ela estava naquele momento horrível, e meu coração se partiu em meu peito, quebrando-se em fragmentos como a lâmpada que Gunnir havia destruído.

Ele destruiu tudo.

Levantei a espingarda, tentando focar minha visão turva em uma imagem nítida. Eu sabia o que tinha que fazer, e não era só por Ophelia.

Foi para mim.

Foi para minha mãe.

Foi para todos nós.

“Gunnir!” Eu gritei. Ele levantou a cabeça dela, um gemido grosso saindo de seus lábios. Antes que ele pudesse se virar, antes que eu pudesse ver seu rosto e mudar de ideia, puxei o gatilho.

O topo de sua cabeça explodiu em uma chuva vermelha. Suas pernas dobraram embaixo dele, jogando-o no chão com um baque surdo. Os gritos de Ophelia me rasgaram. Ela se jogou para trás na cama e quando suas costas bateram na cabeceira, ela continuou gritando. Sangue e matéria cerebral pintaram sua pele.

Eu me equilibrei contra a cômoda de madeira de Gunnir, tentando me orientar. O som de um tiro sangrando na cabeça, os gritos de Ophelia e o eco do tiro criaram uma mistura nauseante de sons que continuaram a

passar pela minha mente muito depois de terem parado. Eu me forcei a me recompor por Ophelia. A espingarda escorregou da minha mão e caiu no chão, e fui para o lado dela. Ela estava chorando, suas bochechas vermelhas por causa do aperto dele em sua boca. Ela parecia tão fodidamente quebrada. Passei meus braços em volta dela e a segurei contra meu peito.

Agora eu tinha que fazer algo que seria mais difícil do que acabar com a vida do meu irmão. Eu tinha que libertar Ophelia e garantir que ninguém a machucaria novamente. Eu tive que destruir o último monstro.

Eu mesmo.

Capítulo Vinte

OU FÉLIA

Eu estava em um vórtice de emoções, cada sentimento girando e me conectando com o próximo até que não consegui separá-los. Meus ouvidos continuaram zumbindo por causa do tiro. O aperto áspero de Gunnir estava impresso em minha carne, como se ele ainda tivesse a mão na parte interna das minhas coxas enquanto abria minhas pernas. Fiquei feliz por o diabo estar morto, mas também com medo de como isso afetaria Alex. Ele tirou a vida do irmão por mim, mas eu não tinha certeza se ele tinha feito isso para me salvar ou para me manter só para ele. Essa estranha competitividade familiar parecia profunda há gerações.

Afastei-me de seu peito e olhei em seus olhos. Ele cumpriria sua promessa? Ele abriria os portões para mim? Eu teria minha resposta em breve.

“Vamos limpar você”, disse ele. Ele se afastou de mim e se virou para sair do quarto. Um amontoado escuro de sangue grudava em seu cabelo na parte de trás da cabeça.

“Alex, você está sangrando”, eu disse. "O quê ele fez pra você?"

Ele parou na porta e agarrou a moldura com a mão. Ele não se virou para mim enquanto falava. “Isso não importa agora. Como querido. Vou preparar um banho para você.

Minhas coxas tremeram quando me levantei. Eu distendi os músculos lutando para juntar minhas pernas enquanto Gunnir lutava para separá-las. Quando ele entrou no quarto de Alex com aquele olhar enlouquecido em seus olhinhos, eu sabia no que estava me metendo. Ele tentou me arrastar para seu quarto pela corrente, mas eu agarrei a perna da cama e me recusei a soltá-la. Então ele me levantou por cima do ombro, me carregou para seu quarto e...

E eu não conseguia pensar no resto. Ele não tinha chegado até mim, mas tinha estado muito perto.

Enquanto me dirigia para o corredor, parei ao pé da cama e deixei meus olhos pousarem nas pernas de Gunnir. Eu não queria olhar, mas *tive* que fazer. Eu tinha que saber que ele não iria me machucar – ou a qualquer outra pessoa – nunca mais. Meu olhar parou no bolso de trás do seu macacão. Algo leve apareceu no lábio. Algo loiro.

Passei por cima de uma linha de sangue que seguia o rastro no chão de madeira e me ajoelhei ao lado de seus pés, minha mão tremendo ao me aproximar da lembrança guardada dentro de seu bolso. Quando o puxei e percebi o que era, lágrimas brotaram dos meus olhos. Era um cabelo de cerca de sete centímetros e cortado grosseiramente, preso no centro com um elástico. O cabelo de Sam. Um troféu para seu assassino.

Apertei-o contra o peito e pedi desculpas à garota que não havíamos salvado.

"Você está vindo?" Alex chamou do banheiro.

Levantei-me, fui até o banheiro e coloquei o cabelo na mão de Alex. “Você pode enterrar isso com o corpo de Sam? Não quero que fique com o seu irmão. Ele não merece tirar mais dela do que já tomou.”

Alex ficou de pé. "Ele . . . não a enterrei, O.”

Eu balancei a cabeça. Claro que não. Um enterro teria sido muito civilizado para alguém como ele. "Você pode enterrar isso, então?"

Ele enfiou-o no bolso e saiu do banheiro. Pela primeira vez desde que cheguei ao inferno, tive privacidade. Foi um começo promissor, mas me recusei a ter muitas esperanças. Afinal, eu ainda tinha uma corrente no pescoço.

Vasculhei o armário à esquerda da pia, encontrei um pano e usei-o para limpar os respingos vermelhos da minha pele antes de entrar na banheira. A imersão morna já seria ruim o suficiente sem o sangue de Gunnir sujando as coisas. Passei pela borda da banheira e submergi, deslizando os dedos pela superfície da água. Quando me cansei de limpar as memórias da minha pele, descansei a cabeça nos joelhos e pensei em todas as vezes que estive neste banheiro depois de algum acidente horrível. Em alguns desses pesadelos, Alex tinha sido um ator-chave.

Quando isso mudou?

Mais importante ainda, quando *eu* mudei?

A mudança foi tão gradual quanto a trajetória do sol no céu — imperceptível no momento, mas inegável mesmo assim. Eu deixei de querer acabar com a vida dele e passei a não ver nenhuma vida que não o tivesse nele.

Alex voltou com uma toalha e uma muda de roupa. “Ei”, ele disse enquanto se sentava no vaso sanitário ao lado da banheira. Ele estendeu a mão e acariciou minhas costas com um toque suave que causou um arrepio em meus membros. "Desculpe." Sua mão foi para a nuca e ele estremeceu.

"Você está bem?" Perguntei.

“Não se preocupe comigo”, disse ele, tirando a mão da cabeça e sentando-se mais ereto. “Eu teria levado mais surra se achasse que isso poderia ter salvado você dele.”

"Por que você fez isso?" Eu perguntei, olhando para ele.

"O que você quer dizer?"

Eu não conseguia olhar para ele enquanto o pressionava ainda mais, então me concentrei na água. "Por que você o matou?"

Alex zombou. “Porque ele tocou em você. Eu precisava salvar você dele.

Se isso fosse verdade, se ele realmente quisesse me manter segura, ele poderia ter me deixado ir. Em vez disso, ele tentou salvar a todos. Mas quando ele foi forçado a fazer uma escolha, ele me escolheu.

Por que?

Aproximei meus joelhos de mim. “O que eu sou para você, Alex?”

Ele balançou sua cabeça. "Eu não faço ideia."

"Como é que você não sabe?"

“Não tenho como saber. Como posso dizer que quero estar com você ou que te amo quando não sei o que isso significa? O amor sempre doeu aqui, e não quero amar você se isso significar que vou te machucar mais do que já machuquei. Ele ficou sentado sem falar por um momento, depois tirou algo do bolso e se inclinou em minha direção. Suas mãos foram para a corrente, e o pequeno clique da fechadura abrindo soou como um tiro de canhão aos meus ouvidos. Quando ele se afastou, o peso de mais do que a pesada corrente deixou meu corpo. Meus olhos se levantaram para os

dele, e ele enxugou uma única lágrima que escorregou pelo seu rosto. “Você está livre agora, O. A porta da frente está aberta, como prometi.” Antes que eu pudesse responder, coloquei as roupas limpas no vaso sanitário, saí do banheiro e fechei a porta atrás dele.

Limpei-me, saí da banheira, sequei o cabelo com a toalha e enrolei-o no corpo. Carreguei as roupas debaixo do braço. Quando entrei no corredor, meus olhos se voltaram para a sala de estar. A fuga esperava por mim do outro lado da porta da frente, mas para onde eu fugiria? O

só poderia retornar ao inferno que conheci antes do inferno para o qual fui transplantado. Ficar com Alex não parecia muito mais promissor. Se ele não pudesse me amar, se já não sentisse algo por mim, não fazia sentido. Ele nem tentou entrar em mim desde que Gunnir empurrou seu gozo vil entre minhas pernas. E se Sam estivesse certo? E se eu só fosse útil para Alex enquanto fosse novo e brilhante?

Eu estava em uma encruzilhada e ambos os caminhos pareciam sombrios.

Duas estradas divergiam num bosque amarelo. . .

Minha mente se agarrou ao poema de Robert Frost, há muito esquecido, que eu dissecara para um projeto no ensino médio. Diante de dois caminhos, o homem escolheu o caminho menos percorrido. Ele se arriscou e saiu melhor por causa disso. Talvez o velho poeta estivesse no caminho certo.

Alex não sabia o que era amor, mas eu sabia. Eu poderia mostrar a ele. Ele poderia vir comigo e poderíamos construir uma nova vida. Junto. O dinheiro que guardei na casa do meu pai não seria suficiente para me mudar para a cidade como eu esperava, mas seria suficiente para sobreviver por um mês no campo enquanto decidíamos o que fazer a seguir.

Atravessei o corredor e entrei em seu quarto. Ele estava deitado na cama, olhando para o teto. Uma expressão de surpresa passou por seu rosto quando ele me viu. “Acho que você não me ouviu. A porta está aberta”, disse ele antes de se afastar de mim. “Vá, Ofélia.” Quando não saí, ele se virou e estreitou os olhos para mim. “Droga, Ophelia, o que eu
tem que fazer para você sair? Este não é um lugar para você.

“Também não é um lugar para você”, eu disse, recusando-me a recuar.

Seus olhos escureceram. “Este é exatamente o lugar para mim.” Ele ficou de pé, agarrou meus ombros e me jogou na cama. Minha toalha caiu e revelou meu corpo nu, mas não tentei me cobrir. Ele subiu em cima de mim e abriu minhas pernas com os joelhos, mas não tentei lutar contra ele. Com os braços estendidos, ele plantou os punhos em cada lado da minha cabeça. "Esse é quem eu sou. Este é quem eu sempre serei. Você não estava ouvindo quando eu contei o que aconteceu depois que matei o Homem? Continuei fazendo isso porque não consigo parar!”

“Você só está tentando me afastar”, eu disse, erguendo o queixo.

“Porque você *precisa* ser afastado. Você *precisa* ter medo de mim.

Eu balancei minha cabeça. “A escolha é minha agora. Não é seu e nem de qualquer outra pessoa. O que você está fazendo não vai me afastar. Você não pode me enganar, Alex. Meu lábio tremeu, minha força e coragem foram drenadas de mim com a confissão correndo pelos meus lábios. “Você não vai me forçar porque não é isso que você quer. Mesmo que seja, você não fará isso porque não me quis desde que Gunnir me arruinou.

A dor ficou gravada em seu rosto como um tapa. "É isso que você acha? Você acha que eu não queria entrar em você por causa do que Gunnir fez? Ele abaixou os quadris, pressionando seu comprimento duro contra mim. “Eu nunca parei de desejar você. Eu nunca parei *de precisar* de você.” Ele balançou a cabeça, seus olhos suavizando quando encontraram os meus novamente. “Você não está arruinado aos meus olhos. Você é linda e quebrada, mas tem força para se recompor. Mas se eu for com você, só vou quebrar você de novo.”

Fechei os olhos e deixei as lágrimas caírem. Suas palavras revelaram mais do que ele imaginava. Ele disse que eu não estava arruinada e, embora essa admissão me trouxesse muita alegria, o que ele não disse me deu algo que eu precisava ainda mais: esperança.

Se ele não me considerasse arruinado, só havia uma razão pela qual ele lutou contra sua vontade de me devorar. Mesmo que ele não pudesse admitir, os anos de abuso não o deixaram condenado além da salvação. Eu o vi como ele era e quem ele poderia ser. Agora ele só precisava de tempo para ver isso dentro de si.

“Venha comigo, Alex,” eu sussurrei. "Por favor."

Ele suspirou e balançou a cabeça. “Para onde iríamos?”

"Ausente. Podemos recomeçar em algum lugar diferente. Em algum lugar que não esteja aqui. Tenho um pouco de dinheiro guardado...

Ele riu e deixou cair seu peso em mim. “Você realmente acha que posso simplesmente sair daqui e esquecer o lugar que me tornou esse monstro que odeio?”

Ele estava certo. Afastar-se não foi suficiente. “Então não deixe isso. Queime tudo. Queime tudo." Ele engoliu em seco.

“Você não é este lugar, Alex. Ninguém é mais seu dono. Não o Homem ou seu irmão. Ninguém."



PARA LEXZANDER

Ó PHELIA ESTAVA certa em algumas coisas, mas ela estava completamente errada em outras. Eu pertencia àquela casa. Eu merecia ficar sozinho, tendo apenas meus pecados para me fazer companhia. Que outra opção eu tinha? Queimar este lugar e segui-la até a casa do pai dela? Este não era um conto de fadas fodido onde eu me tornaria um homem em vez de um monstro quando o feitiço fosse quebrado.

Eu conversei com ela até ficar rouco e ela ouviu, mas não me ouviu. Ela se recusou a se salvar. Se eu quisesse mantê-la segura, teria que remover a ameaça. Eu tive que fazer o que deveria ter feito tantos anos atrás.

“Tudo bem, vista-se”, eu disse.

Saí de cima dela e me afastei do que mais sentiria falta. A boca dela. O beijo dela. A maneira como ela disse meu nome. Muito mais. Tudo. O deixei-a no quarto para que eu pudesse cuidar dos negócios.

Arrastei Gunnir de casa e joguei-o na cova de ossos. Apenas dois botijões de gás permaneceram no celeiro porque Gunnir usou um nos

restos mortais de Sam. Eu precisava de um para ele, o que significava que só me sobraria um para casa. Teria que ser o suficiente. Coloquei gasolina no poço e tossi um fósforo.

Saí do celeiro e vi Ophelia encostada na caminhonete, vestindo uma calça de moletom e uma camiseta sem mangas. Foi estranho vê-la parada sob um raio de sol. Ela estava tão linda. E cansado.
E fino. Eu tinha feito isso com ela.

Mais uma razão para o que eu estava prestes a fazer.

"Espere por mim aqui fora", eu disse. "Só vou demorar um minuto."

Foi egoísta da minha parte, mas me inclinei e a beijei mais uma vez. Eu não merecia sentir seus lábios macios ou saboreá-la novamente, mas nunca precisei tanto de algo em minha vida. Quando me afastei, ela olhou para mim.

"Queime tudo", disse ela.

Eu balancei a cabeça. Eu iria incendiá-lo. Eu destruiria tudo naquela casa que a machucasse.

Voltei para dentro e espalhei o líquido nocivo por toda a casa. Comecei pelo quarto de Gunnir, fui para o meu quarto, fui até a sala e sentei no sofá com uma lata vazia. Eu queria me encharcar de gasolina, mas mal tive o suficiente para chegar à sala de estar. Esta casa tinha sido o inferno figurativo para muitos, e eu estava prestes a transformá-la num inferno literal.

Respirando fundo, fui até o quarto de Gunnir e acendi um fósforo. Atingiu a cama com uma onda de calor e chamas que cresceram e consumiram o colchão e a cabeceira de madeira seca. As cortinas empoeiradas atrás da cama explodiram em um clarão de calor e luz. Tossi o segundo fósforo no meu quarto enquanto recuava pelo corredor. Uma forte explosão de fogo alcançou o corredor e se transformou em um brilho quente. Continuei minha visita final, jogando fósforos na cozinha antes de voltar para a sala. Sentei-me no sofá e joguei mais fósforos do meu lugar. Tirei um cigarro do bolso e acendi um, deixando-o descansar entre os lábios enquanto a fumaça se misturava à névoa espessa que enchia a casa.

O calor insuportável aumentou quando me sentei e traguei o cigarro. Meus olhos ficaram pesados, deixei cair a cabeça para trás e me senti relaxado pela primeira vez em muito tempo. Finalmente acabou.

“Alexandre?” disse uma voz na minha frente. A voz da minha mãe. *“Não faça isso. Você disse que não sabia o que era amor, mas mentiu. O Homem ensinou o ódio a Gunnir, mas eu lhe ensinei o amor.*

“Foda-se, mãe. Você não sabe todas as coisas horríveis que fiz — sussurrei de volta.

“Isso não define você. O que define você é o que você faz agora. “

O calor queimou meus olhos e eu não sabia se era das chamas ou das lágrimas que ameaçavam cair. “O que estou fazendo agora é me tirar da equação. Nunca mais machucarei Ophelia. Eu me recuso a ser como Gunnir e The Man por mais um dia da minha vida.”

“Você não é eles. Você nunca foi eles, mesmo quando fez coisas como elas. Eles estavam sem consciência.”

“Estou muito machucado para ficar com ela. Eu nem sei o que me atraiu nela desse jeito.”

"Ela te lembrou de mim."

“Isso não é assustador nem nada”, eu disse, tossindo. A nuvem de fumaça rastejou pelo teto, engrossando a cada segundo que passava. Tentei me sentar, mas minha cabeça só pendia sobre um pescoço elástico enquanto o suor escorria em meus olhos. Eu estava cansado demais para limpar a dor. “Estou tentando protegê-la.”

“E o pai dela? Você já pensou em como ele continuará a machucá-la? Você jogou aquela garota da frigideira no fogo. Ophelia é boa para você porque ela mostrou o quão diferente você realmente é. Ela é corajosa, mas precisa da sua força assim como você precisa da suavidade dela.

Eu não falei. Eu não consegui. O fogo chegou perto o suficiente para aquecer minha pele e eu estava pronto para receber meu castigo final.

“Por favor, Alex. Não saia assim. Você merece mais do que pensa. Ela está perdida como você. Ela precisa de você.

Mãos me agarraram e tentei afastá-las com os braços principais.

“Alexandre!” A voz veio de um abismo, tão distante. E não era a voz da minha mãe.

Ofélia.

Suas mãos apertaram meu antebraço enquanto ela tentava me tirar do sofá, mas eu era um peso imóvel. Uma tosse seca atingiu seu peito. Se

eu não fizesse alguma coisa, ela sucumbiria à fumaça enquanto tentava me salvar. Eu me levantei, forçando minhas pernas a trabalharem embaixo de mim, porque não podia permitir que ela morresse agora, depois de tudo que passou. Apoiei meu peso contra ela, apoiando-me o máximo que pude, e seguimos até a porta. A fumaça diminuiu quando chegamos à soleira, e o ar clareou à medida que nos afastávamos da casa.

Ela me soltou e eu desabei na grama verde, ofegante enquanto tentava inalar o ar fresco. Ophelia parecia um maldito anjo ajoelhado ao meu lado, sua mão esfregando meu esterno para me encorajar a respirar.

"O que diabos você fez?" ela gritou.

“Você não entenderia.” As palavras saíram em um chiado. Virei de lado e tossi até meu peito ameaçar se abrir. “Você nunca deveria ter entrado lá atrás de mim. Você sabe o quão estúpido isso foi?

“Diz o homem que decidiu tirar uma soneca em um prédio em chamas.” Ela se recostou e tossiu na dobra do braço, depois enfiou a mão no bolso e colocou o conteúdo na minha frente.

Olhei para os itens sem acreditar. A foto da minha mãe. O desenho. O grampo de cabelo. Eu os arranquei da grama e os apertei contra o peito.

“O jogo de damas já está no carro. Peguei essas coisas enquanto você estava no celeiro.” Ela sorriu para mim. "De nada."

“Obrigado,” eu disse enquanto a puxava para mim e a beijava. "Para tudo." Outro ataque de tosse sacudiu meu peito.

“Você precisa ir para o hospital, Alex.”

Eu balancei minha cabeça. “Já passei por coisas muito piores do que isso.”

Quase morri mais vezes do que gostaria de admitir. Naquele ponto, eu estava preocupado se era realmente imortal. Incapaz de morrer. Destinado a viver com dor e tormento por toda a eternidade. E eu ainda não tinha conseguido provar o contrário.

Por causa de Ofélia. Porque ela se recusou a me deixar desistir de mim mesma.

E talvez isso tenha sido uma coisa boa. A voz da minha mãe trouxe à tona algo que eu não havia considerado. Havia outro monstro além de mim na vida de Ophelia, e eu precisava cuidar dele se quisesse mantê-la segura.

Capítulo Vinte e Um

OU FÉLIA

Encostar -me na velha caminhonete de Alex e olhar para a casa em chamas à nossa frente foi quase fortalecedor. As chamas tentaram destruir o próprio inferno, atingindo os próprios ossos da estrutura que abrigava tanto tormento. Embora parecesse impossível, estava funcionando. Engolindo, devorando e limpando a terra de todo o mal que nasceu e cresceu dentro dela. Bem, talvez não tudo. O homem ao meu lado foi baleado.

Por minha causa.

Mesmo que Alex fizesse parte deles, eu não conseguia imaginá-lo queimando naquele cemitério enquanto ainda tivesse alguns sinais de vida. Alguns sinais de humanidade.

Levantei a barra da minha camisa e enxuguei o suor da minha testa. Alex estendeu a mão e enxugou o rastro de suor que escorria do meu peito e descia pela minha barriga. Arrepios apertaram minha pele.

“Eu estaria morto se não fosse por você”, disse ele, envolvendo a mão em volta da minha cintura e me puxando para ele. Ele se inclinou e me beijou. Seu hálito cheirava a fumaça, algo sinistro e perigoso. Como algo que saiu das cinzas.

“E eu estaria morto se não fosse por você,” eu sussurrei enquanto deixei seus lábios se espalharem contra os meus.

“Não, O. Nada disso teria acontecido se eu não tivesse sequestrado você.”

Eu me afastei dele. Ele não tinha ideia. “Isso não é verdade, Alex. A morte estava sempre em cima da mesa. Antes de você. Com você. Talvez até depois de você. Você esquece de onde eu vim e para onde devo voltar.”

“Ninguém mais vai tocar em você novamente.” Ele estendeu a mão, enxugando o suor da parte inferior das minhas costas e arrastando minha calça de moletom pelas minhas coxas.

Saí deles e mantive os punhos cerrados ao lado do corpo, sem saber o que estava acontecendo. Eu queria que ele me levasse de novo, para provar que Gunnir não tinha me sujado, mas agora que isso estava acontecendo, eu estava tão confuso. Não havia nenhuma corrente em volta do meu pescoço, nenhuma razão para cumprir suas exigências, mas eu o queria tanto quanto ele me queria.

Ele me levantou até minhas pernas envolverem sua cintura. Equilibrei-me no para-lama enferrujado enquanto ele me apoiava contra a caminhonete. Ele me segurou pela cintura, abriu o zíper da calça jeans coberta de fuligem e puxou seu pau para fora. Ele empurrou dentro de mim sem inibição.

Foder fora daquela casa parecia diferente. Quase errado. Como se eu estivesse permitindo que as correntes envolvessem meu coração.

Embora não estivéssemos bem ao lado da casa, o metal do caminhão absorveu o calor do fogo e queimou a parte de trás das minhas coxas enquanto ele me fodia. Observei as chamas alcançarem o céu, sibilando enquanto consumiam a velha e maldita casa de fazenda e todos os seus segredos de merda.

Os segredos empurrando dentro de mim agora.

“Alex, pare,” eu disse, as memórias gritando enquanto um fogo de indecisão queimava minha alma.

Ele parou, ergueu meu queixo até que meus olhos encontraram os dele e balançou a cabeça. “Não, O. Você é meu, você sempre será meu, e eu preciso reivindicar sua boceta perfeita. Preciso reivindicar você fora daquela casa porque *você* é meu lar agora.” Ele empurrou dentro de mim com força suficiente para me tirar o fôlego, então agarrou o capô do caminhão para poder me foder com mais força. Do jeito que ele precisava me foder.

Observei as chamas novamente e outro fogo começou dentro de mim. No fundo do meu intestino. Passei meus braços em volta de seu pescoço e me derreti nele. Eu deixei ele levar meu corpo. Deixei que ele me possuísse como queria e comecei a aceitar e quase a desfrutar dessa propriedade.

A fricção esfregou entre minhas pernas e o fogo atingiu meu interior, limpando-me do inferno que residia dentro de mim desde que eu conseguia me lembrar. Toda a dor, mágoa e abuso que me torturaram

muito antes de Alex e seu irmão me levarem. Foi como uma queimadura controlada dentro de mim, destruindo a terra danificada da minha alma e deixando para trás o crescimento saudável.

Eu me aproximei dele, puxando sua boca para a minha e enchendo-a com meu prazer. Suas unhas cravaram-se na parte de trás da minha coxa enquanto meus espasmos atraíam os dele.

“Venha comigo,” eu gemi contra sua boca.

Ele fez isso, e foi tão libertador. O suor cobriu seu peito e encharcou minha camisa sem mangas enquanto ele se pressionava contra mim, e eu não me importei. Tomamos banho no calor e fumegamos contra o caminhão.

Quando ele teve certeza de que eu conseguiria ficar de pé sozinho novamente, ele pegou a calça de moletom. Eu me equilibrei com as mãos em seus ombros e entrei neles sem me preocupar em limpar a bagunça entre minhas pernas.

Ele deu outra olhada na casa e se virou para mim. “Você está pronto para sair daqui?”

“Definitivamente,” eu disse com um aceno de cabeça. "Você é?"

Seus ombros se ergueram em um encolher de ombros evasivo. “Eu realmente não tenho escolha. Acabei de incendiar minha casa”, disse ele com um sorriso malicioso.

Um pensamento passou pela minha cabeça. “E os seus vizinhos? E se eles chamarem a polícia? Alguém irá procurar por você?

Alex balançou a cabeça. “Não, estamos a quilômetros de qualquer outra pessoa. Este lugar costumava ser uma fazenda de porcos e tem uma área anexada a ela. As terras ao redor pertencem a agricultores com muito mais área plantada do que nós, por isso não deveriam chamar atenção. As pessoas por aqui são reservadas. Alguns deles trazem leite e ovos de vez em quando, mas posso passar por aqui e preparar alguma coisa antes que eles apareçam novamente. Diga a eles que estamos planejando deixar a floresta retomar a terra para que tenhamos mais área de caça ou algo assim.

Por quê você se importa? Eu me perguntei. Se essa façanha o levasse à prisão, seria um dilema moral a menos com que me preocupar. Mesmo assim, eu ainda me importava e não sabia como parar.

Ele jogou as chaves para mim, eu as peguei e entrei no táxi. Enquanto nos afastávamos do incêndio, um pensamento não parava de passar pela minha mente: a liberdade parecia estranha. Era ainda mais estranho estar ao lado de Alex sem uma corrente em volta do pescoço ou a ameaça de Gunnir respirando em meu pescoço. Enquanto ele olhava pela janela do passageiro, me perguntei se minha versão de liberdade parecia um cativeiro para ele. Ele estava disposto a morrer naquela casa, então como seria a vida para alguém como ele?

Nós esbarramos nos buracos da rua e eu afastei os 'e se' da minha mente. Ele me direcionou para o restaurante, já que eu não conhecia as estradas vicinais. Assim que os quilômetros desapareceram atrás de nós e o restaurante apareceu, eu estava de volta a um território familiar. Minha casa ficava a uma curta distância da lanchonete, por uma estrada sinuosa que desaparecia na espessa parede de árvores. Eu caminhava quase todas as noites porque vivia para a paz e tranquilidade daquela caminhada, mas não tinha certeza se voltaria a sair sozinho, especialmente a pé à noite. Eu ficaria com muito medo de ser levado de volta às chamas do inferno. Eu teria medo de outro monstro como Gunnir.

Um arrepio percorreu meu espinho ao pensar nele. Eu ainda lutava com a lembrança do que aconteceu. Quando meu pai fazia alguma coisa, eu desaparecia em minha mente, geralmente em um parque, sentado sob o sol forte e quente. Eu podia sentir o calor daquele sol em vez de suas mãos. Ouvi pássaros cantando em vez de seus grunhidos e gemidos. Senti a gordura formigando na parte de trás das minhas coxas, em vez de seu peso me pressionando contra o colchão. Eu tentei tanto viver naquele parque quando Gunnir estava em cima de mim, mas ele me manteve presa no momento, me forçando a sentir cada toque indesejado. Então Alex entrou na sala, sangrando e armado, e fez o que eu não pude. Ele me salvou.

Ao passarmos pelo restaurante, comecei a pensar para onde estávamos indo. De uma casa infernal para outra. A familiaridade não tornou tudo mais fácil. Fiquei me perguntando se entraríamos e encontraríamos meu pai morto, eternamente desmaiado naquela poltrona reclinável surrada. Rezei para que o álcool o tivesse matado, mas com a minha sorte, ele ainda estaria vivo, esperando para me atacar como sempre fez.

Meu lábio tremeu.

"Você está bem?" Alex perguntou quando eu parei no topo da minha garagem.

Sem responder, saltei do caminhão e retirei o dinheiro do esconderijo. Contei e fiquei feliz em ver que estava tudo lá. Coloquei-o de volta na caixa de lata e coloquei-o sob o assento assim que subi ao volante novamente. “Para onde devemos ir?” Perguntei.

“Já não estamos aqui?” Ele olhou ao redor. “Esta é a sua casa, certo?”

“Não precisamos entrar lá. Pudermos-"

Ele agarrou minha mão. "Sim nós fazemos. Você me salvou do meu inferno e é hora de retribuir o favor. Não vou deixar nada acontecer com você. Vá para casa."

Ele não deixou espaço para discussão. Coloquei a caminhonete em movimento e ela chacoalhou enquanto passávamos pela calçada cheia de buracos que eu nunca soube como consertar. Havia muitas coisas que eu não sabia como consertar, mas pensei que

talvez pudesse tentar consertar Alex. Eu não tinha ideia do que estava fazendo com meu captor. Trazendo-o para minha casa – um lugar que não parecia mais seguro que o dele.

Quando a casa apareceu, minha boca ficou seca. O que diabos eu diria ao meu pai? Como eu poderia explicar onde estive e por que trouxe um estranho para seu santuário? O lugar que foi um inferno durante a maior parte da minha vida. O lugar que me assombrou e me machucou de diferentes maneiras.

Desliguei a ignição e o motor antigo parou, deixando-nos em silêncio. Os olhos de Alex percorreram a propriedade com uma curiosidade infantil que quase me fez sorrir. Eu não tinha certeza do que ele estava olhando, no entanto. Não havia nada de especial na minha antiga casa. O concreto em ruínas e o revestimento incompatível mostravam sua idade e condição. A grama não tinha sido cortada desde que eu parti, e o sol do verão a alimentou bem. A casa dele não era muito melhor, mas ainda senti um rubor de vergonha subindo pelas minhas bochechas.

"E quanto ao seu pai?" ele perguntou.

Engoli em seco. Eu não tinha certeza do que iríamos encontrar. Isso me assustou muito, mas não tive escolha. Eu tive que ser forte.

“Fique aqui”, eu disse, embora não tivesse certeza do porquê. Talvez fosse para impedi-lo de ver como vivíamos. O cemitério de garrafas. Os cadáveres de pratos sujos e refeições pela metade que provavelmente estavam espalhados pelos balcões. Mais constrangimento. Ou talvez eu tenha pensado que seria mais fácil falar com meu pai sem Alex ao meu lado. De qualquer forma, senti que era algo que precisava fazer sozinho.

Dei outro passo, mas sua mão apertou meu pulso.

“De jeito nenhum vou deixar você entrar lá sozinha”, disse ele, com a voz firme e inabalável.

Mais uma vez, ele não deixou espaço para discussão, então saímos da caminhonete, pisando no purgatório no momento em que pisamos na grama na altura dos joelhos. Os degraus foram criados com meu peso maior quando coloquei meus pés sobre eles, e minha mão permaneceu na maçaneta de metal enferrujada enquanto me preocupava com todos os esqueletos caindo na luz do dia assim que abrisse a porta. Não era apenas um armário cheio deles. Eles encheram a casa.

Quando entrei, o cheiro de poeira do tempo me acolheu em casa. Era um perfume que foi essencial em toda a minha vida, e era tudo que eu conhecia antes de Alex e seu irmão me darem algo para comparar. Eu odiava o cheiro que sentia na casa deles, mas não conseguia decidir o que era pior: poeira e mofo ou suor e morte.

A vergonha tomou conta de mim novamente quando entramos no corredor e olhei em volta. Pela porta da cozinha pude ver as moscas circulando os resíduos de comida mofada nos pratos espalhados pelas bancadas. Garrafas vazias pontilhavam a mesa do corredor. Eles não estavam lá quando eu saí, o que significava que ele conseguiu mais álcool de alguma forma. Abracei-me e olhei para a escada que meu pai muitas vezes subia bêbado para chegar até mim. Estremeci com as lembranças.

Braços quentes me envolveram, e eu pulei e me virei, tentando parar o espasmo de pânico na minha garganta, tentando desacelerar meu coração galopante antes que ele rompesse meu esterno e caísse no chão.

"Qual é o problema?" Alex sussurrou, enxugando o suor que se acumulou em minhas têmporas. “Eu fiz algumas coisas horríveis com você e você não reagiu tão violentamente. Não entendi o quão ruim era, mas acho que estou começando a entender.” Ele cerrou a mandíbula e olhou

para a sala de estar. Reconheci aquele olhar ardente em seus olhos. Alguém estava prestes a pagar pelos seus erros e desta vez não seria eu.

Capítulo Vinte e Dois

PARA LEXZANDER

A garota na minha frente não era a mesma garota que eu tinha visto na minha casa. Nem mesmo no seu ponto mais fraco ela estava tão abalada quanto naquele momento. Foi pior do que Gunnir a fez passar? Ou foi pior porque a agressão veio de alguém parente dela? A família nunca se sentiu como uma família em nossa casa. Significava apenas que partilhávamos o mesmo sangue e, como o Homem sempre dizia, *o gozo é mais espesso que o sangue*.

"Ele está na sala?" Perguntei.

Ela fechou os olhos e uma lágrima escorreu por sua bochecha e saltou de seu queixo. Eu já tinha visto o suficiente. Dei alguns passos virando a esquina e me perguntei se ela achava estranho que eu conhecesse a planta de sua casa. Se ela percebesse que eu a persegui muito antes de levá-la. Eu logo estaria fora da vida dela para sempre, então não importava.

Mas primeiro, eu tinha que ter certeza de que ela estava segura.

O encosto da cadeira ficava de frente para mim, e ao lado havia uma garrafa de rum meio vazia. A cabeça de um homem apareceu logo acima do encosto da cadeira, sua atenção focada em um programa granulado que passava pela tela empoeirada de uma televisão. De vez em quando ele se abaixava, tomava um gole de bebida e colocava a garrafa de volta no lugar. Ele percebeu que ela havia sumido? Ele ao menos se importava? Que tipo de pai continuou a beber até morrer enquanto a filha estava desaparecida? Meu pai fez muita merda, mas nunca se esqueceu de mim. Mas meu pai também não me agrediu sexualmente. Não diretamente, pelo menos.

Avancei um passo e o chão gemeu embaixo de mim.

"Bebezinha? Isso é você?" sua voz profunda e aquosa gritou. A maneira como ele disse o apelido fez meu corpo reagir de uma forma que eu nunca havia sentido. "Pegue uma cerveja na geladeira e sente no meu colo." Ele falou num tom que nenhum pai deveria usar com seus parentes.

Sua voz assustadora rastejou pelas minhas veias como lama, e eu só podia imaginar como isso afetou Ophelia. Olhei para ela. Suas pernas estavam pressionadas juntas e eu sabia o que estava acontecendo com seu corpo. Eu sabia o que acontecia quando o medo genuíno, profundamente arraigado e que altera a mente aperta seu interior e o enche de vontade de urinar. Quando você não consegue nem ver o que está à sua frente ou respirar porque está em pânico cego. Eu conhecia aquela expressão em seu rosto, o tremor em seus membros e o modo como ela apertava os joelhos, porque eu mesmo já havia sentido esse tipo de medo.

Me quebrou vê-la experimentando isso. A reação de Ophelia ao mero som da voz de seu pai me deixou fodidamente homicida. Me deixou furioso por sua vingança.

Estendi a mão para trás e puxei minha faca de caça do suporte em meu cinto. Dei um passo à frente, mas uma mão em meu ombro me impediu.

“Alex. . .” ela sussurrou com um aceno fraco de cabeça. Seu pai nem a ouviu por causa do som do programa de TV e do efeito ensurdecedor do álcool.

Eu a guiei para trás até que sua coluna encontrasse a parede. “Não tente me impedir. Ele merece apodrecer no inferno com *meu* pai.”

Seus olhos procuraram os meus e o tremor diminuiu. “Por que você seria o único a fazer isso? Fui eu quem ele tocou.

Eu sorri com suas palavras e me inclinei para dar um beijo na boca que as pronunciou. Ata garota. Ela estava falando uma língua que eu conseguia entender. Fui eu quem tirou a vida do meu pai porque era o que mais me magoava. Eu o envenenei e vi a vida deixar seus olhos com marcas de chicotadas ainda frescas e escorrendo pelas minhas costas. Todo mundo tem um limite e ele atingiu o meu. Seu pai superou o dela na primeira vez que a tocou. Mesmo assim, eu não estava disposto a colocá-la em perigo. Eu só tinha uma faca. Se ele a desarmasse, eu não teria como protegê-la efetivamente.

“Não vou arriscar que ele machuque você mais do que já fez”, eu disse. Seus olhos imploraram para que eu lhe entregasse a faca, mas ela não discutiu com palavras.

Com a confiança de um homem que *já* matou antes, marchei em direção à cadeira da sala. “Olá, pai do ano”, eu disse, circulando em sua visão.

Ele parecia patético. Uma poça de vômito havia secado em sua camiseta rasgada, e a flanela que a cobria pendia de seu corpo magro demais. Provavelmente não tinha comido muito desde que Ophelia partiu. Bem. . . desde que ela foi levada. Ele limpou as migalhas da barba e tentou se levantar, mas caiu para trás duas vezes antes de finalmente se levantar. Quase parecia injusto atacar um homem tão bêbado. Então, novamente, ele não teve problemas em atacar uma criança indefesa, então isso equilibrou um pouco as coisas.

“Quem diabos é você?” ele rosnou. Uma nuvem de vapor de bebida velha atingiu meu rosto. Ele cheirava como um lote de uísque fermentado em uma cervejaria, e era quase o suficiente para me fazer tossir.

Senti a presença de Ophelia atrás de mim, então estendi a mão e puxei-a para o meu lado. Ela manteve os olhos fixos no chão à nossa frente, focados na garrafa de bourbon. “Você não precisa saber quem eu sou, mas você sabe quem é, certo?”

Ele tossiu. "Sim, essa é minha garotinha."

“Você não tem o direito de chamá-la assim. Se ela fosse sua garotinha, você não deveria ter tocado...

“Eu não toco na minha filha!” ele gritou, tropeçando um passo à frente.

Os olhos de Ophelia se voltaram para ele e uma onda de raiva tomou conta de seu rosto e transformou suas belas feições em algo sinistro. "Sim, você quer!" ela disse. “Como você ousa negar! Como você ousa...” Seu peito bateu e interrompeu a frase.

“Se alguma vez toquei você de forma errada, foi porque confundi você com sua mãe”, disse ele, e essa foi a desculpa mais esfarrapada que já ouvi. "Não é minha culpa."

Seu maxilar inferior tremeu, mas ela encontrou sua voz. “Quando eu tinha oito anos, pai?”

“Não chame ele assim”, eu disse. “Os homens que contribuíram para o nosso DNA não têm o privilégio de serem chamados de pai porque nunca o mereceram. Eles nunca foram pais. É por isso que chamei o meu de O

Homem. Chame o seu como quiser. Saco de merda. Doador de esperma. Maldito pedófilo imundo.
Chame-o do que quiser, mas não o chame de pai."

A atenção de seu pai saltou para mim. "Ela está mentindo para você. Ela é uma pirralha em busca de atenção. Ela sempre foi.

Se ele pensasse que eu iria atacar Ophelia por causa das palavras de algum bêbado abatido, ele teria uma agradável surpresa. Algo realmente humilhante.

A raiva brilhou em seu rosto quando eu não acreditei na besteira que ele tentou enfiar na minha garganta. Ele deu um passo em direção a Ophelia, mas eu fiquei entre eles e levantei minha faca à vista. "O que você vai fazer, punk? Me esfaquear?

"Isso é exatamente o que vou fazer, seu doente de merda." Enfiei a faca em sua barriga e ele caiu em mim. O sangue escorreu de um ponto escuro em sua camiseta e deslizou pela minha mão. Rasguei a faca para trás e o empurrei de cima de mim. Ele caiu na poltrona reclinável com um baque forte e, mesmo mortalmente ferido, pegou sua garrafa. Apertei a faca, presumindo que ele tentaria usar a garrafa como arma, mas ele apenas tirou a tampa e inclinou a boca da garrafa em direção aos lábios. "O que diabos há de errado com você, velho?"

"Não há nada certo em mim", ele ofegou. "Melhor fazer as pazes com o senhor agora, eu acho."

"O senhor não quer suas reparações," eu disse enquanto entregava a faca para Ophelia. Ela olhou para mim pedindo permissão enquanto colocava os dedos em volta da alça. Ela não precisava de permissão para obter a vingança que merecia, e agora que ele estava fraco demais para revidar, ela poderia obtê-la com segurança.

Ela deu um passo em direção a ele e se inclinou para frente, a faca ao seu lado.

"Admita que você me tocou."

"Não estou admitindo merda nenhuma," ele rosnou de volta, um rastro de sangue caindo do canto de sua boca enquanto ele falava.

"Admite!" ela gritou, as lágrimas estrangulando suas palavras.

Agarrei seu ombro. "Existem dois tipos de homens maus neste mundo. Alguém se gaba do que fez e outro nega." Eu não tinha certeza do

que era mais assustador ou mais sinistro. O pai dela ou o meu. Duas pessoas que destruíram suas famílias e construíram um mundo ao seu redor que alimentava apenas dor. Meu pai era malvado. Este homem era mau de uma maneira diferente. Independentemente disso, o diabo iria foder ambos os traseiros igualmente por toda a eternidade. “Esse homem é um maricas, O. Ele nunca vai admitir o que fez com você. Se você quer vingança, faça-a agora, antes que seja tarde demais. Meu pai gritou seus males dos telhados, mas o seu levará seu vil segredo para o túmulo. Dizer isso em voz alta significa reconhecer seu desejo doentio por crianças. Seu *próprio* maldito filho. Admitir isso significa que não foi um estupor de embriaguez que ele inventou para racionalizar o que fez. Voltei minha atenção para ele. “Não há álcool suficiente no mundo para acabar com esses desejos, seu doente.” Prometi vingança a ela, mas não pude deixar de dar um soco nele. Eu puxei meu punho para frente, batendo sua cabeça no encosto de cabeça.

Ophelia seguiu meu golpe enfiando a faca em seu peito. Ela arrancou-o e mergulhou-o novamente. Seus olhos se arregalaram em uma expressão de traição chocada. Ele nunca esperou que ela revidasse, mas ela era mais forte do que ele imaginava. Mais forte do que eu imaginava.

Ophelia soltou o cabo da faca e virou-se para mim. O sangue se misturou às lágrimas em seu rosto e correu em rios desbotados em direção ao queixo. Seu peito pesava e eu sabia que ela precisava de conforto, mas não tinha ideia de como confortar outra pessoa. Mesmo com minha mãe, o melhor que pude fazer foi garantir que ela soubesse que não estava sozinha. Eu estava apenas presente. Eu sabia como fazer isso. Eu com certeza não era a pessoa empática que ela provavelmente precisava naquele momento.

Coloquei meus braços em volta dela e a segurei desajeitadamente, e ela começou a soluçar, todo o seu corpo balançando com o poder por trás de sua dor. Seus joelhos cederam e eu a segurei e a abaixei no chão. Ela se enrolou e eu sentei atrás dela e esfreguei suas costas enquanto seus soluços se transformavam em gemidos entorpecidos e quebrados. Ela precisava de mais e eu queria dar-lhe mais, mas simplesmente não sabia como ajudar alguém que estava tão chateado.

Eu a deitei de costas e subi sobre ela, prendendo-a com um pouco do meu peso até que seu peito arfante diminuiu abaixo de mim. Ela cravou as unhas em meus braços estendidos e eu simplesmente me fiz presente. Eu era apenas uma coisa que ela poderia cavar e agarrar enquanto lutava contra o homem que sempre a assombraria. Suas mãos deixaram meus braços e pressionaram meu peito. Um grito gutural saiu de sua boca enquanto ela fechava as mãos e dava socos fracos nas minhas laterais.

"Foda-se!" ela gritou enquanto suas mãos caíam no chão de madeira. Ela ficou sem luta diante dos meus olhos. Ela deu um chute final que derrubou a garrafa de bourbon de lado e o cheiro nos envolveu.

"Tire isso daqui", eu disse a ela.

"Essa porra, você não estava com você," ela disse com um suspiro vazio.

Eu sorri. "Parte disso pode ter sido." Nós nos entreolhamos enquanto o silêncio pairava entre nós. "Desculpe, não sei como fazer isso melhor. Não estou acostumada a lidar com traumas que não causei." Eu a soltei e ela se sentou ao meu lado.

"O que nós fizemos?" ela perguntou, seus ombros finalmente relaxando.

"Isso não foi nada. Pelo menos *ele* mereceu."

"Mesmo que ele merecesse, nós simplesmente tiramos uma vida. Eu nem sei como encobrir algo assim." Ela gesticulou em direção ao corpo de seu pai.

"Eu cuidarei dessa parte. Vou envolvê-lo em alguma coisa, jogá-lo na traseira do caminhão e jogá-lo na cova com todos os outros demônios. Ele tem algum amigo? Alguém que possa vir procurá-lo?

Ela balançou a cabeça. "Costumo comprar tudo o que ele precisa. Ele apenas senta naquela cadeira e bebe até ficar estúpido. Ele raramente sai de casa."

"Isso é conveniente para você, então. Continue comprando como se estivesse comprando para duas pessoas."

Seu olhar se voltou para mim. "Vou *comprar* para duas pessoas. Você estará aqui.

"Eu não posso ficar aqui, O. Eu me certifiquei de que você estará seguro, e ficarei por aqui o tempo suficiente para ajudar aqui um pouco, mas então preciso seguir em frente. Não sei como viver uma vida normal e

não posso garantir que não vou te machucar novamente. Não sei ser um ser humano."

"Como você pode dizer que não sabe ser um ser humano?" ela disse enquanto eu me afastava dela.

"Porque não fui criado como um ser humano." Fiquei um pouco irritado com a declaração dela. Quão humano eu tinha sido com ela?

"Você quer carinho, você se sente mal quando vê alguém sofrendo e quer amar. Você é humano.

"Eu quero *seu* carinho. Eu me sinto mal quando *você* se machuca. Nunca me senti assim por mais ninguém. Eu me senti mal quando coisas horríveis aconteceram com garotas por minha causa ou de Gunnir, mas com você, meu coração realmente fica pesado. Tipo, bem no fundo do meu peito. Mantive minha mão na altura do peito e empurrei-a para baixo. "Eu sou apenas humano para você, O." "Se você não é humano, como você se vê?" "O diabo", eu disse, muito seguro de minhas palavras.

Ela baixou o olhar. "Bem, eu também não me sinto muito humano. Sou apenas um fantasma pendurado na casca vazia do que eu era." Ela ergueu os olhos para os meus. "Mas você me faz sentir viva. Mesmo nos piores momentos com você, fiquei feliz por finalmente poder sentir algo de novo." Suas bochechas coraram e eu temi que ela chorasse novamente. Inclinei-me para ela e a beijei, afastando-me o suficiente para encostar minha testa na dela.

"Então acho que podemos ser desumanos juntos. Por um tempo, pelo menos."

Capítulo Vinte e Três

Ó PHELIA Acordo na manhã seguinte na minha cama. Alex insistiu em dormir no sofá, e metade de mim se perguntou se ele fez isso para me impedir de sair no meio da noite. Nunca pensei que talvez ele planejasse fugir enquanto eu dormia. Afastei esse medo quando ouvi o cortador de grama ganhando vida abaixo da janela do

meu quarto. Quando abri as cortinas esfarrapadas, vi Alex no quintal. Ele enxugou o suor da testa enquanto se recostava, expondo o peito sem camisa ao sol. Sua pele brilhava de suor. Mesmo com água na boca por ele, eu nunca poderia esquecer as coisas que ele tinha feito comigo.

Mas eu também não conseguia esquecer as coisas que ele fez *por* mim. Ele tinha um controle sobre mim.

Saí da cama e coloquei um roupão por cima da camiseta e da calça do pijama. Foi tão bom estar com minhas próprias roupas novamente. Desci as escadas e fiz café como se não tivesse sido arrancada da minha rotina e mantida em cativeiro até a noite anterior. Observei pela janela da cozinha enquanto Alex tentava domar a selva que se espalhava pelo nosso quintal. Ele cravou os calcanhares na terra e empurrou o cortador pela grama alta. Seu corpo flexionou com o esforço, e senti a necessidade de manter meu queixo no lugar para que não caísse no chão. *Ele provavelmente foi rasgado daquele jeito por carregar cadáveres*, pensei, e senti um arrepio na espinha.

Alex tirou a camiseta do bolso e enxugou a testa. Ele desligou o cortador e entrou. “Ei,” ele disse enquanto a porta se fechava atrás dele. “Você vai precisar de muito mais gasolina para cuidar daquele gramado.” Ele enxugou a testa novamente e sentou-se à mesa da cozinha. Peguei algumas canecas do armário e coloquei café fresco nelas. Ele gostou do preto. Preferi com leite e açúcar, mas o leite estragou na minha ausência, então fiz o melhor que pude com o açúcar. Coloquei a xícara na frente dele e ele se inclinou e inalou o aroma. "Obrigado."

Sentei-me em frente a ele e tomei um gole de café. O açúcar não cortou o gosto amargo, mas eu precisava da cafeína. "Você fez . . . cuidar do meu pai?

Ele assentiu e cutucou a lateral do polegar. “Eu lidei com isso antes do sol nascer. Passamos pelas casas dos vizinhos para cobrir nossos rastros também.

Eles compraram.”

Ficamos sentados em silêncio por um momento.

“Isso é estranho, Alex,” eu disse em minha caneca.

"O que é?"

“Estarmos juntos na minha casa. Falando sobre o descarte de cadáveres e explicando aos vizinhos por que você incendiou a casa. Estranho pra caralho.

“Achei que seria demais para você. Farei o que puder por algumas das merdas que estão quebradas por aqui, depois deixarei vocês com isso. Você não me deve nada, mas se puder pelo menos me dar uma vantagem antes de chamar a polícia, eu agradeceria. Ele se levantou da mesa e saiu antes que eu pudesse formular uma resposta.

Bem, isso aumentou mais rápido do que eu esperava. Nunca tive a chance de explicar o que estava pensando. Ele simplesmente vomitou seu plano e foi embora. E o meu plano? E o que eu queria?

Abri a porta e empurrei meus pés descalços pela grama mutilada até que o encontrei curvado e mexendo em um cano preso na lateral da casa.

“Você não vai me deixar aqui assim,” eu disse, tão firmemente quanto pude.

"Como o que?" ele perguntou.

Lutei para encontrar as palavras que descrevessem como eu me sentia. “Quando eu disse que as coisas estavam estranhas, não me referia apenas às coisas estranhas pelas quais passamos. Também me refiro a esses sentimentos que tenho e que não consigo racionalizar.”

Ele se levantou e caminhou em minha direção e ficou perto o suficiente para que eu pudesse sentir o calor de seu corpo aquecido pelo sol. "O que diabos você está dizendo?"

“Estou dizendo que apesar de tudo, me apaixonei por você, Alex. Se eu consigo superar meu medo, você também consegue. Pare de ter medo. Pare de tentar correr.

“Como diabos você pôde se apaixonar por alguém como eu? Foi fácil para mim me apaixonar por você, mas eu te machuquei. Eu realmente machuquei você. Ele olhou nos meus olhos e suavizou a voz. “O amor nunca foi gentil com você, não é, Ophelia?” Balancei a cabeça, lágrimas brotando em meus olhos e borrando seu rosto.

“O amor sempre te machucou,

né?” Eu balancei a cabeça.

“Então por que você ainda iria persegui-lo? Por que você ainda iria querer o que te machuca?

“Se você quer ir embora porque não consegue ver uma vida comigo, não vou te impedir, mas se você planeja ir embora porque pode ver uma vida comigo, você não passa de um covarde. Você está tão focado na dor que me causou, mas se esquece de tudo que fez por mim. Você lutou tanto para me manter a salvo de Gunnir. Para me manter vivo. Você matou seu próprio irmão para impedir seu ataque. Você matou meu pai para garantir que ele não pudesse mais me machucar. Se você for embora, você vai me matar também.”

Minhas palavras atingiram seu rosto e fiquei feliz. Eu não iria deixá-lo fingir que ir embora significava me manter segura. Ele precisava saber a verdade. Ele não conseguiu ir embora porque as coisas estavam complicadas e confusas. Eu não deixaria. Mesmo com os punhos cerrados ao lado do corpo e a frustração crescendo em seus olhos, eu não o deixaria desistir disso. Ou ele mesmo.



PARA LEXZANDER

CAMINHEI em direção à frente da casa e estremeci enquanto as palavras dela passavam pela minha mente. Eu matei meu irmão. Eu matei o Homem. Eu matei o pai dela. Foi minha mão que destruiu os monstros que espreitavam nas sombras. Até tentei matar o último monstro, mas o cordeirinho havia arrastado o lobo mau do prédio em chamas.

Ela me seguiu, me encurralando logo após a porta da frente.

Eu me virei e agarrei seus ombros. “E todas as coisas que fiz *com* você? Como você pode agir como se eu não tivesse feito você passar pelo inferno?

Uma lágrima escorreu por sua bochecha e pingou em minha mão. “Por favor, não me peça para explicar por que e como perdoei tudo o que você fez. Eu não tenho as respostas!”

Ela encolheu os ombros e se aproximou de mim, apenas para dar golpes no meu peito. Doeu, mas eu merecia sentir um pouco da dor dela. Tudo isso, na verdade.

Mas não importa o quanto sua raiva a alimentasse, ela nunca poderia me machucar da mesma forma que eu a machuquei.

“Foda-se por ser a fonte da minha dor *e* do meu conforto!” ela gritou. “Foda-se por se tornar um amigo em vez de um inimigo! Eu te odeio por não ter matado seu irmão antes. Eu odeio que você esteja disposto a me deixar!

Foda-se!

"Por favor-"

"Não! Eu não acabei." Ela soltou um grito primitivo e enfiou o punho em minha barriga, forçando o ar a sair dos meus pulmões.

Abaixei-me para recuperar o fôlego. A raiva apertou minha pele, mas eu não machucaria Ophelia por me bater. Ela descobriria a merda. Ela era mais forte do que qualquer pessoa que eu conhecia, inclusive eu.

Ela respirou fundo. “Eu te odeio por me fazer apaixonar por você. Eu odeio que a ideia de uma vida sem você me deixe doente, porque deveria ser o oposto. Eu deveria estar feliz por você querer ir embora! Ela parou para recuperar o fôlego e eu não interrompi seu discurso. Eu queria que ela contasse tudo, não importa o quanto as palavras machucassem. “Se você sair por aquela porta, estará levando a única parte de mim que sente alguma coisa. Você não tirou o suficiente de mim?

Ela tentou desviar o olhar, mas eu agarrei seu queixo e a forcei a olhar para mim. “Você realmente acha que eu quero ir embora? Eu não, mas você está melhor sem mim e sem as memórias dolorosas entre nós. Eu quero que você continue sendo meu pra caralho. Estou absolutamente furioso por isso. Estou pronto para deixar você ir porque isso significa libertá-lo de toda a dor que lhe causei. Mas por algum motivo fodido, você quer continuar sendo meu.

Seu lábio inferior tremeu acima da minha mão. Ela precisava entender o que estava perguntando.

Dei um passo à frente, forçando-a para trás até que ela encontrou a parede. “Cuidado com o que você pede, O. Tem certeza de que quer que eu fique? Se você disser não, sairei da sua vida para sempre. Você nunca terá que se preocupar comigo esperando nas sombras. Mas se você disser sim, você está dizendo sim para tudo o que eu sou.”

“Estou dizendo que sim”, ela sussurrou.

Minha mão subiu até sua garganta e um gemido passou por seus lábios. Fui inalado aquele som, respirando-o em meus pulmões. Parecia tão familiar e errado, mas eu ainda era como os cachorros de Pavlov. Eu ainda estava condicionado a salivar sempre que ouvia isso. “Esse som ainda vai direto para o meu pau,” rosnei contra seus lábios. “Isso te assusta?”

Ela balançou a cabeça. "Não mais."

“Você deve sempre ter um pouco de medo de mim. Afinal, sou um Bruggar.

Ela olhou nos meus olhos e eu não vi mais medo ali. Eu vi desejo e necessidade. Nunca pensei que ela iria querer ficar comigo quando sentisse o gosto da liberdade novamente. Uma linda garota como ela poderia ter conseguido quem quisesse, mas ela estava escolhendo o demônio que espreitava em seus pesadelos. O demônio que *se tornou* seu pesadelo. De alguma forma, ela jogou uma capa em mim mentalmente e pensou que eu a havia salvado do horror em que a coloquei.

Meu coração batia forte contra meu peito, incapaz de compreender o que estava acontecendo.

“Eu sei que é difícil de entender”, disse ela, “e não vou fingir que você não me quebrou, mas também foi você quem me recompôs. Agora você é a cola que mantém todas essas peças no lugar.”

Eu sorri com suas palavras. “Isso é loucura para mim porque você me quebrou também. Rasgou-me e deixou a luz brilhar através das rachaduras. Mas você não apenas me recompôs. Você reorganizou tudo antes de fazer isso.

“É por isso que não tenho medo de você. Mesmo se você me aceitar como costumava fazer, não iria doer como antes.

Minha mão caiu de sua garganta e pousou em seu peito, acima dos seios. Senti a batida do coração dela sob meus dedos, calma e uniforme. Eu respirei seu perfume. "Lembra quando eu fiz você gozar?" Eu sussurrei em seu ouvido.

Ela assentiu.

“Adorei como você lutou contra o prazer até não poder mais, e percebi o quanto gostava de fazer você se sentir bem. Gostei do que o seu prazer fez comigo. Como isso me humanizou.” Afastei o cabelo da testa

dela. “Não sei como ser o que você precisa que eu seja, mas estou disposto a tentar se você me prometer algo.” "O que?" ela perguntou.

“Se eu falhar nisso, se eu falhar em ser bom com você, você me fará ir embora, ok?” Descansei uma mão quente em sua bochecha. “Prometa que vai me fazer ir embora.”

“Eu prometo,” ela sussurrou.

“Isso não significa que vou te foder gentilmente. Eu ainda sou eu. Ainda sou egoísta, especialmente quando se trata do seu corpo. Mas se você disser não, Ophelia, tentarei ao máximo parar para você. Mordi seu lábio inferior enquanto abaixava a frente de sua camiseta e agarrava seu seio. Ela gemeu em minha boca e o som me fez palpitar. Puxei seu short para baixo e a beijei enquanto liberava meu pau. Eu nunca quis tanto estar dentro dela. Nunca quis tanto sentir o céu.

“Alex,” ela sussurrou enquanto meus lábios roçavam seu pescoço.

Levantei sua coxa, assombrado por um momento enquanto me lembrava da última vez que a tinha fodido assim e de quanto horror veio depois do prazer. Nós dois tínhamos lembranças que nos atormentariam para sempre. Também encontramos uma fuga do nosso tormento.

Um com o outro.

“Eu te amo, Ophelia, e me recuso a deixar o amor te machucar desta vez.”

Ela passou os braços em volta de mim e cravou as unhas nas minhas costas enquanto eu a fodia. “Eu te amo, Alex,” ela sussurrou em meu ouvido.

Parei e olhei nos olhos dela. "Me diga de novo."

"Eu te amo."

Envolvi minha mão em volta de seu pescoço e empurrei dentro dela até encontrar seu fim. Não foi suficiente. Eu não consegui ir fundo o suficiente. Arrastei-a para a cozinha e inclinei-a sobre a mesa, agarrando-lhe as ancas para me dar mais controlo sobre o seu corpo perfeito. Inclinei meu peso sobre ela e empurrei dentro dela, empurrando o mais fundo que pude. Ela choramingou quando eu a peguei de uma forma tão familiar, mas estranha. Familiar porque era ela, mas estrangeiro porque tudo era de graça. Sua decisão de me foder. Minha decisão de ficar. Foi a primeira vez que tive escolha e sabia que o mesmo acontecia com ela. De alguma

forma, ela encontrou a liberdade no cativeiro, mas eu encontrei a minha dentro dela.

Oceano e PDF.com

Epílogo

Oceano e PDF.com

Um mês depois

PARA LEXZANDER

A liberdade foi difícil para mim no início. Coisas simples como tomar café pela manhã ou acordar ao lado de uma mulher solta me deixavam ansioso. Parecia estranho. Parecia errado. Eu não sabia o que fazer comigo mesmo quando tinha a opção de fazer qualquer coisa. Ophelia ajudou tanto quanto pôde, e eu estava aprendendo a viver.

“Ei”, ela disse ao entrar na sala e se sentar na cadeira à minha frente, com uma mesa de centro de madeira entre nós. "Você está bem?"

Assenti, mas não consegui enganá-la. Alguns dias foram mais difíceis que outros.

“Tenho algo que pode animá-lo”, disse ela com um sorriso. Ela enfiou a mão embaixo da mesa e tirou uma caixa que reconheci imediatamente: papelão esfarrapado com um gráfico na parte superior que havia desbotado com o tempo. Ela abriu e colocou o tabuleiro e as peças. Ela passou uma tira fina de fita adesiva prateada no centro do quadro e usou marcadores para preencher os quadrados. Estava erguido há anos e agora estava inteiro novamente. Ophelia era boa em consertar coisas quebradas.

Poderíamos ter contratado um novo conselho — ela aceitou um emprego diferente, com salários melhores, mais perto da cidade, e eu fiz biscates para agricultores locais —, mas gostamos desse pequeno pedaço do nosso passado. Nem todas as memórias doem.

Depois de configurar tudo, ela olhou para mim com uma mordida pecaminosa nos lábios. "Pronto para jogar?" ela perguntou, e meus olhos saltaram de sua boca perfeita para o jogo de damas entre nós.

"Você sabe que vou acabar te fodendo antes mesmo de você chegar ao meu King's Row, certo?"

“Veremos”, disse ela enquanto se inclinava para dar o primeiro passo.

Fiz um movimento de retorno e olhei para ela. Este jogo foi a única coisa que pude trazer da minha antiga vida para a nova. Uma coisa que parecia normal em um mundo incomum. Parecia seguro.

“Você está encurralado, ó?” Eu perguntei depois de mais alguns movimentos. Não era sempre que eu levava vantagem, mas às vezes eu conseguia.

Ela mordeu o lábio daquele jeito que me deixou louco, e eu ajustei minhas calças enquanto ela habilmente se manobrava para uma posição melhor. Ela saiu da situação em que a coloquei e acabou assumindo o controle do jogo.

Depois que ela me bateu completamente, só consegui olhar para o outro lado da mesa e sorrir. “Há apenas uma outra pessoa que eu amei, e essa pessoa foi minha mãe. Você me lembra muito dela. Assim que saiu da minha boca, percebi como parecia estranho. Mas era verdade.

“Isso é uma coisa muito estranha de se dizer, Alex”, ela disse com uma risada.

Um sorriso malicioso cruzou meus lábios. “Não torne isso mais estranho do que é. Você é tão forte quanto ela. Minha mãe me lembrava que eu tinha um coração todos os dias. Você foi a única pessoa a ver o que havia dentro de mim. Inclinei-me para frente, diminuí a distância entre nós e a beijei. “Eu te amo, Ophelia,” eu sussurrei contra seus lábios.



OU FÉLIA

OUVIR ele dizer que me amava fez meu coração bater mais forte contra meu peito . Todos que afirmaram me amar me machucaram. Até Alex. De alguma forma, enquanto ele passava a mão pela minha nuca e me puxava para outro beijo, acreditei que esse amor seria diferente. A maneira gentil com que seus dedos roçaram minha nuca me fez esquecer os toques ásperos. Mas às vezes eu sentia saudades daqueles toques ásperos. Eu nunca entenderia como o cérebro dele funcionava, mas tudo bem porque

eu também não entendia o meu. Eu me apaixonei pelo homem dos meus pesadelos e isso não precisava fazer sentido.

Agarrei a barra da minha camisa e puxei-a pela cabeça.

“Ophelia,” ele avisou, mas não precisava.

Eu sabia o que ele faria e gostei disso.

Seus olhos permaneceram fixos em mim enquanto eu abaixava a calça do pijama e a afastava com um chute. Ele se levantou da cadeira, empurrou a mesinha de centro para fora do caminho e ficou na minha frente enquanto tirava a calça de moletom. Ele colocou as mãos em cada lado da minha cadeira, prendendo-me entre seus braços poderosos, e me beijou. Duro, motivado e cheio de necessidade. Ele me levantou como se eu não pesasse nada e me prendeu contra a parede. Envolvi minhas pernas em volta dele, e o calor duro de seu pênis descansou entre nós. Ele puxou os quadris para trás e se colocou dentro de mim, e eu deixei cair minha cabeça contra a parede enquanto ele me preenchia. Um grunhido saiu de sua garganta e vibrou em meus lábios.

"Meu Deus, oh, você é incrível." Sua boca desceu até meu pescoço e ele beliscou minha pele. “Quando tudo estava errado, você estava tão certo.”

"Deite-me e me foda como se você ainda me tivesse trancado a sete chaves", sussurrei antes de beijar sua boca.

Ele me carregou até o tapete que cobria o velho piso de madeira e me colocou de costas. Ele caiu de joelhos, colocou as mãos em volta das minhas coxas e me puxou para mais perto dele. Houve um momento de pânico quando me lembrei de uma época, não muito tempo atrás, em que me virei e o vi entre minhas pernas. Sempre foi parecido, mas desta vez houve uma diferença.

Eu o queria.

Ele se inclinou sobre mim e beijou meus seios. “Não vou te foder como um prisioneiro, ó, mas vou te foder como se ainda fosse seu dono, porque seu corpo é meu. Isto é meu,” ele sussurrou enquanto beijava a pele acima do meu coração. "E isso também." Ele levantou a cabeça e contornou meus lábios para beijar minha testa.

Alex curvou os quadris para frente e empurrou dentro de mim. Deixei cair a cabeça para trás e deixei as lágrimas escorrerem pelas dobras das

minhas pálpebras enquanto ele me fodia. Eu não pude evitar. Senti uma onda avassaladora de amor intenso pela primeira vez em toda a minha vida, e veio da última pessoa que eu esperava. Minhas lágrimas estavam misturadas com uma felicidade que eu nunca havia experimentado. Alex conhecia minha dor e eu conhecia a dele. Eu senti isso em cada impulso enquanto ele tentava nos ajudar a esquecer toda a dor que experimentamos. Ele fez amor comigo como se eu fosse um reflexo de si mesmo e, pela primeira vez, gostou do que viu olhando para ele.

Ele se sentou e enfeitou minha fenda com os dedos. Ele me fodeu como se sua vida dependesse do meu prazer, e eu ficaria feliz em dar isso a ele. Seu polegar acariciou meu clitóris e minhas unhas cravaram em seus lados enquanto ele me aproximava cada vez mais.

Eu o puxei para mim e ofeguei contra seu ombro enquanto ele me esfregava até que eu estivesse bem perto. Tão perto.

“Eu posso sentir você apertando, O. Pare de pensar nisso. Pare de tentar gozar e deixe acontecer”, ele sussurrou enquanto movia o polegar ao longo do meu clitóris.

Concentrei-me na forma como a sua pila me esticava e na sensação dos seus dedos enquanto ele me acariciava. Seu peso pressionou em mim com cada impulso poderoso, afundando em meu...

Ele rosnou quando eu estremeci e apertei em torno dele. “Essa é uma boa garota,” ele sussurrou. Seus quadris gaguejaram contra os meus enquanto ele superava meu orgasmo. “E você é minha,” ele rosnou quando gozou dentro de mim, perseguindo meu gozo com o dele. Ele se inclinou e me beijou.

Alexzander emergiu das profundezas do inferno e me protegeu do diabo enquanto nos levantava até sentirmos a primeira brisa fresca atingir nossos rostos. Ele tentou me deixar no portão, mas eu não deixei. Ele conseguiu voltar aqui, na terra, ao meu lado. As pessoas vão se perguntar como eu pude mentir com um demônio, mas os demônios são apenas anjos caídos, e Alex caiu com muita força. Ele estava apenas disposto a se levantar novamente e fazer jus ao seu nome.



Se você gosta de histórias sombrias e depravadas como esta, dê uma olhada *Never Let Go* , outro romance sombrio de terror de cativos / captores. Books2read.com/NLG

Se você gosta de suas histórias depravadas com um pouco mais de tempero, dê uma olhada em *Toxic*
Amor e *desejos tóxicos* . Esta história já foi banida por conteúdo e também não é para os fracos de coração! Comece aqui: Books2read.com/Toxic-Love

Ambos os livros também estão disponíveis em formato de áudio com narração em dueto

Oceano e PDF.com

Conecte-se com Lauren

Confira LaurenBiel.com para se inscrever no boletim informativo e obter acesso VIP (gratuito e primeiro) às novelas picantes de Lauren e outros conteúdos bônus!

Junte-se ao grupo no Facebook para se conectar com outros fãs e discutir os livros com o autor. Visite http://www.facebook.com/ g ro p s / laurenbieltraumances para mais!

Lauren agora está no Patreon! Tenha acesso a ainda mais conteúdo e uma prévia dos próximos romances. Confira em www. p atreon.com/LaurenBielAuthor para saber mais!

Oceano e PDF.com

Agradecimentos

Gostaria de agradecer muito ao meu marido, que deu várias ideias infelizes, como a jarra e a garrafa de refrigerante. Ele continua a me apoiar à medida que minha jornada como autor fica mais sombria. Ele é meu maior fã e estou muito agradecida!

Esta história nunca teria funcionado tão bem sem minha incrível amiga/editora Brooke! Se você me perguntasse se eu a faria editar um livro tão depravado como este, eu teria lhe dito. . . Sim, Provavelmente! Obrigado por ter a mente aberta e por permanecer meu amigo quando sou um autor zilla.

Obrigado à minha PA, Christina Santos, pelo apoio inesgotável.

Muitos dos meus betas desistiram deste. Para aqueles que ficaram por aqui e leram isso, eu te amo - de uma forma estranha. Danielle G., Ash, Jay, Kolleen, Christina, Reneé, Nuzhat e outros!

Eu não seria capaz de fazer isso sem estes clientes especiais: Lori (amor especial do seu jeito, amigo!), Nineette, Rachel, Amy W., Ariel, Kimberly B., Jay, Jessica, Dimitra, Venetta e @doseofdarkromance .

Oceano e PDF.com

Também por Lauren Biel

Para ver a lista completa de livros de Lauren Biel, visite : http://www.amazon.com/Lauren-Biel/e/B09CQYDK87

Oceano e PDF.com

Sobre o autor



Lauren Biel é autora de muitos livros de romance sombrio, com vários outros títulos em andamento. Quando ela não está trabalhando, ela está escrevendo. Quando não está escrevendo, ela passa tempo com o marido, os amigos ou os animais de estimação. Você também pode encontrá-la em um passeio a cavalo ou sentada ao lado de uma cachoeira no norte do estado de Nova York. Ao ler seu trabalho, espere o inesperado.

Para ser o primeiro a saber sobre seus próximos títulos, visite www.LaurenBiel.com .

Oceano e PDF.com

Índice

Página de título
Cópia à direita
Dedicação
Conteúdo
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4

Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Epílogo
Conecte-se com Lauren
Agradecimentos
Também por Lauren Biel
Sobre o autor

Oceano e PDF.com